

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE BARON MARACH

DISCURSOS E LINGUAGEM NA REVISTA  
DO CLUBE CURITIBANO (1890 A 1912)

CURITIBA  
2013

CAROLINE BARON MARACH

DISCURSOS E LINGUAGEM NA REVISTA  
DO CLUBE CURITIBANO (1890 A 1912)

Tese apresentada como requisito à obtenção do grau de Doutor em História, no Curso de Pós-Graduação em História, Linha de Pesquisa Espaço e Sociabilidades, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Renato Lopes Leite

CURITIBA  
2013

Catálogo na publicação  
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Marach, Caroline Baron  
Discursos e linguagens na Revista do Clube Curitibano (1890 - 1912) /  
Caroline Baron Marach – Curitiba, 2013.  
167 f.

Orientador: Profº. Drº. Renato Lopes Leite  
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes  
da Universidade Federal do Paraná.

1. Revista do Clube Curitibano. 2. Clubes - História - Curitiba (PR).  
3. Cultura - História - Curitiba (PR). I. Título.

CDD 981.62

## TERMO DE APROVAÇÃO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.  
**E-mail:** cpghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br

### PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **Caroline Baron Marach** intitulada: **Discursos e Linguagem na Revista do Clube Curitibano (1890 a 1912)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

Curitiba, vinte e oito de outubro de dois mil e treze.

Prof. Dr. Renato Lopes Leite (Orientador)  
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins (UnB)  
1º Examinador

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira (UFPR)  
2º Examinador

Prof. Dr. Antonio Cesar de Almeida Santos (UFPR)  
3º Examinador

Prof. Dr. José Roberto Braga Portella (UFPR)  
4º Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

À Capes, que por meio da bolsa de pesquisa tornou viável o desenvolvimento desse trabalho.

Ao meu orientador, Professor Dr. Renato Lopes Leite, pela receptividade, apoio e disposição em me orientar.

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Paraná, especialmente à Josefina pela atenção que me foi concedida.

À Wesley Hummig pelo cuidado, atenção e conselhos. À Álvaro Gonçalves, pela amizade preciosa.

À Maria Cristina pelo suporte e compreensão em todas as horas.

À Wildiane Camargo e Sônia Duarte pelo suporte textual.

Aos meus pais, meu querido tio Marcelo, e irmão pelo apoio e carinho.

Às meus queridos amigos Bruno de Vizia, Isis Casagrande D'Angelis, Carol Lipca, Carin Wagner e Juliana Cavassin.

*Imortalidade é o que a natureza possui sem esforço e sem assistência de ninguém, e imortalidade é, pois, o que os mortais precisam tentar alcançar se desejam sobreviver ao mundo em que nasceram, se desejam sobreviver às coisas que os circundam e em cuja companhia foram admitidos por curto tempo. A História acolhe em sua memória aqueles mortais que, através de feitos e palavras, se provaram dignos da natureza, e sua fama eterna significa que eles, em que pese sua mortalidade, podem permanecer na companhia das coisas que duram para sempre.*

*H. Arendt*

## RESUMO

A presente pesquisa, cujo principal objeto de estudo foi a *Revista do Clube Curitibano* (1890-1912), permitiu-nos constatar, primeiramente, que esse periódico representa uma fonte profícua para análises dos movimentos culturais surgidos em Curitiba na passagem do século XIX para o século XX. Além de ter sido o palco em que se promoveram as ideias de escritores como Ermelino Agostinho de Leão, Dario Vellozo, Emiliano e Júlio Pernetta, Leôncio Correia, Silveira Neto, Antônio Braga, Sebastião Paraná e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, a *Revista do Clube* nos possibilitou conhecer as ideias que eram debatidas no meio letrado da capital paranaense ao longo de uma década de circulação do periódico. As edições iniciais da *Revista do Clube* coincidiram com um momento de intensificação da vida urbana na capital paranaense e refletiam as mudanças ocorridas nesse cenário no último decênio do século XIX. Se sua primeira fase de circulação (1890-1893) apresentou questão do *progresso* como uma das temáticas principais, sua segunda fase (1894-1900), completamente distinta, revelou-se acentuadamente melancólica e literária, aspectos que, conforme buscamos validar, advêm de uma transformação linguística que refletia o trauma provocado pela Revolução Federalista. O corpo documental deste trabalho, além dos artigos da *Revista do Clube* e de *O Cenáculo* (1895-1897), também abrange obras biográficas sobre os escritores e colaboradores mais assíduos do periódico. Tais agentes são entendidos aqui como “atores linguísticos”, expressão utilizada por John Pocock para designar os que operam como articuladores da linguagem de uma época, visando à defesa de interesses e à expressão de determinadas ideias e valores. Foram, portanto, mediadores da cultura de sua época, pois assumiram, de maneira engajada, posicionamentos referentes à vida em sociedade, nela desempenhando, a um só tempo, os papéis de atores, testemunhas e consciências do contexto por eles vivenciado.

Palavras-chave: História do Paraná. Clube Curitibano. Literatos. Intelectuais. Revolução Federalista. História da Linguagem e Política.

## ABSTRACT

This paper, whose main object of study was the *Curitibano Club Magazine* (1890-1912), enabled us to conclude, first, that this magazine represents a fruitful source for analysis of cultural movements that emerged in Curitiba from the late nineteenth to the twentieth century. Besides being the stage that promoted the ideas of writers such as Augustine Ermelino Agostinho de Leão, Dario Vellozo, Emiliano and Julio Pernetta, Leoncio Correia, Silveira Neto, Antonio Braga, Sebastião Paraná and Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, the *Club Magazine* also enabled us to find out the ideas that were discussed in the literate circles of Curitiba over a decade of the magazine's circulation. The first edition published by the *Club Magazine* coincided with a time of urban life intensification in the state capital and reflected changes that happened in this scenario in the last decade of the nineteenth century. That's because its first circulation phase (1890-1893) presented the issue of progress as one of the main themes. Its second phase (1894-1900), completely different than the first one, has markedly proved to be melancholic and literary with aspects, as we seek to validate, which derive from a linguistic transformation that reflected the trauma caused by the Federalist Revolution. The other sources, in addition to articles from the *Club Magazine* and *The Cenacle* (1895-1897), are biographical works about the magazine's most regular writers and contributors. We understand that these writers are "linguistic actors", a term used by John Pocock to designate the ones who operate as language articulators of an epoch, aimed at defending interests and the expression of certain ideas and values. They were, therefore, the culture mediators of their time, since they assumed, in an engaged way, positions concerning life in society, performing in it, at the same time, the roles of actors, witnesses and consciences of the context experienced by them.

Key-words: History of Paraná. Curitibano Club. Literati. Intellectuals. Federalist Revolution. History of the Political Language.

## RÉSUMÉ

Cette recherche, dont le principal objet d'étude fut la revue *Revista do Clube Curitibano* (1890-1912) nous a permis de constater, premièrement, que ce journal représente une source indispensable pour les analyses analyser le contexte culturel à Curitiba pendant le passage du XIX au XX siècle.

En plus d'avoir été la scène où ont été mises en place les idées des écrivains comme Ermelino Agostino de Leão, Dario Vellozo, Emiliano et Julio Pernetta, Leôncio Correia, Silveira Neto, Antônio Braga, Sebastião Paraná et Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, la revue *Revista do Clube* nous a offert la possibilité de connaître des idées qui étaient débattues dans le milieu lettré de la capitale du Parana sur la période d'une décennie.

Les éditions initiales de la revue *Revista do Clube* coïncidèrent avec l'intensification de la vie urbaine dans la capitale de l'état du Paraná et reflétaient les changements qui ont eu lieu dans la dernière décennie du XIX siècle. Si dans sa première phase de diffusion (1890-1893) elle a présenté la question du progrès en tant que l'une des principales thématiques, sa deuxième phase (1894-1900), complètement distincte, s'est avérée nettement mélancolique et littéraires, des aspects qui découlent d'une transformation linguistique qui reflétait le trauma dû à la Révolution Fédéraliste. Des sources utilisées, autant que des articles de la revue *Revista do Clube* et de *le Cenaculo* (1895-1897), couvre également des travaux biographiques sur les rédacteurs et des collaborateurs plus assidus du journal. Ces agents sont compris ici comme "acteurs", expression linguistique utilisé par John Pocock pour désigner ceux qui opèrent en tant que principaux interprètes de langue d'une époque, visant à la protection d'intérêts et l'expression de certaines idées et valeurs. Ils furent, par conséquent, des médiateurs de la culture de leur temps, parce qu'ils ont assumé et défendu, de manière engagée, des positionnements concernant la vie en société, à une époque précise, les rôles des acteurs, les témoins et les consciences du contexte qu'ils ont connu.

Mots-clés : Histoire du Paraná. Clube Curitibano. Littérateur. Intellectuelles. Révolution Fédéraliste. Histoire des langages politiques

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1-	CAPA DE ABRIL DE 1898.....	43
FIGURA 2-	CAPA DE 15 DE NOVEMBRO DE 1890 .....	45
FIGURA 3-	CAPA DE 6 DE JANEIRO DE 1891 .....	45

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 INSTITUIÇÃO CLUBE CURITIBANO, A REVISTA E O CONTEXTO CULTURAL</b> .....	26
2.1 Primeira fase da Revista (1890-1893) .....	36
2.2 Segunda fase (1894-1900) .....	40
2.3 Outras considerações .....	42
2.4 O grupo de escritores .....	46
<b>3 PROGRESSO EM DISCURSO</b> .....	57
3.1 Progresso científico-filosófico: o Positivismo .....	61
3.2 Progresso artístico-filosófico .....	65
3.3 Progresso moral: compreender as massas para guiá-las .....	69
3.4 República: o progresso político .....	78
<b>4 A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E O SURGIMENTO DE O CENÁCULO</b> .....	100
4.1 O <i>Cenáculo</i> : o literato como intelectual na reconstrução nacional .....	123
4.2 Indianismo e imigração .....	134
4.3 Anticlericalismo e religiosidade .....	144
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	155
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	161
<b>FONTES E DOCUMENTOS</b> .....	165

## 1 INTRODUÇÃO

“O gigante não está mais adormecido”. Tal foi a mensagem que se veiculou em 2011, em dos comerciais de uma das principais emissoras de TV do país. A ideia de que o Brasil é (ou pelo menos o foi) um gigante adormecido é bastante popular, e, sua circularidade se torna mais ou menos intensa, variando conforme o contexto e as carências sociais próprias de cada época de nossa história.

Atualmente, tal expressão é chamada novamente a figurar como integrante do léxico corrente, sendo utilizada, até mesmo, em informes publicitários televisivos destinados ao médio consumidor. O entusiasmo nacional é favorecido pelas grandes celebrações futuras, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo, que simbolizam o anseio da nação brasileira em figurar no rol das potências mundiais.

O que nos chama a atenção, no entanto, é que essa ideia tem, aproximadamente, um século, senão mais. É possível encontrá-la na *revista Clube Curitibano*<sup>1</sup>, periódico que circulou na capital paranaense entre os anos de 1890 e 1912, em um momento de otimismo com relação ao futuro do país. Tal momento também pode ser considerado um dos mais complexos da história do estado no que diz respeito à circulação de ideias e discursos. Por se tratar de uma fonte extremamente profícua para a compreensão do ideário desse contexto, a *Revista do Clube*, bem como seus principais colaboradores, são o objeto de análise da pesquisa que aqui se apresenta, cuja motivação primeira é a de compreender a ideia de progresso e seus significados possíveis que circularam nas ditas páginas, bem como investigar quem foram os seus principais difusores.

Em seu corpo de redatores e colaboradores, a *Revista do Clube* contou com literatos, jornalistas e professores de expressiva produção na imprensa diária local, dos quais a maioria já havia publicado artigos e obras que até hoje lhes conferem destaque no âmbito da cultura paranaense. Entre eles, figuraram nomes como

---

<sup>1</sup> Ao longo dos anos, o nome do periódico apresentou três grafias distintas. Inicialmente era *Club Curitybano*. A partir de 1894, esse título passou a ser grafado *Club Coritibano*, mudança que foi justificada em nota por Dario Vellozo como uma busca pela “uniformidade orthographica e por parecer mais correcto e harmônico”. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 15, p. 3). A última grafia do nome, *Clube Curitibano*, permanece até os dias de hoje. A fim de evitar confusões, optamos por utilizar ora a denominação *Revista do Clube*, ora simplesmente *Revista*, quando nos referimos ao periódico e empregamos *Clube Curitibano* quando tratamos da instituição.

Ermelino Agostinho de Leão, Dario Vellozo, os irmãos Emiliano e Júlio Pernetta, Leôncio Correia, Silveira Neto, Antônio Braga, Sebastião Paraná e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo. Esses escritores, que compunham uma parcela do escol curitibano, propunham-se a encaminhar a população local ao que acreditavam ser o melhor, para todos, em termos de desenvolvimento moral, intelectual e econômico.

Para além da sede do Clube Curitibano, os escritores da revista em análise se reuniam em diferentes espaços da capital paranaense – imprensa, círculos literários, outros clubes e instituições culturais –, onde eles travavam debates e congregavam ideias e discursos.

São vários os estudos contemporâneos que têm buscado esclarecer os diferentes aspectos da atuação sociocultural de alguns dos colaboradores da *Revista do Clube*. No entanto, em tais trabalhos não se aborda a contribuição desses escritores especificamente no periódico. Foca-se a participação deles em movimentos culturais que emergiram na época, como o Simbolismo<sup>2</sup>, o anticlericalismo<sup>3</sup> e o republicanismo, a respeito dos quais nos ateremos a discutir mais apropriadamente ao longo do trabalho.

Embora esta investigação não tenha focado em nenhum desses movimentos em particular, foi possível reconhecer – nos artigos de opinião, notas e traduções que compõem a *Revista do Clube* – traços da estética simbolista e dos discursos anticlerical e republicano. Por essa razão, buscou-se estabelecer as possíveis relações entre tais movimentos e o periódico e se defendeu a hipótese de que a diversidade de discursos da revista refletiu a polifonia que caracterizava o contexto cultural da passagem do século XIX para o século XX, não só em Curitiba, mas em todo o estado do Paraná e, por essa razão, o periódico favorece a compreensão desse contexto.

---

<sup>2</sup> Em linhas gerais, o Simbolismo pode ser definido como uma estética literária pós-romântica, voltada para a abstração e para o mistério, que floresceu juntamente com o decadismo. (BALHANA et al., 1991, p. 454). Caracterizado como um novo método poético, o Simbolismo assumiu-se como uma semântica da insinuação, isto é, as palavras apenas sugeriam, por meio de sensações imagéticas, o que o autor estava pretendendo dizer, cabendo ao leitor a tarefa de deduzir-lhes o sentido. Esse movimento chegou ao Paraná no período posterior à Revolução Federalista, graças aos esforços principalmente de Jean Itiberê e Luiz Murat.

<sup>3</sup> Esse movimento, que em Curitiba foi liderado por Dario Vellozo, chegou à capital paranaense por meio das ideias republicanas e positivistas, como expressão do livre-pensamento, tanto em termos artísticos, estéticos, políticos e, sobretudo religiosos. Sua consolidação ocorreu como uma reação ao processo de catolização por qual passava Curitiba e o estado de modo geral, como veremos adiante.

Quanto às nuances simbolistas perceptíveis no periódico, podem ser associadas especialmente a Dario Vellozo, Silveira Neto e Antônio Braga, que pertenceram ao núcleo dos primeiros poetas e escritores simbolistas paranaenses. Foram eles que, em uma de suas reuniões no Clube Curitibano, fundaram o periódico *O Cenáculo* (1895-1897), uma das principais expressões do movimento simbolista no Paraná.

Esse movimento constituiu objeto de análise da tese de doutorado de Tarcisa Bega (2001). Sua pesquisa tem como recorte temporal o período datado entre 1880 e 1930 e toma as produções literárias desse contexto como seu principal *corpus* documental. Segundo a autora o surgimento do Simbolismo no estado ocorreu, em tese, em razão do contexto do final do século XIX se mostrar “particular”, isto é, dotado de características específicas a começar pelo desenvolvimento cultural e pelo intenso fluxo imigratório que chegava ao estado. Nele:

[...] várias nacionalidades mesclavam suas experiências, expectativas e projetos de vida, tendo como cenário uma região geográfica particular, até então integrada de forma incompleta e/ou subordinada ao nacional das suas esferas política, econômica e cultura. (BEGA, 2001, p. 4).

Um aspecto que consideramos ser extremamente importante para a emergência do movimento simbolista local e que é tratado sem maior relevância por Bega é a eclosão da Revolução Federalista, episódio que teria sido um catalizador da transformação da percepção artística dos literatos locais a partir do ano de 1894, conforme buscamos comprovar. Cabe destacar, por ora, que a fundamental contribuição do estudo de Bega para a presente pesquisa reside no fato de perceber o Simbolismo no Paraná como um movimento que apresenta, em seu cerne, o anseio de um grupo de escritores por criar uma identidade, eminentemente literária, a partir da qual fosse possível reconhecer seus membros. Tais escritores também se articularam a fim de consolidar o que a autora chama de *campo literário* e garantir a autonomia deste com relação às demais esferas sociais. Seus integrantes passaram a tecer um léxico próprio, adotar certos hábitos e, muitos se envolveram com a crítica literária, o que indica a capacidade de reflexão do âmbito literário sobre ele mesmo..

Com relação ao anticlericalismo, apesar de a *Revista do Clube* não apresentar uma postura assumidamente anticlerical em nenhum momento (entre os anos de 1890 e 1900), Dario Vellozo (diretor literário do periódico por cinco anos) e Júlio Pernetta (um dos principais redatores da *revista*) lideraram o movimento anticlerical em Curitiba por meio da publicação de textos em diversos periódicos locais. Esses textos constituíram o *corpus* do estudo realizado por Carlos Balhana (1990), em que foram mapeadas as principais ideias de crítica à Igreja Católica e àquilo que, em tese, entendia-se serem seus dogmatismos. Analisando periódicos de época, como *A Estrella*, *A Esphinge* entre outros, Balhana analisa as principais ações de cada grupo – clericais e anticlericais – bem como a atuação de seus principais agentes, o que favoreceu a presente análise, uma vez que possibilitou que fossem identificados, entre os redatores da *Revista do Clube*, alguns membros tanto do movimento anticlerical, como o clerical. Desse último grupo, colaborou para a revista em análise o Pe. Alberto Gonçalves, com artigos de tom acentuadamente católico, os quais, até aproximadamente o ano de 1894, figuravam na primeira página de cada número.

No que diz respeito ao republicanismo no Paraná, pode-se afirmar que tanto o Clube Curitibano quanto sua revista mantiveram estreitas relações com esse movimento político. As principais ideias republicanas foram assiduamente defendidas por Leôncio Correia, Emiliano Pernetta, Dario Vellozo e outros colaboradores da *Revista do Clube*. A análise do teor republicano dessa revista contou com o suporte da pesquisa realizada por Amélia Siegel Corrêa (2006), que tratou dos periódicos republicanos paranaenses e da consolidação do movimento no estado, especialmente na capital.

A autora faz uma análise profunda das estruturas políticas do estado, desde o contexto em que era uma província do Império. Analisa como o ideário republicano passou a ser difundido a partir do litoral, identificando seus principais precursores, bem como as folhas periódicas atreladas ao movimento.

Afirma estar o ideário republicano intimamente relacionado à produção ervateira, responsável por propulsionar o processo de modernização do Paraná. Tal processo garantiu prosperidade às cidades e, conseqüentemente, seu desenvolvimento cultural e técnico. Nesse contexto, ampliaram-se os setores médios da população e houve o “aburguesamento das elites”. (CORRÊA, 2006, p. 19).

Elegendo os jornais como fontes privilegiadas para a apreensão das ideias republicanas, a autora acompanha a trajetória de alguns dos principais jornalistas políticos ligados ao movimento, cujos nomes também são encontrados em diferentes números da *Revista do Clube*. Para a presente pesquisa, o trabalho de Corrêa é particularmente interessante em razão, primeiramente, de sua análise sobre o processo de desenvolvimento econômico, cultural e social de Curitiba nas últimas décadas do século XIX. Apesar de fazê-lo sob uma perspectiva econômica, a autora não desconsidera os diferentes fatores culturais que estiveram atrelados a esse processo. Em segundo lugar, o estudo de Corrêa é fundamental por relacionar a difusão do republicanismo no estado ao crescimento e consolidação do setor ervateiro no estado, setor que politicamente foi representado pelo Partido Conservador, na época imperial e pelo Partido Republicano Federal, no período republicano. A partir dessa perspectiva, analisa os laços de compadrio que havia entre as elites políticas do estado e os setores médios da população, segmento em que se encontravam os jornalistas políticos, alguns dos quais tiveram suas trajetórias e produções aqui analisadas.

Além da *Revista do Clube*, constituem o *corpus* deste trabalho artigos veiculados em outros periódicos da época, bem como discursos extraídos de coletâneas e obras de caráter memorialista, na medida em que complementaram a investigação. Entre essas fontes, destacam-se *O Cenáculo*, a *Galeria Paranaense*, o *Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná*, de Altiva Pilatti Balhana et al. (1991), e, de Maria Nicolas, *100 Anos de Vida Parlamentar* (1954) e *Vultos Paranaenses* (1948).

Este trabalho também teve como referência a produção acadêmica voltada para a história intelectual paranaense, temática que contou com um aumento significativo de contribuições a partir da década de 90 do século passado. É possível agrupar os trabalhos que embasaram a presente investigação por temática e abordagem, da seguinte maneira:

- a) os que analisam a trajetória de um determinado agente, como os trabalhos de Gilson Queluz (1994), Alessandra Isabel Carvalho (1997) e Marcos Cordioli (2009);

- b) os que têm como foco a atuação de um grupo, como os trabalhos de Luís Fernando Lopes Pereira (1997), Tarcisa Bega (2001) e Amélia Siegel Corrêa (2006);
- c) e, ainda, os que analisam o processo de modernização de Curitiba entre o final do século XIX e o início do século XX, como a tese de Cláudio Denipoti (1998) e a de Luís Fernando Lopes Pereira (2002).

É importante explicitar que, levando-se em conta as principais frentes de atuação dos redatores da *Revista do Clube* – a imprensa, o jornalismo e a literatura –, pôde-se depreender que eles elegeram a comunicação pública e a veiculação de discursos, impressos ou não, como uma de suas principais estratégias de intervenção social. Foi por isso que, mesmo tendo percebido a revista como um *locus* de agentes com ideias e visões de mundo que ora se assemelham, ora divergem, considerou-se, em primeiro lugar, as convergências de seus discursos, para que fosse possível trazer à tona o léxico compartilhado por essa comunidade interpretativa.

Quanto à metodologia adotada, a análise tomou por base o instrumental desenvolvido no âmbito da história e da historiografia do pensamento e do discurso político, que têm se ocupado em estudar os conceitos e ações linguísticas do passado. John Pocock (2003, p. 37), um dos precursores dos estudos nessa área pela Universidade de Cambridge, afirma que os discursos do passado – como, por exemplo, os veiculados pela *Revista do Clube* – são a expressão de um contexto político, social ou histórico, no interior do qual a própria linguagem se situa. Por isso, a linguagem está diretamente relacionada à experiência da qual ela provém e faz alusão a instituições, autoridades, configurações sociais, valores e acontecimentos. Prescreve, portanto, o contexto dentro do qual deverá ser reconhecida. (POCOCK, 2003, p. 37).

A história e a historiografia do pensamento e do discurso político começou a ser delineada em meados da década de 50 do século passado, em diferentes programas de pesquisa. Na Inglaterra, a Escola de Cambridge – representada por Pocock e Quentin Skinner – defendeu o estudo do pensamento político por meio da aplicação da metodologia contextualista, cujo foco recai sobre o estudo da dimensão pragmática do discurso político. Também defende a íntima relação entre a realidade

vivida e a linguagem e acredita que o surgimento, em uma dada sociedade, de novas modalidades de comportamento social propicia o desenvolvimento de vocabulários específicos, por meio dos quais esses comportamentos poderão ser descritos e analisados<sup>4</sup>.

Skinner (2002, p. 243) entende que “nossas práticas ajudam a atribuir significado ao nosso vocabulário social. Mas, é igualmente verdade que o nosso vocabulário social influencia a natureza dessas práticas”. Dessa maneira, Skinner defende que a linguagem não é um mero reflexo da realidade social e que a compreensão desta por meio de seu contexto não deve resultar em uma relação causal, entendendo-se a linguagem como um epifenômeno, isto é, um conjunto de expressões ou reflexos de uma “realidade material”.

Um dos pontos de maior relevância da obra de Skinner para o presente trabalho é seu estudo sobre a variação do uso de determinados conceitos ao longo do tempo. (SKINNER, 2002, p. 222). A linguagem, nessa perspectiva, é valorativa, utilizada para a legitimação e para a descrição de atividades e atitudes de grupos sociais, sendo os conceitos, por sua vez, entendidos como instrumentos de debate ideológico. (SKINNER, 2002, p. 241).

Assim, contrapondo-se à vertente representada pelo historiador Arthur Lovejoy<sup>5</sup>, Skinner (2002) defende a impossibilidade de conceber as ideias como unitárias e inalteráveis. Para ele, o estudo do pensamento e, mais precisamente, dos conceitos requer uma análise das várias utilizações a que esses mesmos os

---

<sup>4</sup> É importante destacar a contribuição da Filosofia da Linguagem para a formação dos preceitos contextualistas. Nesse sentido, as ideias de Peter Laslett serviram de inspiração para o grupo de historiadores de Cambridge, que, com base nela, passou a considerar dois pressupostos básicos no âmbito da história e da historiografia: primeiramente, a existência de uma pluralidade de contextos linguísticos, históricos e políticos; em segundo lugar, o fato de que os participantes de um debate político, vistos como atores históricos, reagem uns aos outros em uma diversidade de contextos. Pocock (2003, p. 26) menciona que, à medida que crescia o interesse pela história do pensamento e do discurso político, mais se fazia necessário definir a práxis desse saber em termos rigorosamente históricos, delimitando a área e diferenciando-a de outros campos do saber, como a própria Filosofia da Linguagem, ainda que esta tenha contribuído imensamente para a construção do arcabouço teórico da história do pensamento e do discurso político. Nesse contexto, a obra de Quentin Skinner foi fundamental para lançar, em meados da década de 60 do século passado, em Cambridge, as bases da disciplina de História e Historiografia do Pensamento e do Discurso Político.

<sup>5</sup> Arthur Oncken Lovejoy (1873-1962), influente historiador estadunidense, foi responsável por propor grandes transformações na área conhecida como História das Ideias. Em sua obra *The Great Chain of Being: a study of tory of na idea* (1933), base para a compreensão de sua metodologia, esse autor empreendeu análises do ponto de vista interno aos sistemas de pensamento individuais, em oposição à concepção fenomenológica da história das ideias. Para ele, os sistemas de pensamento poderiam ser comparados, mediante a observação de seus elementos internos singulares, que os particularizam na forma de ideias unidade.

conceitos estiveram sujeitos em diferentes momentos do tempo. Citando dois autores que serviram de base para a formulação de suas ideias, Skinner afirma:

Tal como Nietzsche, Weber acreditava que os nossos conceitos não só mudam com a passagem dos anos, como também são incapazes de nos fornecer algo mais que uma série de perspectivas, sujeitas a uma mudança permanente, sobre o mundo em que vivemos. Os nossos conceitos fazem parte daquilo que nós acrescentamos ao mundo na nossa tentativa de lhe conferir um sentido. (SKINNER, 2002, p. 247).

Tomando-se como ponto de partida a teoria dos atos de fala (*speech acts theory*), de John Austin<sup>6</sup>, Skinner (2002, p. 247) acredita que buscar compreender um texto histórico equivale a detectar “o que o autor estava fazendo” ao escrevê-lo. A expressão equivale a indagar “o que esse autor pretendia”, ou seja, “o que ‘estava tramando’ ou o que ‘pretendia obter’” ao escrever determinadas palavras. (POCOCK, 2003, p. 28).

Com base nas ideias de Austin, Skinner (2002, p. 47) estabelece que, para se compreender um conceito em seu papel performático, deve-se considerar: a) seu significado em um texto, interpretado à luz da semântica e da sintaxe textuais; b) o modo com que ele é entendido por seus leitores; c) e, terceiro e último aspecto, e talvez o mais importante, a força ilocutória de um conceito, que é determinada pela capacidade de certos conceitos de assumirem diferentes significados, constituindo-se naquilo que “o autor quis dizer” com aquela expressão e não, simplesmente, naquilo que ele literalmente enunciou. A força ilocutória de um conceito é determinada por seu contexto e pela ênfase com que este foi enunciado. Tal como Austin, Skinner também considera que é na dimensão ilocutória de um conceito que reside sua força, entendida como ação, força que se identifica com a intenção do agente ao dizer algo.

Cabe destacar a diferença entre as *intenções* e as *motivações* de um autor ao escrever. Estas são aspectos exteriores ao texto, ou seja, referem-se ao seu conteúdo extralinguístico e se conectam apenas de modo contingente com o

---

<sup>6</sup> John Austin, autor de *How to do Things with Words* (1962), menciona três dimensões dos atos de fala: a *locucionária*, que se manifesta no ato de dizer algo; a *ilocucionária*, relativa ao contexto de enunciação daquele agente, ou, ainda, ao que ele estava “fazendo” ao dizer algo; e a *perlocucionária*, referente aos efeitos produzidos pelos atos de fala em seus destinatários, ou seja, no público que os recebe. Ele diz também que “o esforço do autor consiste em iluminar a dimensão ilocucionária dos atos de fala, pois é nela que se concentra a característica negligenciada pelas teorias convencionais do significado, as quais se atêm, principalmente, às dimensões locucionária e, em menor medida, perlocucionária das sentenças”. (SILVA, 2009, p. 309).

enunciado. Já as intenções de um autor são aspectos que se encontram imersos na própria ação linguística, não sendo, portanto, exteriores a ela. Pocock nos ajuda a esclarecer essa questão do pensamento de Skinner por meio da seguinte explicação:

O autor habita um mundo historicamente determinado, que é apreensível somente por meios disponíveis graças a uma série de linguagens historicamente constituídas. Os modos de discursos disponíveis dão-lhe as intenções que ele pode ter, ao proporcionar-lhe os únicos meios de que ele poderá dispor para efetuar-las. (POCOCK, 2003, p. 27-28).

Parte-se da ideia de que todo autor, para realizar suas intenções em um texto, instrumentaliza em seu discurso os padrões convencionais de comunicação próprios de sua época, seja nos casos em que tem a intenção de acatar e reforçar as convenções existentes, seja nos casos em que seu objetivo é criticar ou subverter tais convenções. Daí se depreende que, ao analisar o texto de um autor, para que se compreendam suas intenções é indispensável que se tome conhecimento dos padrões convencionais da linguagem corrente na época em que foi produzido o texto analisado.

Pocock (2003, p. 41) tece, ainda, esclarecimentos a respeito do uso coletivo de uma linguagem, bem como a respeito daqueles que a instrumentalizam, a quem chama de *atores linguísticos*. Tal expressão se mostrou bastante profícua para a compreensão da atuação dos escritores da *Revista do Clube*. Com base nela, entendemos os principais escritores do periódico como articuladores da linguagem de uma época, que visam à defesa de interesses e à expressão de determinadas ideias e valores.

Pocock esclarece ainda que “as mentes vigorosas que o utilizam [o discurso político] estão constantemente explorando a tensão entre os usos linguísticos estabelecidos e a necessidade de usar as palavras de novas maneiras”. (POCOCK, 2003, p. 37).

Assim, um autor é tanto expropriador – ao tomar a linguagem de outros e usá-la para os próprios fins – quanto inovador, ao atuar sobre a linguagem de maneira a induzir momentâneas ou duradouras mudanças na forma como ela é usada. (POCOCK, 2003, p. 29). Por essa razão o autor, ou *ator linguístico*, não deve ser visto como um mero reproduzidor ou porta-voz de sua linguagem. Antes, deve ser entendido como alguém que se apropria de determinados conceitos comuns a um

contexto linguístico e, pautado por eles, elabora seus discursos. É também alguém que cria inovações para seu contexto, daí o porquê de Pocock afirmar que linguagem é continuidade e transformação.

Esse instrumental metodológico pautado no estudo da linguagem possibilitou, primeiramente, compreender o papel performático do conceito de *progresso*, ideia que marcou profundamente a primeira fase de circulação da *Revista do Clube* (1890-1893)<sup>7</sup>. A análise de mais de uma década de edições também tornou possível a detecção de uma ruptura, ou melhor, uma transformação na linguagem corrente no meio letrado local no último decênio do século XIX em Curitiba. Conforme buscaremos comprovar, essa transformação, perceptível nas páginas da revista em análise a partir do ano de 1894, foi consequência de um trauma social<sup>8</sup> ocasionado pela Revolução Federalista, episódio histórico que contou com a participação direta de alguns escritores da revista – entre os quais se destacam Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Sebastião Paraná e Leôncio Correia.

Em linhas gerais a Revolução Federalista remonta ao contexto da renúncia do presidente Marechal Deodoro da Fonseca, em 23 de novembro de 1891, levando ao poder Marechal Floriano Peixoto. O acontecimento foi criticado por muitos e serviu para aumentar as tensões entre os diferentes grupos políticos.

No Rio Grande do Sul, a crise se tornara bastante aguda. Desde os tempos imperiais, a província era governada por Gaspar Silveira Martins, chefe do Partido Liberal (CORRÊA, 2006, p. 65). Em 1888, este foi nomeado pelo imperador presidente da Província do Rio Grande do Sul.

Uma oposição a essa frente liberal já estava sendo organizada desde 1880, por Júlio de Castilhos que passara a organizar a Frente Republicana Rio-Grandense, conquistando o apoio de Deodoro da Fonseca às vésperas da Proclamação da República. Com a instauração do novo regime, Gaspar Silveira Martins fora exilado e o governo do Rio Grande do Sul ficou a cargo de Júlio de Castilhos (CORRÊA, 2006, p. 66). Após uma série de eventos políticos, incluindo uma grande manifestação

---

<sup>7</sup> Com relação à divisão entre primeira, segunda e terceira fase, cabe destacar que na própria revista essa periodização encontra-se sinalizada. A partir de fevereiro de 1894, ela traz em seu cabeçalho a insígnia “Segunda epocha” para designar a nova fase de sua circulação, momento em que a linha editorial se transformara radicalmente. A terceira fase ou época da revista apresentou um período de circulação mais efêmero durante pouco mais de um ano (junho de 1912- outubro de 1913) e não constituiu o objeto de nossa análise.

<sup>8</sup> Optamos por discutir esse conceito de maneira mais aprofundada posteriormente, juntamente com a análises dos discursos da *Revista*.

contra esse governador, formaram-se, então, duas frentes políticas no Rio Grande do Sul: de um lado, os federalistas, gasparistas ou maragatos defensores da República parlamentar liberal, apoiados por pecuaristas da Campanha; de outro, os castilhistas ou legalistas seguidores de Júlio de Castilhos, defensores do governo de Floriano Peixoto e que contavam com o apoio dos empresários, pequenos comerciantes e agricultores.

Formalmente, a Revolução Federalista tem como baliza inicial a invasão de uma coluna de maragatos de Gumercindo Saraiva (1851–1894) ao Rio Grande do Sul, em 5 de fevereiro de 1893. A partir desse estado, os maragatos iniciaram sua rota de invasões a várias cidades, chegando a Santa Catarina e ao Paraná. Ocuparam Curitiba entre meados de janeiro a maio de 1894, desestabilizando a vida local em razão dos saques, invasões e outros atos violentos empregados contra a população.

Assim, como buscaremos comprovar, esse episódio político contribuiu para uma mudança na postura de muitos escritores do período, mudança que se encontra evidenciada na própria Revista do Clube Curitibano. Até o ano de 1894, o periódico apresenta, de maneira geral, uma linha editorial voltada prioritariamente para as senhoras da sociedade curitibana, veiculando artigos de entretenimento, costumes, charadas, eventos sociais e outros temas que pudessem atrair o interesse desse público. Nessa fase, que data de 1890 a 1893, sobressai-se a perspectiva otimista em relação ao futuro, ora sustentada pelo entusiasmo com relação à tecnologia e à ciência, ora pela nascente República.

Com a eclosão da Revolução Federalista, que obrigou muitos dos sócios do Clube Curitibano a sair de Curitiba ou a se alistar no Exército para defender o novo regime, a revista interrompeu suas atividades por alguns meses. Mas as retomou no início de 1894, ainda no auge da revolução no Paraná, apresentando ao público uma linha editorial acentuadamente melancólica e literária, completamente distinta da que foi adotada na fase anterior. Acredita-se que essa ruptura operada na linha editorial do periódico refletiu uma transformação mais profunda ocorrida, de modo geral, nas produções intelectuais do contexto posterior à Revolução. Com base nessa constatação, pode-se inferir que o periódico constitui um importante indicador das modificações comportamentais e culturais assumidas após o período revolucionário em Curitiba, e isso, por si, desafia a uma nova interpretação da história do estado

em uma narrativa que considere as percepções individuais, os silenciamentos e as mudanças de postura daqueles que vivenciaram aquele momento.

A revista também atesta a capacidade de articulação linguística de seus escritores e colaboradores, que fizeram da literatura o principal meio para expressão de suas angústias, queixas e dúvidas em relação ao tempo vindouro. Ao assumirem a corrente simbolista como a principal forma de expressão dessa nova sensibilidade, tais escritores propuseram um reordenamento de sua linguagem, uma vez que o próprio Simbolismo constitui-se em uma crítica à sua época conforme trataremos a seguir.

Assim, na presente investigação, procurou-se detectar os padrões de linguagem da época para compreender, com isso, de que modo foi operada sua transformação a partir de 1894. Assim, busca-se cumprir aquilo que Pocock diz ser a tarefa do historiador:

O historiador irá, portanto, procurar os indícios de que as palavras estavam sendo usadas de novas maneiras, como resultado de novas experiências, e estavam dando origem a novos problemas e possibilidades no discurso da linguagem em estudo. (POCOCK, 2003, p. 37).

Para esse autor, a identificação das características e padrões de uma linguagem pelo historiador requer desse profissional conhecimento da situação prática em que se encontrava o autor no momento da criação de seu texto, considerando-se as pressões, restrições e encorajamentos aos quais ele estava ou acreditava estar sujeito, as preferências e antipatias de terceiros e, também, as limitações e oportunidades do contexto político, tal como ele o percebia ou vivia. (POCOCK, 2003, p. 39). Essa situação prática chega até nós por meio dos textos que os atores escreveram, de nosso conhecimento da linguagem que usavam, das comunidades de debate às quais pertenciam, dos programas de ação que foram colocados em prática e da história do período em geral.

É importante destacar que Pocock defende uma abordagem coletiva do pensamento, cabendo ao historiador, sempre que possível, comprovar que a linguagem de uma dada época existiu como recurso cultural coletivo, isto é, foi compartilhada por um grupo. Para que isso seja possível, é necessário reconhecer que a linguagem foi articulada por mais de um autor e, ainda, que os autores tinham consciência de seu uso, aspecto que se procurou trazer à luz com as análises da *Revista do Clube* e com as produções de seus escritores. Por meio de um

mapeamento de suas respectivas trajetórias, foi possível perceber que esses escritores estiveram muito próximos, em diferentes espaços da sociedade curitibana, como clubes, agremiações e veículos da imprensa periódica local, fato que possibilitou que compartilhassem uma mesma linguagem reveladora de suas crenças, anseios e dúvidas pertinentes a um mesmo grupo de autores. Nesse caso, consideramos os textos analisados “como sendo uma efetuação tanto de uma articulação da consciência do autor quanto de um ato de comunicação em um *continuum* discursivo que envolve outros autores”. (POCOCK, 2003, p. 54).

Com relação à organização dos capítulos, após essa introdução segue-se o segundo em que se objetivou apresentar o contexto cultural do final do século XIX em Curitiba, bem como um panorama comparativo entre as trajetórias dos principais escritores da revista, possibilitando a identificação do momento em que se reuniram pela primeira vez, ainda quando estudantes dos estabelecimentos de ensino primário e secundário da capital paranaense. Nesse caso, levamos em consideração a importância que os elementos extralinguísticos assumem na análise, tais como a formação intelectual e profissional dos escritores da *Revista do Clube*.

Como pano de fundo do processo de formação intelectual desse grupo de letrados, esteve o desenvolvimento das artes tipográficas no Paraná, que também será abordado no mesmo capítulo. O trecho se encontra fundamentado, principalmente, nos dados extraídos de dicionários e das fontes biográficas anteriormente mencionadas, além da bibliografia sobre o tema. O capítulo se encerra apresentando aspectos gerais do periódico em análise, considerando seu corpo de redatores e colaboradores e as instituições nas quais se reuniram.

Os terceiros e quartos capítulos compreendem a análise dos discursos veiculados pelas páginas da *Revista do Clube* propriamente dita. No terceiro buscaremos analisar a ideia de progresso veiculada pelo periódico, bem como as questões a ela relacionadas como os discursos sobre a técnica, sobre a modernidade curitibana e sobre as ideias cientificistas que serviram como base para fundamentar a crença no progresso nacional. Nesse capítulo, também discutiremos a ideia de progresso como sinônimo de República e os pontos de convergência entre os discursos da revista e o movimento republicano no Paraná.

O quarto capítulo buscou analisar o impacto da Revolução Federalista nos discursos veiculados pelo periódico em análise. Inicia-se com uma exposição da

participação de alguns dos escritores da revista nas campanhas revolucionárias entre 1893 e 1895, em favor da República. Em seguida, analisa alguns dos artigos e poemas desses escritores que nos remetem ao contexto da revolução e ao sentimento de devastação por ela provocada. A linguagem literária nesse contexto é dotada de uma marcante força ilocutória que nos leva à compreensão das angústias e incertezas de seus escritores sem, no entanto, fazer alusão direta a qualquer evento ou personagem político. Tais produções literárias compreendem um sinal evidente de personalidades cruelmente dilaceradas e que por momentos desesperam e renunciam à política partidária de sua época, optando por se exprimir por meio de temas como o “nirvanismo”, o anseio da morte e a imensidão do cosmos e da alma, numa espécie de compensação para a insegurança e solidão de sua condição.

Além dos artigos da *Revista do Clube*, o capítulo também apresenta a análise de parte dos artigos veiculados pela revista *O Cenáculo* (1895-1897), periódico local que surgiu das reuniões daqueles escritores na instituição Clube Curitibano e que se tornou uma das mais fortes expressões do Simbolismo literário da época. Nesse trecho, é destacado o esforço dos escritores da revista em dar início ao processo de consolidação da esfera literária no Paraná e afirmar, com isso, o papel social do literato. Por essa razão, é nesse capítulo que optamos por discutir a atuação dos escritores e colaboradores da *Revista do Clube* como intelectuais. Justificamos nossa opção de deixar essa discussão para o último capítulo em razão de ter sido a luta em favor da consolidação da esfera literária no Paraná fundamental para a afirmação dos escritores aqui analisados não apenas como literatos, mas, sobretudo, como intelectuais. Não por acaso, é a partir de 1895 que notamos terem eles assumido uma postura mais engajada com relação a diferentes aspectos pertinentes ao seu contexto social – como a imigração, o ensino religioso e o próprio desenvolvimento cultural do estado. Além disso, no ano de 1898, tomam conhecimento do *Caso Dreyfus* – episódio responsável por inaugurar a alcunha intelectual em sua acepção contemporânea – e se posicionam politicamente a favor daqueles que deixaram seus gabinetes para a intervenção mais ativa e direta em seu meio social.

## 2 INSTITUIÇÃO CLUBE CURITIBANO, A REVISTA E O CONTEXTO CULTURAL

O surgimento da instituição Clube Curitibano remonta ao contexto da década de 70 do século XIX, quando a Província do Paraná passava por profundas transformações, principalmente, decorrentes do final da Guerra do Paraguai. Conforme os estudos de Queluz (1994) e Luís Lopes Pereira (2002), uma das principais mudanças pode ser notada na intensificação do processamento e comércio da erva-mate<sup>9</sup>. Ao mesmo tempo, a economia tradicional, ligada à criação e à exportação de gado, entrava em declínio causado, principalmente, pela deterioração dos negócios de invernagem. (QUELUZ, 1994, p. 15). Essa alteração econômica teve consequências políticas e sociais, pois representou a perda de poder político por parte do grupo de “latifundiários dos Campos Gerais” ou, ainda, conforme Corrêa (2006, p. 16), dos fazendeiros representados pelo Partido Liberal, os quais, durante o Império, eram hegemônicos na política local.

Quando se viram prejudicados pela emergência do novo mercado, passaram a tecer várias críticas à economia ervateira, que, segundo os representantes daquela elite latifundiária, causava um grande impacto no ordenamento sociopolítico da região como um todo. Além das críticas, o grupo de fazendeiros procurou regulamentar o mercado e taxar de forma abusiva a produção do mate.

Em termos sociais, a partir de meados do século XIX os grupos oriundos das famílias latifundiárias mais tradicionais foram perdendo espaço para o estrato emergente dos comerciantes do mate e dos profissionais liberais que chegavam à cidade ou aderiam ao novo ramo atraídos pela possibilidade de diversificação econômica e pela introdução de processos industriais na província.

Como explica Corrêa (2006, p. 23), os engenhos se multiplicaram pelos arredores de Curitiba e o crescimento dos investimentos permitiu um salto tecnológico na produção, que adquiriu o caráter industrial. Pouco a pouco, a burguesia ligada ao mate tornou-se forte e direcionou a cidade rumo a um processo de modernização que abrangeu uma série de investimentos, viabilizando o

---

<sup>9</sup> A produção do mate no Paraná, cujo início se deu no litoral em 1820, três décadas depois, já correspondia a 85% das exportações da província. Enquanto na cena nacional o principal produto era o café, os paranaenses exploravam o mate que lhes proporcionou uma atividade comercial intensa principalmente com o mercado de platino, impulsionado pela Guerra do Paraguai. Com a derrota desse país, o principal concorrente dos produtores paranaenses foi posto fora de cena (CORRÊA, 2006, p. 22-23).

surgimento de uma diversificada esfera cultural no Paraná. Um dos expoentes dessa burguesia foi o Barão do Serro Azul<sup>10</sup>, que, a partir de meados da década de 80 do século XIX, assumiu a liderança do Partido Conservador. Esse fazia oposição ao Partido Liberal e tinha em seu programa:

[...] a mesma ênfase na excessiva dependência do mate; o mesmo anseio por reformas estruturais, tais como imigração, abertura de estradas, arregimento de capitais para as indústrias e diversificação da produção agrícola. A coincidência entre as propostas parece apontar para um ideário básico, assumido pelos industriais ervateiros e seus intelectuais, partícipes do Partido Conservador. (QUELUZ, 1994, p. 29).

O Partido Conservador, portanto, reuniu os integrantes do estrato emergente de comerciantes, industriais e profissionais liberais ligados à produção ervateira.

As transformações desse período se fizeram notar em diferentes âmbitos da vida político-econômica e cultural paranaense. Um dos aspectos que convém citar aqui foi o crescimento da população letrada da capital. Para Rocha Pombo<sup>11</sup> (1900, p. 283), esse fenômeno foi decorrente, principalmente, da construção da Estrada da Graciosa, em 1873. Nesse contexto, passaram a surgir vários clubes literários, como os de Ponta Grossa, Lapa, Antonina, Morretes, Campo Largo, São José, Jaguariaíva, Porto de Cima e Curitiba, indicando um novo momento da vida cultural do Paraná. A província passou a contar com mais teatros e bibliotecas, além de presenciar a formação da vida literária local. Conforme descreve Rocha Pombo:

Um phenomeno bem característico que, de 1875 em diante, revelou entre os paranaenses uma grande tendência para alargamento dos horizontes intellectuaes da população, foi sem duvida o afan extraordinário com que em todas as localidades da antiga provincia se foram organizando clubs e sociedades litterarias, cada qual com a sua biblioteca. (POMBO, 1900, p. 283).

De acordo com o *Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná* (BALHANA et al., 1991, p. 477), uma das primeiras sociedades de que se tem

<sup>10</sup> O Barão do Serro Azul foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento técnico da indústria ervateira e pela produção de impressos. Foi também Presidente da Câmara Municipal e Presidente de Província (1888). Participou da fundação do Banco Mercantil e Industrial do Paraná (1889), e foi sócio da Companhia de Ferro Carril de Curitiba (1887).

<sup>11</sup> Rocha Pombo, um dos colaboradores da *Revista do Clube*, em 1886, foi convidado pelo Partido Conservador para exercer o cargo de Deputado Provincial na Assembleia Legislativa do Paraná (QUELUZ, 1994, p. 5). Como veremos em seguida, muitos dos escritores da dita revista mantiveram, direta ou indiretamente, relações com esse partido e com um de seus líderes, o Barão do Serro Azul.

registro é a *Sociedade Dramática Phenix*, fundada em 1871. No ano seguinte, foi criado o *Club Litterario de Paranaguá*, propondo-se a fomentar a leitura pela ampliação de sua biblioteca, além de promover ideias abolicionistas e republicanas. Sua biblioteca contava com um acervo de mais de 2 mil volumes, a qual, durante muito tempo, foi considerada a maior biblioteca do estado.

Em 1873, foram fundadas a Sociedade Literária Lapeana e a Sociedade Teatral União Curitibana. Esta foi responsável pela construção do Teatro São Teodoro. Além destas, surgiram mais 55 entidades com fins semelhantes. Comumente, essas instituições tinham suas atividades coordenadas por uma diretoria composta de presidente, vice-presidente e tesoureiro. Geralmente a diretoria era eleita por voto secreto e seus membros reuniam-se em assembleias gerais e extraordinárias, nas quais a presença dos associados era obrigatória. Para se tornar sócio, o ingresso deveria ser aprovado pela diretoria. Uma vez sócio era concedido o direito de frequentar a sede, emprestar livros, votar, usar a palavra, propor novas admissões. (BALHANA et al., 1991).

Como explica Balhana et al. (1991, p. 478), a maior parte das sociedades vivia com a “situação de seus cofres em estado lastimável, o que justifica a extinção de algumas delas em um breve intervalo de tempo”. A maioria possuía uma biblioteca que representava o objetivo dessas sociedades de disseminar a prática de leitura entre a população. Por essa razão, verifica-se o permanente esforço de seus representantes em ampliar os acervos de suas instituições, “o que consistia em um trabalho penoso não só diante dos poucos recursos como diante da pobreza de livrarias”. (BALHANA et al., 1991, p. 478).

Em 25 de setembro de 1881, surge, em Curitiba, o *Club Curitybano*, instituição mais estável que o antigo *Club Literário de Curitiba*, de 1871. Foi idealizado pelo coronel Romão Rodrigues Branco – gaúcho radicado na cidade, cartorário da Delegacia Fiscal e administrador dos Correios –, que na época convidou as pessoas interessadas para uma reunião no Salão Lidermann, a fim de tratar da organização da sociedade. Cumprido o propósito, foi eleito, em 8 de dezembro de 1881, o primeiro presidente do clube, o Barão do Serro Azul, e os objetivos da agremiação foram definidos: “promoção de diversões úteis e instructivas, como: jogos lícitos, música, dança, leitura, conferências, passeios, etc”. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 1, p. 1).

A administração social e econômica da instituição era confiada a uma diretoria anualmente eleita em assembleia geral e composta de um presidente, um vice-presidente, dois secretários, um tesoureiro e seu suplente e dois oradores.

Em janeiro de 1882, ocorreu a inauguração da primeira sede do clube na rua São Francisco com a da Graciosa, primeiro andar do sobrado do prédio da Delegacia Fiscal. Em 1887, a instituição mudou de endereço, passando para um sobrado da Rua XV com a Monsenhor Celso, onde permaneceu até 1922.

Aos poucos, o clube se tornou importante espaço de aglutinação de escritores, jornalistas, políticos e outros profissionais e foi nesse clima que jovens escritores encontraram espaço para divulgar suas ideias. Como afirma Denipoti (1998, p. 141), no final do século XIX, o universo da leitura em Curitiba era bem pouco abrangente em termos populacionais absolutos, principalmente se excluirmos dele aqueles imigrantes alfabetizados em suas próprias línguas, mas não em português. A parcela resultante era formada por leitores e leitoras pertencentes aos estratos médio e mais abastado da sociedade: comerciantes e seus vendedores, burocratas, profissionais liberais e seus familiares. Nesse contexto, os clubes literários assumem um esforço em “civilizar” a população: ampliavam o universo de leitores, criavam bases institucionais para a leitura e sociabilizavam aquelas pessoas que já haviam entrado no mundo letrado pela educação formal.

Encontramos em uma das passagens da revista bastante explícito esse ideal civilizador, afirmando que o Clube Curitibano:

[...] tendo por missão principal o cultivo das letras, o estudo da literatura, das sciencias e artes, tanto quanto possível [...] procura amenizar o espirito de seos associados e tornal-o despido dessas asperezas, que são o resultado da falta de leitura e de gosto pelas obras instructivas, e conseguintemente concorre directa e efizamente para o desenvolvimento intelectual de nossa mocidade. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 1, p. 5).

Além dessa, são várias as passagens que aludem ao propósito da instituição em desenvolver a cultura local, ou ainda, que entendem o surgimento dela como um indicativo de civilidade, como atesta Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, ao afirmar que:

Um povo que possui associação assim faz juz ao titulo de povo civilizado. Como paranaense, sinto entusiasmo por tudo aquillo que é prova do engrandecimento do Paraná, e é por isso que venho de todo o coração, saudar o Club Curitibano. (REVISTA DO CLUBE, 1893, n. 1, p. 4).

Tais instituições, como os clubes literários ou políticos, ocupavam posição de destaque na vida social, aglutinando aquelas pessoas interessadas no lazer ou na informação que tais espaços podiam proporcionar. Em outro artigo, destaca-se a relevância do Clube Curitibano para a cidade, que era considerada:

[...]pobre ainda de diversões intellectuaes, artísticas e affectivas, sem um theatro em atividade, sem uma livraria, apenas com dous pequenos jornaes [...]. Coritiba seria o triste empório da monotonia e da insipidez si o nosso Club não lhe emprestasse alguma vida. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 1, p. 2).

O clube reunia representantes de diferentes filiações partidárias, no entanto, na passagem do século XIX para o XX, a instituição teve marcadamente uma posição política a favor do abolicionismo e dos ideais liberais, tendo cedido seus salões para celebrações do Clube Abolicionista e do Clube Republicano de Curitiba. Os antigos conservadores ligados à produção e comercialização do mate que, após a Proclamação, filiaram-se ao Partido Republicano Federal e passaram a exercer maior influência no clube, como Vicente Machado, Vítor Ferreira do Amaral e o Barão do Serro Azul. Este, como já dito, foi o primeiro presidente da instituição e, depois de 1894, assumiu o cargo de presidente benemérito. Mesmo assim, o clube procurava manter-se isento de filiações partidárias, alegando que sua função social era a de:

[...] reunir indivíduos separados pela diversidade de temperamento, de ideias, de princípios, de orientação e de meios em torno de um fim único pelo qual essa heterogeneidade actue compacta [...]. A exclusão de todos os factos que possam alterar uma sincera harmonia de vistas; – a liberdade dominando as apreciações literárias; o aperfeiçoamento das faculdades estheticas pela coesão simpathica em torno das bellas da arte; finalmente a despreocupação ainda que temporária e apta de todas as contingencias dolorosas da concurrencia e da lucta pela vida; a estes fins todos se presta uma associação como o Club Curitybano. [...]. (REVISTA DO CLUBE, 1893, n. 1, p. 4).

Nos anos imediatos à sua fundação, o clube enfrentou obstáculos que iam desde a falta de uma biblioteca à exiguidade do capital em caixa, fato que deixou a instituição quase na inatividade, e, “apenas existindo, manteve-se algum tempo neste estado, parecendo querer ceder á força tendente da decadência”. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 1, p. 5). Em 1889, essa crise inicial foi superada em razão da

habilidade administrativa da diretoria, então liderada por Cyro Vellozo<sup>12</sup>. Durante sua longa gestão (1889-1900), o clube ganhou uma sede própria, além de ter sido graças aos seus esforços que se publicou a *Revista do Clube* (a partir de 1890). Em suas páginas, são várias as passagens que tecem elogios à gestão cuidadosa de Cyro:

[...] homem inflexível e rijo como um aço quando trata de cumprir com seus deveres; o homem que se alegra quando nos vê alegres e entristece quando nos vê tristes; [...] Graças ao nosso bom e velho amigo, o Club Curytibano está ficando numa ponterrima da ponta – por isso já possui [...] um crescido numero de sócios. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 5, p. 1).

Cyro Persiano de Almeida Vellozo chegou à cidade em 1885, trazendo contribuições significativas para o desenvolvimento da cultura e das artes gráficas locais. Foi prefeito de Curitiba durante o ano de 1895, cerca de dez anos após se estabelecer na cidade. Antes disso, em 1889, assumiu a presidência do Clube Curitibano, permanecendo no cargo por quase uma década.

Entre as décadas de 70 e 80 do século XIX, a população de Curitiba sofreu um rápido crescimento proporcionado pela construção da Estrada da Graciosa (1873) e da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba (1885), os dois principais eixos de ligação entre a capital e o litoral do estado. Como consequência da criação dessas estradas, o afluxo de imigrantes vindos de outros centros brasileiros e também do exterior via Porto de Paranaguá fez com que, em menos de 30 anos, a população crescesse de maneira exorbitante.

Foi nesse contexto que chegaram à cidade artistas e outros profissionais liberais, como os tipógrafos e litógrafos, responsáveis por disseminar na capital paranaense os conhecimentos técnicos da produção de impressos tanto em termos editoriais e jornalísticos quanto gráficos. Comparada à tipografia, a litografia representou, na época, um avanço técnico, pois viabilizou a impressão não apenas de textos, mas também de imagens, por meio de um prelo mecânico.

Cyro era pai do tipógrafo Dario Vellozo, que, desde os 15 anos, se iniciou no ramo da produção de impressos na Capital Federal, trabalhando, inicialmente, como encadernador na oficina Lombaerts, no Rio de Janeiro. Aos 16 anos, assumiu o

---

<sup>12</sup> Cyro Vellozo nasceu em Caravelas, Bahia, em 1843. Prestou serviços ao Império durante a Guerra do Paraguai e, após o conflito, estabeleceu-se na cidade do Rio de Janeiro. Quando chegou a Curitiba, viúvo, com dois filhos e o irmão, trabalhava como representante da Companhia de Loterias (NEGRÃO, 1926-1950, p. 466).

cargo de compositor de tipógrafo na oficina Moreira Maximino e Companhia. Segundo Silveira Neto, escolheu essa profissão em razão de seu “pronunciado gosto pelas letras, manifestado ainda na infância, [...] que concorrera por certo para leva-lo á fecunda arte de Guttemberg”. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 6, p. 2-3).

Em 1885, seu pai o trouxe para Curitiba, onde não tardou a se integrar ao grupo de letrados da capital. Deu continuidade à sua atuação como tipógrafo, assumindo a função na oficina do jornal local *Dezenove de Dezembro*<sup>13</sup>.

Além da família Vellozo, na década de 80 do século XIX, Curitiba recebeu o tipógrafo e desenhista catalão Narciso Figueiras radicado no Rio de Janeiro que, em 1884, chegou a Curitiba atraído pelas possibilidades de aplicar a técnica de impressão de imagens nos impressos locais<sup>14</sup>. O empresário e ilustrador é considerado um dos precursores da litografia no estado. A partir de 1885, fundou a empresa *Litografia do Comércio*, em cujas dependências montou um ateliê de iconografia, onde se formaram os primeiros litógrafos do estado. (PEREIRA, 2002, p. 49). A empresa também fora responsável pela impressão da primeira revista ilustrada no estado, a *Revista do Paraná*<sup>15</sup>, criada em 1887, por Nivaldo Teixeira Braga. (CARNEIRO, 1975, p. 35).

No ano seguinte, deu-se um marco histórico na produção de impressos locais com a fundação da *Typographia e Lytographia a Vapor Impressora Paranaense* pelo Barão de Serro Azul. A empresa nasceu da junção da antiga *Tipografia Lopes*<sup>16</sup>, administrada por Jesuíno Lopes, e a *Litografia do Comércio* da família Figueiras. Tinha como prioridade a produção de rótulos para embalagens da

<sup>13</sup> O *Dezenove de Dezembro* foi o primeiro jornal impresso no Paraná. Em 1890, quando o Partido Conservador tornou-se hegemônico no poder do estado, os líderes do governo federal determinaram o encerramento das atividades desse periódico, deixando apenas *A República* como o único jornal a circular no estado (PEREIRA, 2002, p. 64). Dentre seus redatores estavam Joaquim Inácio Silveira da Motta, João José Pedrosa e Jesuíno Marcondes.

<sup>14</sup> Sabe-se também que, quando saiu de seu país, Figueiras aportou primeiramente em Santos e se destinou à Capital Federal, onde se ligou a um grupo de jovens literatos integrado por Valentim Magalhães, Raul Pompéia, Raymundo Correia e Teófilo Dias (CARNEIRO, 1975, 35). Ainda segundo o autor, Figueiras teria chegado ao Paraná motivado por Luís Coelho, quem antes de se tornar proprietário da tipografia Pêndula Meridional de Curitiba, trabalhou com Narciso Figueiras no Rio de Janeiro no ramo editorial e litográfico.

<sup>15</sup> A *Revista do Paraná*, que tinha periodicidade semanal, passou a circular em 25 de outubro de 1887, durou apenas sete números e, segundo Carneiro, era “de grande tamanho, bom papel, qualificada em matéria partidária” (CARNEIRO, 1975, p. 34).

<sup>16</sup> A *Tipographia Lopes* foi a primeira do ramo em Curitiba, instalando-se na cidade em 1854 graças à iniciativa de Cândido Martins Lopes, que fora convidado pelo governo imperial a abrir uma empresa tipográfica na província (ODAHARA, 1997). A tipografia foi responsável pela publicação do primeiro jornal impresso no Paraná, *O Dezenove de Dezembro*.

erva-mate para exportação, mas, mesmo assim, acabou fomentando o desenvolvimento de uma imprensa periódica local e o aperfeiçoamento das técnicas de impressão. Conforme destaca Corrêa:

A burguesia ervateira, na figura do Barão do Serro Azul, fez inúmeros investimentos para a criação de um campo de produção cultural, adquirindo a Imprensa Paranaense, antiga Tipografia Lopes (a primeira da província) e a litografia do Comércio, de propriedade de Figueiras. Logo, serviam não só para a produção dos rótulos, mas também para fomentar a imprensa, área estratégica dos investimentos do Barão. (CORRÊA, 2006, p. 34).

Em cerca de 1900, quando a empresa tornou-se uma companhia, “instalou-se no Batel, na rua Comendador Araújo, próximo às indústrias de mate do barão, que utilizavam as águas do rio Ivo para movimentar os moinhos”. (PEREIRA, 2002, p. 57).

Foi na *Typographia e Lytographia a Vapor Imprensa Paranaense* que *Revista do Clube* passou a ser impressa a partir de 16 de janeiro 1890, graças à iniciativa de Cyro Vellozo. Entre outras funções, o periódico afirmava-se como veículo porta-voz da diretoria do clube fazendo “com que todos que interessão-se pelo *Club Curitybano* fiquem scientes do que nelle se passa e o modo por que a Directoria dirige a Associação”. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 1, p. 8).

O corpo editorial era composto de três redatores. Além deles, as edições também contavam com a participação de outros colaboradores que escreviam esporadicamente, sem, propriamente, um vínculo profissional com a revista. Esses colaboradores formavam um grupo bastante vasto e diversificado.

Entre redatores e colaboradores, elegemos alguns nomes de maior destaque no periódico que, além de seus artigos publicados na *Revista do Clube*, tiveram expressiva atuação na imprensa diária local, além de produção intelectual que lhes conferem, até hoje, relevância no cenário cultural paranaense. Entre eles, podemos citar Ermelino Agostinho de Leão, Dario Vellozo, Emiliano e Júlio Pernetta, Leôncio Correia, Silveira Neto, Antônio Braga, Sebastião Paraná e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo. Tais escritores, bem como suas respectivas trajetórias são fundamentais para a compreensão de parte do conteúdo da revista aqui analisado, de modo que nos detivemos, na última parte desse capítulo, a discorrer sobre alguns aspectos marcantes da biografia de cada um dos integrantes do grupo.

Em linhas gerais, a revista mostrou-se um periódico bastante estável, se comparado aos demais que circularam no mesmo período, cuja duração, em média, era de um a três anos. Em cerca de uma década, foram trazidos a público aproximadamente 176 números, de oito páginas cada um, com periodicidade quinzenal. Com o passar dos anos, o periódico deixou de ser publicado a cada quinzena, tornando-se mensal, especificamente, no final de outubro de 1895. Gratuita, era mantida pelo próprio Clube Curitibano, sendo entregue aos sócios na secretaria da instituição, apesar de, nos primeiros números, ter havido a iniciativa de entregá-los em domicílio.

Nessa década de circulação, a revista sofrera três interrupções, uma delas em razão do contexto bastante próximo à Revolução Federalista. Em suas páginas, não são poucas as asserções acerca das dificuldades de produção de um periódico cuja sociedade era considerada indiferente, principal queixa dos escritores da revista, e eles a manifestaram em vários de seus artigos. Em uma passagem, de comemoração do terceiro aniversário da revista, comenta-se que:

[...] sua guarda de honra, composta de illustres colaboradores, – soube pelejar valentemente, heroicamente, – defendendo-a contra os botes do indiferentismo, contra os obuzes da malevolência!

Eis porque, também, gratíssima para com Aquelles que a coadjuvaram com tanta lealdade e civismo, – a Redacção se confessa eterno reconhecida. (REVISTA DO CLUBE, 1893, n. 1, p. 7).

Ao comentar sobre a extinção do *Diário Popular*<sup>17</sup>, em 1890, outro colaborador teria afirmado:

[...] parece que nesta cidade não se lê. Cria-se um jornal, hoje, vem todo radiante de alegria, apresenta a maior vitalidade possível, traça um programma de arromba como se costuma dizer; mas, passado algum tempo (oh! Como me pesa dizel-o) eis que quando menos se espera desaparece de uma vez para sempre, prematuramente, da liça honrosa do combate. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 18, p. 7-8).

Pereira (2002, p. 70) comenta que essa indiferença para com a imprensa local, de um modo geral, tinha como fator o alto preço das obras literárias e mesmo dos jornais e revistas, o que dificultava o aumento do público leitor. A revista *Olho da*

---

<sup>17</sup> O *Diário Popular*, empreendimento de Rocha Pombo, passou a circular em 1887 e encerrou suas atividades em 1890.

*Rua* custava \$ 300 (trezentos réis) e o jornal *Diário da Tarde* \$ 200 (duzentos réis). Mesmo assim, o cinematógrafo – máquina de projeção de imagens em uma tela – costumava lotar o parque de diversões *O Colyseio Coritibano*, a \$ 500 por sessão, o que denota que havia, entre o público letrado de Curitiba, menos interesse pelas produções literárias e periódicas que pelos modernos artefatos de entretenimento. Possivelmente essa era a principal causa da efemeridade das revistas e jornais do período, além das questões políticas que vez ou outra censuravam ou cerceavam a liberdade das publicações, como foi o caso do próprio *Dezenove de Dezembro*.

Devemos lembrar que, em 1889, um ano antes de iniciar a circulação da *Revista do Clube*, o Governo Provisório estabeleceu o Decreto n. 83, de 23 de dezembro, que impunha a censura à imprensa periódica em todo o território nacional. (PEREIRA, 2002, p. 44). Como explica José Veríssimo, escritor da época:

[...] nos últimos vinte anos do Império, nenhuma [imprensa] seria mais livre no mundo. Com a República esta liberdade diminuiu sensivelmente, tornando-se vulgar, em todo o paiz, a destruição, o incêndio, o empastilhamento de tipografias, os ataques pessoais, ferimentos, mortes ou tentativas de morte dos jornalistas. (VERÍSSIMO *apud* PEREIRA, 2002, p. 61).

Diferentemente de outros periódicos da época, a *Revista do Clube* buscou manter-se à distância das questões políticas, o que favoreceu sua estabilidade ao longo de uma década. Atrelado a isso estava o fato de a revista não depender do interesse do mercado, já que era mantida por uma instituição, como explica Silveira Neto:

[O] Club Coritibano, único jornal desse genero, genuinamente litterario, que nesta boa terra, tão prodiga e fidalga para os politiqueiros [...], tem a excelsa ventura de haver deixado para traz cinco annos de existencia e viver ainda robusta e esmerada; mas, é a causa do effeito. Ella vive porque não depende de assignaturas, não depende do publico, o Club sustenta-a. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 17, p. 2-3).

Em nossas análises, dividimos o período de publicação do periódico em três fases distintas, considerando o conteúdo veiculado, seus colaboradores e as interrupções das atividades. A primeira fase data de 1890 a 1893; a segunda, de 1894 a 1900; e a terceira, de 1910 a 1912. A seguir, discorreremos sobre as principais características de cada uma delas.

## 2.1 Primeira fase da Revista (1890-1893)

Durante a primeira fase, o corpo editorial do periódico foi formado por Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite e Cunha Brito, havendo esse último se ausentado no ano de 1891 e sendo substituído por Dario Vellozo.

No editorial do primeiro número consta que:

O *Club Curitybano*, órgão da associação deste nome, tem o objetivo de pôr os sócios a par de seu movimento litterario e diversivo e concorrer para educar-lhes e elevar-lhes o espírito e o coração, a inteligência e o sentimento. Apontando acima das lutas dos partidos, aspiramos ao nobre auspicioso labor de identificar os nossos consócios na mais solida, estável e fraternal unidade social. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 1, p. 1).

Nos anos iniciais, como já tivemos oportunidade de mencionar, o periódico se destinava aos sócios e, particularmente, ao público feminino, apresentando artigos com narrativas românticas, notícias sobre os saraus, charadas e pensamentos, o que denota a função da revista de informar e entreter seus leitores.

Em seu estudo sobre as revistas curitibanas do final do século XIX e início do XX, Rosane Kaminski (2013) afirma que periódicos como a *Revista do Clube* em sua primeira fase, evidenciam o desenvolvimento de uma nova percepção estética relacionada à vida moderna, aos novos hábitos de lazer e cultura urbanos.

Ainda, segundo a autora, os temas veiculados por revistas como a analisada – em geral, relacionados à moda, costumes e curiosidades – veiculavam e reforçavam esquemas de comportamento, exprimindo a elegância e distinção social que poderia vir associada à atmosfera europeia. Tal aspecto não estava, propriamente, relacionado à cultura erudita – reservada a um público instruído na tradição artística – mas, antes, ao comportamento de consumo cultural de classe média que também se intensificava nos centros urbanos europeus. Como explica a autora, ao longo do século XIX, o trabalho assalariado colocara ao alcance de um maior público as possibilidades de acesso a espaços culturais antes restritos a pequenas elites, fato que deu origem, por exemplo, ao lazer popular.

Em razão de se manter distante de questões propriamente políticas, a linha editorial da *Revista do Clube* acabava por impor certas restrições aos seus redatores e colaboradores, limitando o conteúdo dos textos publicados. Na seguinte nota, da

seção Ponto e Reticências, seu autor deixa claro o conteúdo a ser veiculado pelo periódico, de caráter leve e descontraído<sup>18</sup>:

Eu estava hoje completamente indisposto [...] quando o amigo Cyro veio lembrar-me da minha quinzenal tarefa, isto é, da rabiscação dos “Pontos e Reticências” [...]

Contar histórias alegres que falem ao coração, rir-me á bandeira despregada com as moças, cantar, chorar em versos de dez syllabas? Tudo isso é muito bom, muito bonito: mas é que eu não estou hoje para graças, sinto-me alheio a tudo quanto é bom e bonito. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 6, p. 2).

Em outra passagem, referente a esses primeiros anos de circulação, é possível perceber que houve ocasiões em que a revista padecia por falta de artigos. Cyro Vellozo novamente aparece aqui como o principal organizador do periódico<sup>19</sup>:

Era de manhã cedo. Este batido fez me saltar da cama [...].

Quem havia de ser? O Cyro, senhores, o Cyro Presidente, o Cyro redactor, o Cyro zelador, o Cyro secretario, o Cyro que faz das tripas coração afim de attender as nossas exigências.

– Ora o Cyro por estas alturas, a estas horas! Que novidades meu velho?  
– Venho dizer-lhe que acho-me n’um aperto insano. Lá se foi o Amarantho, o Frei Antão está de cama, quero que o amigo desaperte-me, escrevendo qualquer cousa para o Club.

[...]

E o bom Cyro desenvolveu toda a sua lógica de ferro [...] para arrancar-me alguma cousa para o Club. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 8, p. 3).

Ainda que houvesse aqueles a quem frustrasse, a linha editorial do periódico em seus números iniciais servia bem a escritores que assumiam uma postura diletante quanto às questões “mundanas” e desejavam divulgar seus poemas e obras, a exemplo desse fragmento cujo autor assina com o pseudônimo de Amarantho:

Eil-o – O hynverno – o hynverno, a mais bella das estações!  
Como são agradaveis suas finas e aristocraticas manhas.  
Que deliciosa e funda melancolia existe pelo céu purissimo, se derrama pelos campos esbranquiçados.

<sup>18</sup> *Pontos e Reticências* refere-se ao título de uma coluna da revista, de sua primeira fase de circulação.

<sup>19</sup> Os nomes de Amarantho e de Frei Antão a que a passagem alude correspondem a pseudônimos de escritores que tiveram uma participação efêmera na revista.

Nada me perturba, a não ser a idèa de emmalar a roupa.  
 Não me preocupa a política, essa miséria que retorna os homens tão máus uns para os outros, que fal-os mais mostrarem os dentes – verdadeiros dentes de panthera!  
 Corre-me a vida tranquilla e serena, como o mais sereno e tranquilo dos regatos. (REVISTA DO CLUBE, 1980, n. 7, p. 3).

Cabe destacar algumas das regularidades encontradas nos anos iniciais, como a seção intitulada *Roda Pé*, que tratava, geralmente, de episódios sociais e, vez ou outra, apresentava comentários dos principais personagens do cenário social do clube. Também constavam algumas notas e seções literárias em que escritores locais resenhavam ou, simplesmente, teciam comentários de obras de escritores brasileiros de renome. Havia, ainda, transcrições de pensamentos de autores estrangeiros. No final de cada número, publicavam-se informações sobre o clube, sua biblioteca, suas festas e conferências, além de algumas atas de assembleia da diretoria da instituição, nas quais havia proposições para o ingresso de novos sócios.

Como destaque, no início de cada número constava uma coluna não-assinada, cuja autoria possivelmente seja a do padre Alberto José Gonçalves, que, entre os três redatores da revista, era o que propriamente assumia uma postura de defesa dos preceitos católicos. Nessa coluna, enaltecia-se a importância da educação, da instituição familiar, da união conjugal, da presença de Deus no lar, entre outros assuntos de forte apelo moral cristão católico<sup>20</sup>.

Ainda que esse aspecto esteja presente na maioria dos números dessa primeira fase da revista, de maneira geral, ela se propunha a reunir em suas páginas, colaboradores de diferentes orientações filosóficas e, mesmo, políticas uma vez que tais questões não eram, em absoluto, objeto de discussão de suas páginas.

Como atesta Azevedo Macedo:

Fóra do Club ruge a impetuosa tempestade das paixões políticas e cada homem está sob o pavilhão de seu partido; dentro do Club reina a serenidade dos ânimos, todos são ligados pela adopção de um mesmo credo, todos abrigam-se debaixo de uma mesma tenda, todos possuem uma mesma bandeira de combate! (REVISTA DO CLUBE, 1893, n. 1, p. 4).

---

<sup>20</sup> Após deixar a redação da *Revista do Clube*, em 1896, Padre Alberto José Gonçalves passou a integrar o corpo editorial de outra folha periódica, *A Estrella*, que circulou em Curitiba, entre os anos de 1898 e 1906. Esse periódico tornou-se o órgão de embate do movimento católico (clerical) paranaense contra os anticlericais, conforme veremos adiante.

Propriamente com relação à política, é possível encontrar, ainda na primeira fase da revista, artigos que enaltecem o novo regime político, bem como a abolição da escravatura. São várias as notas sobre as comemorações do Partido Republicano Federal (PRF) que ocorriam nas instalações do clube, o que demonstrava haver uma relação bastante próxima entre uma e outra instituição. Tal aspecto fica bastante evidente nesta passagem, em que Vicente Machado, o chefe do PRF, tecendo elogios ao Clube Curitibano afirma:

Um dos fins mais nobres a quem tem servido o Club Curitybano tem sido o desenvolvimento do espírito de associação. [...]

A associação, quer ella se dê no terreno exclusivo da agremiação, quer se alimente no ideal de outra ordem para a consecução de um fim moral e social, funda a solidariedade dos indivíduos, creando segurança, abundancia e a força.

[...] A ligação de indivíduos isolados, concentrados e os esforços nos mesmos meios para a obtenção de um fim, multiplica as forças, que dispersas nunca poderiam atingir uma meta qualquer. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 4, p. 3).

Também encontramos passagens saudando o governo de Marechal Deodoro e os governantes estaduais. Tais trechos são mais frequentes no período inicial de circulação da revista e se tornam mais raros à medida que finda a década de 90 do século XIX<sup>21</sup>.

Em abril de 1893, ocorre a primeira interrupção das atividades da revista, motivada pelo contexto pré-revolucionário. A instituição Clube Curitibano viu-se desorganizada e a própria diretoria, que tinha à frente Cyro Vellozo, encontrava-se totalmente desarticulada. Em abril de 1893, em sessão ordinária da assembleia do clube, da qual participaram Barão do Serro Azul e Vicente Machado, Cyro Vellozo renunciou a seu cargo.

Apesar de Vicente Machado ter protestado contra os motivos que Cyro Vellozo alegou para renunciar à presidência, a sessão procede com a eleição de nova diretoria para o Clube. Entre os anos de 1893 e 1894, ocorre uma evasão em massa de seus membros para fora do estado em razão dos acontecimentos políticos

---

<sup>21</sup> Sobre a questão política e, mais propriamente republicana, iremos discorrer mais oportunamente no terceiro capítulo.

que tornavam a revolução uma ideia cada vez mais próxima dos habitantes de Curitiba e do Paraná.

## 2.2 Segunda fase da Revista (1894-1900)

As atividades da *Revista do Clube* são retomadas em março de 1894, auge da Revolução Federalista no Paraná<sup>22</sup>. Em nota, o editorial deixa clara a ênfase dada na questão apartidária do periódico, cujo programa, apesar de se pretender o mesmo que o publicado no editorial do primeiro número em 1890, impunha-se:

[...] impugnar ou propugnar facções políticas e partidárias. Apontando acima das luctas dos partidos, aspiramos ao nobre e auspicioso labor de identificar os nossos consócios na mais solida, estável e fraternal unidade social. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 1, p. 1).

O tom político que era, antes, apenas evitado, passara a ser rechaçado completamente daquelas páginas, ao mesmo tempo em que se sucediam importantes acontecimentos políticos no contexto de então. Em artigo anônimo, encontramos comentada, implicitamente, a relevância da política para o contexto discursivo em questão, assunto que nunca “saía de moda” entre os jornalistas da época. No entanto, tais questões estavam fora de pauta para os redatores e colaboradores da *Revista do Clube* os quais deveriam seguir as determinações dos estatutos da instituição e do diretor Cyro Vellozo que voltara a ocupar seu cargo após restabelecidas as atividades do Clube em janeiro de 1894. A revista deveria continuar servindo, a princípio, aos interesses das gentis leitoras e ao gosto geral dos sócios do clube, sem despertar a animosidade ou suscitar fervorosos debates, como concluiu o colaborador anônimo da passagem abaixo:

Em obediência á citação que me fez o incansável Presidente do Club Curitybano para colaborar na interessante Revista do Club, vou [...] rabiscar estas linhas. Deixo a pena correr a esmo sobre o papel, á semelhança do que faz um *médium* espirita, sem saber que directriz ella deva tomar.

Os assumptos formigam-me no bico da pena. Qual deve ser escolhido? – A política é o primeiro que vem á tona, por nunca sahir da moda entre nós.

Esse não serve, *vade retro*; por que tenho medo da politica como o diabo da cruz e porque iria contra a nossa constituição, digo contra os Estatutos do

---

<sup>22</sup> Sobre esse conflito, trataremos em mais detalhes no quarto capítulo.

Club, que Sr. Cyro, escrupuloso e severo como é, quer que sejam seguidos á risca.

Comecemos, pois pelo assumptos que mais devem agradar às moças, às nossas gentis leitoras. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 4, p. 5).

O corpo editorial dessa fase, composto de três redatores passou a ser integrado, também, por um diretor literário, função ocupada por Dario Vellozo até 1899. Entre os redatores estavam Silveira Neto, Alberto Gonçalves e João Ferreira Leite. A partir de 1896, o corpo de redatores sofre modificações sendo João Ferreira Leite substituído por Júlio Pernetta e o Padre Alberto Gonçalves por Leôncio Correia.

Se, a princípio, a revista deveria apresentar-se ao público como um periódico neutro e de entretenimento – ao estilo de sua primeira fase – os números que vieram a público a partir do ano de 1894 evidenciam algo bastante distinto desse programa, posto que assumiram uma linha artístico-literária que apresentava uma proposta estética voltada aos restritos círculos literários da capital. Esse aspecto, bastante perceptível ao leitor, despertou nosso interesse para compreender o que teria causado uma mudança tão abrupta na linha editorial do periódico em análise. A questão que se impôs é: por que, de um momento para outro, abruptamente, a revista de uma instituição social deixara de servir apenas ao entretenimento e informação dos sócios e passara a expor ao público números acentuadamente literários, de uma linguagem bastante especializada, em que se sobressaem a quantidade de poemas simbolistas?

Além das resenhas de obras e poemas de escritores nacionais e estrangeiros, há artigos e colunas de crítica literária e traduções. Outros artigos tratam da representação do literato ou do escritor em sua sociedade, de sua importância social e da urgência em se valorizar aqueles que se dedicam às letras, questão que discutimos no último capítulo desse trabalho.

Na redação da revista dessa fase esteve a tríade formada por Leôncio Correia, Júlio Pernetta e Silveira Neto, principais representantes da corrente literária simbolista no Paraná. A revista contava, ainda, com as colaborações de Antônio Evangelista Braga e Emiliano Pernetta, além de outros.

Por essa razão, consideramos necessário buscar no contexto histórico, isto é, nos elementos extralingüísticos dos discursos, as razões para essa ruptura na linha editorial da revista analisada a qual, conforme iremos expor, significou uma mudança de comportamento na postura de uma parte significativa dos escritores

locais que vivenciaram o contexto de 1893-1894, no Paraná, marcado pela eclosão da Revolução Federalista e pela ocupação de Curitiba pelas tropas de Gumerindo Saraiva de janeiro a maio de 1894

Vale destacar que, após essa revolução, da reunião de Dario Vellozo, Antônio Braga e Silveira Neto nas intermediações do Clube Curitibano, ocorreu a fundação do grupo conhecido como *O Cenáculo*, em 1893. O grupo é considerado por muitos críticos como a expressão de uma das épocas mais fecundas da literatura no Paraná, tendo sido responsável pela criação de uma biblioteca própria de obras de caráter esotérico. Também foi responsável pela criação de uma revista de mesmo nome (*O Cenáculo*) que, impressa pela *Companhia Impressora Paranaense*, circulou entre 1895 e 1897. Defendia a autonomia literária com relação às demais escolas do país e assumia a missão de “animar a literatura local que repousava em uma apatia, sempre vinculada à influência religiosa e à falta de critérios científicos”. (PEREIRA, 2002, p. 80). Colaboravam com a revista Domingos Nascimento, Emiliano Pernetta, Emílio de Menezes, Rocha Pombo, Romário Martins, Vicente Machado e Victor Ferreira do Amaral. Além de estar diretamente relacionado à questão literária local, esse periódico nos traz importantes evidências acerca do debate anticlerical que figurou em Curitiba na passagem do século XIX para o XX. Após o encerramento das atividades desse periódico, a *Revista do Clube* deu continuidade à proposta literária do antigo *O Cenáculo*, reivindicando para si uma linha editorial voltada à literatura local, fazendo-se porta-voz de um grupo de escritores que almejava reconhecimento e notoriedade pública<sup>23</sup>.

### 2.3 Outras considerações

Com relação aos aspectos sensíveis da *Revista do Clube*, na primeira e segunda fase, podemos afirmar que o periódico apresenta raras imagens ou outros artifícios atrativos, em virtude, conforme acreditamos, das limitações técnicas da época. Apesar do desenvolvimento da litografia, a reprodução de imagens encarecia muito uma publicação. Ainda que raras, parte das revistas literárias da época fazia

---

<sup>23</sup> Em virtude de *O Cenáculo* e a *Revista do Clube* estarem intimamente vinculadas, seja em razão de seu corpo de redatores e colaboradores, seja em razão de suas respectivas propostas, a título de complementar a presente investigação, propusemo-nos a analisar também as páginas de *O Cenáculo* de maneira a subsidiar a elaboração do quarto capítulo.

uso esporádico da imagem, por meio de fotografias de literatos e pessoas ilustres conforme verificou Rosane Kaminski (2013, p. 22). Na *Revista do Clube*, encontramos poucas imagens em alguns números comemorativos, como vemos aqui, o número em homenagem ao poeta Cruz e Souza:



FIGURA 1 - CAPA DE ABRIL DE 1898

Ainda quanto às especificidades visuais da revista, em alguns números – principalmente, nos números comemorativos – é possível notar nas capas e elementos da margem da página o estilo decorativo conhecido como *art nouveau*, difundido a partir da França, com a apresentação de linhas sinuosas e formas arredondadas (FIGURAS 2 e 3). Esse estilo é marcado por composições assimétricas que sugerem movimentação. Como explica Kaminski (2013, p. 16), “um dos propósitos do *art nouveau* era a dissolução de distinções entre as ‘Belas Artes’ e ‘artes aplicadas’ o que se processaria segundo seus defensores, por meio da união entre arte e indústria”.

As principais características visuais associadas ao *art nouveau* eram as linhas suntuosas e formas arredondadas inspiradas nas formas naturais. Os letreiros e títulos eram desenhados à mão e entrelaçados às figuras de cabeleiras, galhos, brotos, folhagens, asas, etc.



FIGURA 2 - CAPA DE 15 DE NOVEMBRO DE 1890



FIGURA 3 - CAPA DE 6 DE JANEIRO DE 1891

Especialmente nos dois primeiros anos da revista, encontramos números de edições comemorativas em que se adotam letreiros desenhados à mão, com formas sinuosas e molduras ornamentais. Essa adesão à tipografia *art nouveau* indica uma adequação ao gosto assimilado pelo público leitor a partir dos modelos de decoração e de consumo cultural francês, estilo que, como explica Kaminski (2013, p. 21), era tomado como uma das facetas do moderno (a arte nova). Essa característica também é encontrada em diversas outras revistas publicadas em Curitiba naqueles anos.

Apesar de não se constituir objeto de nossa análise, cabe destacar algumas considerações importantes sobre a terceira fase de circulação da revista. De periodicidade mensal, essa fase foi mais efêmera que as anteriores, havendo durado pouco mais de um ano (de junho de 1912 a outubro de 1913). Seu grupo de redatores era formado por Sebastião Paraná, Ismael Martins e Leite Júnior. Júlio

Pernetta ocupou a função anteriormente assumida por Dario Vellozo, de diretor literário.

Essa fase é bastante distinta das anteriores, por apresentar um corpo de colaboradores bastante variado, sem haver um núcleo coeso de escritores que pugnou em torno de causas afins como encontramos na primeira fase, em que muito se defendeu o progresso e a República, ou ainda, como na segunda fase, em que um núcleo de escritores expressa o desejo de se legitimar e de angariar seu próprio espaço na sociedade da época.

A diagramação das páginas nessa fase é bastante simples, havendo em sua maioria textos em coluna única, como em formato de livro ou fac-símile. Há a presença de imagens litográficas nas aberturas de alguns números, especialmente nos do ano de 1912, em que se propõe a publicar a biografia de alguns dos presidentes do Clube Curitibano.

Em razão da efemeridade e da diversidade temática desse período de circulação, optamos por focar nossa análise, principalmente nos números que circularam entre os anos de 1890 e 1900, anos que correspondem à primeira e segunda fase da revista, quando a revista constitui-se em um importante porta-voz de movimentos sociais, políticos e culturais que emergiam na Curitiba de então.

Entre os colaboradores da terceira fase – cuja a maioria não é encontrada nos anos anteriores – podemos mencionar José Gelbeck, Porthos Vellozo, Elvira Faria Paraná, Hugo Simas, Ribeiro Garcia, Júlio Hauer, Rodrigo Júnior, Clemente Ritz, Adolpho Werneck, Tasso da Silveira, Annete Macedo, Ribeiro Garcia, Lacerda Pado, Salvino Gasparini, Lycio Vellozo, Sebastião Faure, Heitor Tellés, Alvaro Bomilcar. Encontramos, também, um ou outro poema ou artigo de escritores mais antigos, como Emiliano Pernetta, Dario Vellozo e Silveira Neto.

## **2.4 O grupo de escritores**

Durante o período de sua circulação, a *Revista do Clube* contou com a colaboração de mais de 80 escritores nacionais. Para a presente análise, buscamos identificar aqueles articulistas que sobressaíram pela maior assiduidade nas páginas do periódico e também pelo destaque que tiveram em âmbito local, em razão de

suas ideias e de sua produção literária. Entre eles, incluíram-se nomes como Ermelino Agostinho de Leão, Dario Vellozo, Emiliano e Júlio Pernetta, Leôncio Correia, Silveira Neto, Antônio Braga, Sebastião Paraná e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo.

Na busca de um quadro comparativo das trajetórias desses escritores, os dados disponíveis são muitas vezes insatisfatórios. Boa parte das biografias trata da vida desses indivíduos somente após terem ocupado lugar de destaque nos cenários político e social da época. A possibilidade de complementar este estudo concretizou-se graças a alguns indícios fornecidos por fontes do aparelho administrativo do estado e pelos relatos escritos e publicados de alguns indivíduos que foram contemporâneos aos escritores cujos discursos analisamos aqui.

A maioria desses era natural de Curitiba, de regiões vizinhas ou do litoral, havendo nascido entre as décadas de 60 e 70 do século XIX. Sebastião Paraná (1864), Júlio Pernetta (1869) e Ermelino de Leão (1871) nasceram na capital; Leôncio Correia (1865) era natural de Paranaguá; Emiliano Pernetta (1866), de Pinhais; Silveira Neto e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo (ambos de 1872) eram naturais de Morretes e Campo Largo, respectivamente.

Esses personagens vivenciaram, em sua juventude, um período em que a economia, a política e a sociedade paranaenses passavam por profundas modificações. Na década de 80 do século XIX, reuniram-se em Curitiba, quando ingressaram em instituições de ensino da capital.

Nessa época, Curitiba possuía um acanhado ambiente cultural, conforme testemunhou Ermelino de Leão, em que “a iniciação litteraria não era das mais faceis empresas; faltavam bons livros, bons centros de intercambio de ideas”. (LEÃO, A ESCOLA, 1910, p. 159). Pouco a pouco, presenciaram a transformação urbanística da cidade, bem como a chegada de artefatos modernos, que exerceram sobre parte da população (que tinha acesso aos novos artefatos) uma espécie de sedução tecnológica, exigindo dela “novos padrões de sociabilidade e novas formas de vivência”. (PEREIRA, 2002, p. 34). Como já vimos, tal processo fora desencadeado em grande parte pela expansão da indústria ervateira, que proporcionou o enriquecimento da elite local<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Segundo Queluz (1994, p. 15), os setores sociais vinculados à produção do mate foram um dos principais responsáveis por exigir do estado “uma série de melhoramentos urbanos como ruas pavimentadas, iluminação noturna, saneamento e lugares para passeio”.

A família de Azevedo Macedo, representante do estrato emergente dos comerciantes do mate, foi marcadamente defensora e difusora das ideias liberais e abolicionistas.

Ermelino Agostinho de Leão era de família abastada, cuja riqueza era oriunda da carreira jurídica dos homens da família. Seu pai, Agostinho Ermelino de Leão, foi desembargador (BALHANA et al., 1991, p. 247), e seu avô era o Barão do Serro Azul.

Leôncio Correia também pertencia a uma família abastada, a qual, segundo Sebastião Paraná (1922), era “uma das mais prestigiosas” do estado. Era parente de Ermelino de Leão. Após ter ficado órfão, foi acolhido pelos tios, personagens célebres do campo político tanto local como nacional. Teve como patrono o Barão do Serro Azul.

Dario Vellozo, filho de profissional liberal, já em sua juventude travou contato com ideias republicanas e abolicionistas. Ao chegar a Curitiba, trouxe para alguns de seus colegas e amigos autores que lhes eram pouco conhecidos, fato que, como afirma Ermelino de Leão, lhes “transmittio noções e facilitou, por todos os meios, a educação artística dos seus contemporâneos”. (LEÃO, E. A ESCOLA, 1910, n. 1-3, p. 159).

Tais noções, como explica Leão, são principalmente as de caráter literário, afinal Dario Vellozo era um disseminador das obras de “Casemiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varella, Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Thomaz Ribeiro e muitos outros bons poetas e prosadores”. (A ESCOLA, 1910, n. 1-3, p. 159).

O relato de Ermelino de Leão serve a todo um grupo de escritores que, quando jovens, se reuniu em torno de Dario Vellozo. Do Clube Curitibano, Dario Vellozo é um dos principais agentes, juntamente com seu pai, Cyro Vellozo, responsável pelo surgimento da revista e pela diretoria da instituição, em fase financeiramente estável e próspera.

Em Curitiba, o jovem tipógrafo ingressou no Instituto Paranaense<sup>25</sup>, instituição de ensino da capital onde, em meados de 1880, estudavam Júlio

---

<sup>25</sup> Durante anos o Lyceu de Curitiba foi o único estabelecimento público de ensino primário da capital paranaense. Fundado em 1846, passou a ter um funcionamento regular e contínuo em 1848. Em 1876, ele foi transformado em Instituto Paranaense, e reuniu os filhos da elite letrada da capital. Em 1884, o instituto passou a ser dirigido por Nivaldo Teixeira Braga, erudito de prestígio local, responsável não apenas pela direção de um dos colégios mais importantes da cidade, como também

Pernetta, Azevedo de Macedo e Ermelino de Leão. Emiliano Pernetta, Leôncio Correia e Sebastião Paraná também estudaram no mesmo estabelecimento em anos anteriores<sup>26</sup>. Há indícios de que desde 1884, os jovens estudantes do Instituto haviam constituído um grupo chamado *Sociedade dos Estudantes*, como menciona Ermelino de Leão, em seu artigo “Reminiscências”. (LEÃO, A ESCOLA, 1910, n. 1-3, p. 159). Dario Vellozo juntou-se a eles em meados de 1886. As primeiras impressões sobre o esse jovem também foram descritas por Leão:

Um petiz vindo de mais dilatado centro de novas idéas sobre arte [...] aportou a esta plaga. Tinha sobre nós a vantagem sensível de maior leitura, de mais numerosa e selecta biblioteca e mais clara intuição artística. Uma boa collectanea de poetas nacionais mais consagrados ornava uma elegante estante envidraçada de seo gabinete [...]. Para nós, bisonhos provincianos, certas modalidades do recém vindo pareciam symptomas da mais requintada pedanteria. Desde o trajar envergando vestes de casimira, enquanto toda a nossa geração somente gastava os brins e as pelúcias modestas, parecia denunciar pretenções de superioridade, que a nossa índole não admittia. (LEÃO, A ESCOLA, 1910, n. 1-3, p. 155).

Aos poucos, a presença de Dario Vellozo deixou de parecer presunçosa e passou a ser aceita pelos jovens rapazes, favorecida pelas leituras e pela visão de mundo do “forasteiro” que despertou naqueles rapazes hábitos, expressões e conhecimentos os quais, juntos, exprimiam uma cultura a que, antes, eram quase que totalmente alheios.

Na época em que estudavam no Instituto, na década de 80 do século XIX, surgiam as primeiras revistas ilustradas, graças às iniciativas dos profissionais como Narciso Figueiras e Mariano de Lima<sup>27</sup>. Conforme afirma Pereira:

Na técnica editorial, percebe-se como houve uma evolução rápida da chegada da imprensa a Curitiba, em 1854, até a virada do século, quando a cidade experimentou seu primeiro grande surto editorial, adotando novos métodos que permitiram a adesão ao mundo das revistas ilustradas. (PEREIRA, 2002, p. 3-4).

---

pela criação da Revista do Paraná. Vale destacar que em 1892, o antigo instituto dirigido por Braga recebeu o nome de Ginásio Paranaense. (BALHANA et al., 1991, p. 88).

<sup>26</sup> Silveira Neto fora o único do grupo de escritores mencionados que, na sua juventude, optou por estudar desenho na Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná.

<sup>27</sup> Mariano de Lima foi outro artífice da litografia e da gravura que chegou à Curitiba na mesma década de Narciso Figueiras e de Cyro Vellozo. Em 1887, fundou a *Escola* de Belas Artes e Indústrias do Paraná, responsável por formar o primeiro grupo de caricaturistas que atuaram nos jornais e revistas ilustrados paranaenses que circularam entre as décadas de 1890 e 1910. (KAMINSKI, 2013, p. 150).

A partir de então, Ermelino de Leão afirma ter abandonado, juntamente com seus colegas, “as paginas piegas da *Sempre Viva*, do *Iris*”<sup>28</sup>. Nesse mesmo contexto, ampliaram-se os círculos de leitura e foram instituídas bibliotecas nos clubes da cidade.

Os Vellozo mantinham em sua residência uma suntuosa biblioteca, a qual posteriormente foi descrita por Tasso da Silveira como aquela que reunia “a mais admirável colleção de grandes obras de que se possa orgulhar Coritiba. A arte, a sciencia, a philosophia se alinham nas estantes vastas em volumes que o uso e o tempo envelheceram”. (SILVEIRA, 1940, p. 6). Esse autor descreveu, em um de seus artigos para a *Revista do Clube*, a primeira vez que entrou nesse recinto:

Um dia abordei à sua residencia, bati palmas ceremoniosamente e, aberta a porta, apontaram-me ingreme escada por onde se ia dar a um vasto Karoim subterraneo atapetado de estantes repletas de livros. Era uma grande sala afastada dos rumores sociaes e propicia à mysteriosa calma dos cubiculos de anachoretas.

Ao centro ostentava-se altiva panoplia, representando uma das características do Dario: o accentuado gosto pela esgrima. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 17, p. 2-3).

Em 1886, Silveira Neto, Júlio Pernetta, Ermelino de Leão, Dario Vellozo e um quarto elemento, cujo nome não foi identificado pelas fontes, constituíram um pequeno grupo chamado *Os Mosqueteiros* e, em 1886, publicaram um jornal estudantil bimensal com o mesmo nome, cuja assinatura “custaria a exiguidade de 200 réis por mês”. Cada integrante adotou como pseudônimo o nome de um dos três personagens centrais da obra de Dumas, como se lê no trecho abaixo:

[...] como pseudonymos, os nomes dos principais personagens do conhecido romance de Alexandre Dumas Paes: Aramis, D’Artagnan, Porthos, etc.

Nos serões litterários que se celebravam diariamente, foi lida em commum, a produção do fecundo Dumas, impressionando vivamente os juvenis espíritos dos ouvintes: Surgio a ideia, logo objectivada, da associação. (LEÃO, A ESCOLA, n. 1-3, p. 155).

---

<sup>28</sup> Nesse trecho, Leão faz referência à revista *Iris Paranaense*, que circulou entre 1873 e 1874. A *Semprevivas* ou *Sempre-Viva* (apresentou as duas grafias) surgiu em 1874, tendo, provavelmente, um período relativamente curto de circulação, como os outros periódicos da mesma época. (BALHANA et al., 1991, p. 355).

Em outra passagem, Dario Vellozo confirma a existência do grupo e da importância da obra de Dumas para aqueles jovens:

Uma obra de Alexandre Dumas, – os Trez Mosqueteiros, – delineou o edifício de nossa amizade. Aos dezesseis annos, quem se não sente impellido para o heroismo dos guerreiros, quem não derrama uma lagryma pela innocencia victimada [...] Aos dezesseis annos somos todos mais ou menos amovaveis, mais ou menos crédulos [...]. O romance de Alexandre Dumas agio sobre nós poderosamente. Começamos atirando espada; concluimos fundando interessantissimo jornaleco. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 15, p. 2).

Já na década de 90 do século XIX, a ampliação das atividades de exportação da erva-mate proporcionou um clima de otimismo econômico em todo o estado. Sua capital assistiu a um cenário de rápida *modernização*, tendo seu espaço urbano profundamente reformulado, com a abertura de largos e praças que garantiam lazer e uma nova forma de sociabilidade à população. Aliada a esse processo, esteve a chegada de novos artefatos advindos do exterior, como o cinematógrafo, o telefone, o gramofone, o fonógrafo e os automóveis. As novas técnicas estavam começando a ser notadas na capital paranaense, alterando os comportamentos e a percepção dos que passaram a conviver cotidianamente com elas. Conforme assinala Pereira:

[...] o espaço urbano de Curitiba foi adaptado ao projeto da elite ervateira, já que a cidade deveria refletir a riqueza adquirida pela burguesia do mate em seu comércio exportador [transformando-se] em um palco para a construção da identidade cultural paranaense, supostamente moderna e inovadora. (PEREIRA, 2002, p. 110).

Na Praça Tiradentes, na rua da Liberdade e na XV de Novembro, houve um tímido *bota-abaixo* quando foram demolidas as casas coloniais térreas para dar lugar à construção das *ecléticas casas* de dois ou mais pavimentos, tanto mais altas quanto maior fosse a fortuna de seus proprietários. (PEREIRA, 2002, p. 33).

Rocha Pombo descreveu a Curitiba de sua época, chamando a atenção para sua modernidade e opulência:

A nossa capital é uma das mais belas, das mais opulentas e grandiosas do Sul. Quem viu aquela Curitiba, acanhada e sonolenta de 1853, não reconhece a Curitiba suntuosa de hoje, com suas grandes avenidas e *boulevards*, as suas amplas ruas alegres; as suas praças, os seus jardins, os seus edificios magníficos. A cidade é iluminada à luz elétrica [...]. Já se funde em Curitiba tão perfeitamente como no Rio. Já se grava e já se fazem, em suma, todos os tipos de trabalhos de impressão tão bem como

os melhores da Europa. O movimento da cidade é extraordinário, e a vida de Curitiba é já a vida afanosa de um grande centro. Existem mais de trinta sociedades, clubes e instituições de ordem popular. Contam-se seis colégios particulares, cinco livrarias, nove tipografias, muitas de primeira ordem, e uma litografia importantíssima. (POMBO, 1900, p. 3).

Na edição de janeiro de 1900 do jornal *A República*<sup>29</sup>, encontramos uma interessante passagem sobre a modernidade dos “novos tempos” em Curitiba, que assinala clara distinção entre a “velha” e a “nova cidade”, além de destacar a importância da instituição Clube Curitibano:

Quando em tempos idos, algum cavalheiro illustre, em viagem de recreio, se dignava visitar-nos para avaliar o nosso adiantamento, eu ou outro qualquer filho do lugar, [...] não fugíamos ao prazer de acompanhá-lo a percorrer a nossa cidade [...].

O nosso cavalheiro queria, então o complemento de tanta grandeza: pedia theatros, Clubs, passeios, recreio, onde pudesse ver o nosso high-life [...].

Semelhante desejo em epochas passadas, punha-nos em dura alternativa: ou dizer-lhes com franqueza que não tínhamos, ou convecel-o de que éramos egoístas nesse ponto, não sendo o costume relacionar-se a sociedade, logo chegado aqui. [...]

Hoje [...] podemos com franqueza acolher um hospede, mostrar-lhe o progresso material, contar-lhe o nosso passado atrazado e depois deleitar o seu espirito no seio de uma sociedade intelligente e instruída; leval-o ao teatro, ao Prado, aos Clubs litterarios e recreativos e mostrar-lhe que vivemos e caminhamos.

Como ornamento da nossa sociedade Curitybana, contam-se os filhos seus, que tendo voltado das academias educados e instruídos, quaes estrelas de primeira grandeza, scintillam na esphera social, que os viu nascer e os sabe prezar. Para esse melhoramento social, não podemos deixar de attribuir grande parte ao nosso Club Curitybano, que inspirado sempre de louváveis sentimentos, tem dado estímulo á mocidade e estreitado as relações de família, exemplo e base do bem-estar de um povo, que quer attingir á perfectibilidade social. (A REPÚBLICA, janeiro de 1900, n. 9, p. 3).

Segundo Ribeiro (1985, p. 5), esse discurso, regente de algumas práticas públicas da época, revela a intenção das camadas mais abastadas de Curitiba em cristalizar um imaginário de uma sociedade moderna. A imagem de uma cidade higienizada, limpa e ordenada fazia parte desse momento de se repensar a sociedade como uma forma abandonar sua herança colonial. Os poucos letrados que tinham acesso a esse discurso passaram a difundi-lo de modo a lançar a ideia

---

<sup>29</sup> Folha diária que passou a circular em Curitiba e outras cidades paranaenses em março de 1886. Era órgão do Partido Republicano do Paraná, impresso pela Imprensa Paranaense. A partir de 1890, tornou-se a única folha diária em circulação. (PEREIRA, 2002, p. 64).

de modernidade como uma estratégia discursiva no contexto linguístico paranaense. Essa estratégia acabava por ampliar e supervalorizar os acontecimentos e novidades ocorridos no plano citadino. No entanto, boa parte da sociedade curitibana ainda se mantinha distante desse modo de vida estabelecido em torno da mecanização, da ciência e dos novos meios de transporte e de comunicação.

No final da década de 80 do século XIX, Curitiba não possuía uma instituição de ensino superior. À medida que o século XIX avançava e as camadas mais abastadas tornavam-se ainda mais ricas, fazia-se cada vez mais comum enviarem-se os jovens de Curitiba para os centros acadêmicos de maior renome nacional, como Rio de Janeiro e São Paulo, para realizarem seus estudos. Foi por essa razão que, a partir de 1885, alguns dos colaboradores e redatores de destaque da *Revista do Clube* migraram para esses centros, com vistas a conquistar diploma universitário. Nas faculdades de Direito de São Paulo e do Rio de Janeiro, os jovens estudantes entraram em contato com as principais correntes literárias e políticas que vigoravam no país no fim do século XIX. Esse foi o caso de Emiliano Pernetta, Ermelino de Leão e Azevedo de Macedo, que se formaram bacharéis na Faculdade de Ciências Jurídicas de São Paulo, o primeiro, em 1888, e os outros dois, em 1893. (BALHANA et al., 1991, p. 335). Sebastião Paraná, por sua vez, obteve o mesmo título pela Faculdade de Ciências Sociais do Rio de Janeiro, em 1889. (PARANÁ, 1922, p. 329; NICOLAS, 1954, p. 121).

A Faculdade de Ciências Jurídicas de São Paulo possibilitou a uma parcela dos redatores da revista travar seus primeiros contatos com escritores de renome da literatura nacional. A esse respeito, Andrade Muricy destaca o seguinte:

A Faculdade de Direito dessa cidade [São Paulo] mantinha ainda nesse tempo o seu brilhante renome literário, a ella emprestado pela gloriosa passagem em seu curso, de José de Alencar, Álvares de Azevedo e outros notáveis. [...] A Faculdade de São Paulo era ainda, como disse, no Sul, o centro de convergência mais considerável dos valores literários [...] ou recentemente relevados. O ambiente era de trepidante atividade artística. Havia um entusiasmo inexaurível na gente nova das letras; e como a existência dos jovens literatos de então fosse de uma bohemia menos desbragada, mas ainda assim excessiva todos os gestos propositalmente extravagantes e atitudes talvez de uma anormalidade estudada cheia de requintes. (MURICY, 1919, p. 24-26).

Aqueles colaboradores que não se formaram nesses centros buscaram outras frentes profissionais de atuação, direcionadas ao público leitor e à literatura. Segundo Kaminski:

Na prática, de modo similar ao que ocorria em outras cidades brasileiras naqueles anos [...], os literatos, artistas gráficos, humoristas e outros agentes culturais formadores de opinião iam ocupando novos espaços híbridos de atuação profissional que surgiam com a expansão da imprensa e da lógica publicitária. (KAMINSKI, 2013, p. 13).

Esse foi o caso de Dario Vellozo, que optou, desde cedo, pelo ramo tipográfico, havendo se tornado um jornalista de ampla atuação nos periódicos locais.

Leôncio Correia, apesar de ter ido ao Rio de Janeiro, em 1884, com o intuito de cursar a Faculdade de Medicina da Capital Federal, acabou optando também por seguir a carreira de jornalista, após conhecer e frequentar o meio literário local. (CORRÊA, 2006, p. 47).

Silveira Neto, por sua vez, também não se formou bacharel, preferiu optar pela literatura como forma de exprimir suas ideias e intervir socialmente, tornando-se reconhecido poeta local de vertente simbolista.

Na época, nem o jornalismo nem a literatura eram propriamente profissões. Representavam, antes, o “único refúgio possível para os legitimamente desesperados da justiça social, para os inamoldáveis a toda e qualquer classificação comum”. (VÍTOR, 1969 *apud* CARVALHO, 1997, p. 69). Tais atividades reuniram agentes que desejavam fazer de sua pena um instrumento de batalha ideológica em prol da nascente República, acreditando serem dotados de uma missão ou dever patriótico.

Como “profissionais da palavra”, opinavam, sugeriam, criticavam, selecionavam fatos, recortavam temas, inseriam discussões, propunham soluções e modelos, discutiam com adversários, enalteciam colaboradores e reivindicavam apoios. E ainda publicavam cartas, anúncios, poesias, propagandas e artigos de outros jornais. Tudo isso demonstra o grau de inserção desses escritores na vida da sociedade que integravam e a importância deles para o desenvolvimento da esfera cultural local.

Como analisa Antonio Cândido (1981, p. 27), o sentimento de missão e de dever cívico é um aspecto que caracteriza o escritor em diferentes momentos da

literatura. No entanto, no período imediatamente posterior a Independência, tornou-se mais pujante a ideia de que a literatura era uma atividade que:

[...] corresponde a uma missão de beleza ou de justiça, graças à qual [o escritor] participa duma certa categoria de divindade. Missão puramente espiritual, para uns, missão social, para outros – para todos, a nítida representação de um destino superior, regido por uma vocação superior. (CÂNDIDO, 1981, p. 27).

Não havia discussões acadêmicas sem o intermédio da literatura, dos poemas engajados e dos discursos inflamados que se alastravam pelos jornais da época.

Em muitos dos artigos da *Revista do Clube* encontramos asserções que expressam o anseio desses escritores em consolidar uma identidade enquanto literatos, ora enaltecendo sua importância ora chamando a atenção pública para o reconhecimento dessa atividade em sua cidade. Ao mesmo tempo em que as novas técnicas de impressão e edição barateavam e ampliavam o acesso a revistas e outros periódicos, o analfabetismo foi um obstáculo no crescimento da opinião pública local que ficou restrita a um grupo de literatos e escritores que tinham como profissão a produção de textos literários, políticos e jornalísticos.

Como veremos mais detalhadamente no quarto capítulo, aqueles que buscavam reconhecimento como escritores, como os escritores já mencionados, tentaram se distinguir de algum modo – ou de se vestir, ou de falar ou de escrever –, possibilitando a identificação entre os membros do mesmo grupo. Podemos considerar esse momento como o início da consolidação da esfera literária paranaense, quando os escritores reivindicaram maior espaço e reconhecimento público. Tarcisa Bega (2001) entre outros autores contemporâneos ressalta que nesse período os escritores como o grupo já mencionado:

[...] construíam uma identidade [...], uma afinidade no modo de se relacionar com as experiências individuais e com os acontecimentos exteriores. Esses sólidos vínculos nascem em um pequeno grupo de escritores e se espalham para a geração subsequente, exercendo tanto atração como força constritiva sobre os indivíduos. Esses escritores fizeram com que essa tendência ultrapassasse os limites de uma reação literária, transformando-se num modo de se relacionar com o mundo profissional e com as batalhas político-filosóficas presentes nos cenários local e nacional. (BEGA, 2001, p. 77).

A busca pela distinção social fez com que tais agentes criassem espaços específicos para seus encontros, como alguns jornais, revistas, instituições de ensino e clubes que possibilitaram sua associação em sarais, bailes, círculos de leituras, entre outros eventos. Desses espaços de sociabilidade característicos do fim do século XIX, o Clube Curitibano foi o que se destacou no cenário paranaense, por fomentar a circulação e disseminação de ideias e discursos e o surgimento de movimentos artístico-literários. Em um contexto de nascente republicanismo e modernização da capital paranaense – modernização propiciada pelo capital ervateiro –, a instituição representava o afã civilizador, o progresso e o desenvolvimento intelectual e cultural do estado, particularmente, entre os anos de sua fundação até a eclosão da Revolução Federalista no estado, episódio responsável por modificar a percepção dos literatos locais com relação ao seu próprio tempo.

### 3 PROGRESSO EM DISCURSO

*Hodierno*, vocábulo que atualmente causa certo estranhamento, foi um termo utilizado para designar épocas, como a da passagem do século XIX para o XX, quando se deu a circulação da revista em análise. Sinônimo de “atual” ou “recente”, a palavra foi aplicada para definir o momento marcado pela intensificação da vida nas cidades e pela instauração de uma cultura urbana nos principais centros populacionais do Ocidente. Em sua obra *A Era do Capital*, Eric Hobsbawm trata do impacto causado pela urbanização e pela industrialização, processos que alteraram profundamente o estilo de vida das populações citadinas. A cidade tornou-se “o mais impressionante símbolo exterior do mundo industrial”. (HOBSBAWM, 2002, p. 292-293).

Embora pudesse contar com algumas fábricas, em 1890, Curitiba era um pequeno centro de comércio, transporte e administração, com uma oferta limitada de serviços. Desde a década de 80 do século XIX, o processo de transformações urbanas e tecnológicas na capital paranaense vinha se intensificando, o que levou muitos de seus habitantes a acreditar que a *modernidade* – entendida como sinônimo de *progresso* – havia chegado ao Paraná. A *Revista do Clube* não se isentou desse otimismo que marca os números iniciais de sua circulação. Em razão do vocábulo *progresso* e suas diferentes variantes serem tão presentes naquelas páginas – especialmente entre os anos de 1890 e 1893 – optamos por analisá-lo de maneira a descobrir suas diferentes performances desse vocábulo no contexto lingüístico do periódico em questão.

Há uma diferença bastante sensível entre sua primeira e a segunda fase de circulação. Se a primeira pode ser considerada “progressista”, a segunda apresenta-se bastante subjetiva, melancólica e simbolista consoante às tendências daquele *fin-de-siècle*, conforme discorreremos mais demoradamente no quarto capítulo. Por ora, cabe sinalizar que a perceptível mudança na linha editorial entre a primeira e a segunda fase demonstra ter ocorrido, também, uma mudança na própria linguagem instrumentalizada pelos escritores do periódico. Levando a cabo tal afirmativa, gostaríamos de propor que essa mudança na linguagem – facilmente detectável em periódicos de circulação mais duradoura como a *Revista do Clube* – evidencia uma

transformação mais ampla operada naquele contexto, de caráter social e/ou cultural, visível não apenas em uma única revista, mas na postura dos escritores e literatos do período. Conforme se buscou evidenciar no quarto capítulo, tal mudança decorreu, em grande parte, à eclosão da Revolução Federalista no Paraná, episódio que teria desencadeado um processo traumático na população, especialmente naqueles que lutaram em conflitos armados, como é o caso dos principais escritores da *Revista do Clube*.

Para que haja a compreensão desse contexto de transformações, é necessário considerar as ideias presentes nos artigos dos primeiros anos da revista, escritos no momento em que os principais círculos letrados de Curitiba vivenciavam um otimismo com relação ao futuro do país – estradas estavam sendo abertas, a República havia sido recém-instaurada e máquinas e artefatos considerados “modernos” eram incorporados ao cotidiano da população.

Dois marcos inaugurais dessa época foram a Estrada da Graciosa (1873) e a Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba (1885). Além deles, deu-se o surgimento de clubes, teatros e outras associações do gênero na capital paranaense que garantiram os espaços de sociabilidade e de encontro, principalmente ao estrato letrado e elitizado da população.

Paralelamente a esses locais que conferiam à cidade os ares da urbanidade e da cultura letrada, chegavam à capital descobertas da tecnologia científica, como a luz elétrica e a locomotiva a vapor. O ritmo da vida urbana intensificava-se, sensibilidade que se encontra expressa nas páginas da *Revista do Clube*, como no poema a seguir:

O tempo  
 Deus pede estricta conta de meu tempo,  
 É forçoso do tempo já dar conta,  
 Mas como dar sem tempo tanta conta,  
 Eu que gastei sem conta tanto tempo;  
 Oh! Vós que tendes tempo sem ter conta,  
 Não gasteis esse tempo em passatempo:  
 Cuidai enquanto é tempo em fazer conta.  
 Mas, oh! Se os que contam com o seu tempo  
 Fizessem desse tempo alguma conta,  
 Não choravam como eu o não ter tempo.  
 (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 6, p. 7).

Alterando a percepção espaço-temporal e encurtando as distâncias, diferentes máquinas, pouco a pouco, passaram a fazer parte do cotidiano citadino,

como os bondes e os automóveis, provocando certa sedução tecnológica e levando parte da população (a mesma que tinha acesso a esses novos artefatos) a acreditar na ideia de que o *progresso* estava próximo, se, já não fosse o presente propriamente dito. Conforme destacou Pereira (2002, p. 37), o poder das máquinas e das técnicas nas revistas ilustradas curitibanas do mesmo período ganhara evidência.

Nos comentários a respeito das primeiras apresentações do cinematógrafo, por exemplo, o destaque é o aparelho: minuciosas descrições técnicas do aparato e sequer um comentário a respeito da fita. O mesmo se registrou com a fotografia, embora o objeto fotografado tenha sido comentado para demonstrar o realismo da técnica.

Na *Revista do Clube*, em um artigo de Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, a palavra *progresso* encontra-se diretamente associada à tecnologia. O autor, na época, jovem estudante de Direito, mostra-se impressionado pelo então novo aparelho chamado fonógrafo.

Já que falo em progresso, é bem que não esqueça-me de trazer á baila a maior maravilha que tenho visto.

Não digo ser a oitava maravilha, porque muita gente tem dito isso de outras maravilhas; não digo ser obra sobre humana, porque todos sabemos quem foi que a fez...

– Quero falar de um dos partos mais estupendos do cérebro humano: – o phonographo.

la eu pela rua de São Bento, quando vi pregado ao vidro de uma vitrine um cartaz anunciando que ali funcionava um aparelho phonographico. Movido pela curiosidade, comprei um bilhete de entrada e entrei para ver e apreciar o famoso produto da sciencia de Edison. La estava o aparelho rodeado de homens que tinham tubos de borracha presos aos ouvidos...

Esperiei um momento e logo chegou a minha vez: tomei uma cadeira, fiz como os outros fizeram, e o proprietário do aparelho fez com que este funcionasse.

Então fez-se ouvir um trecho de Verdi cantado por celebre barytono... Qual não foi o meu espanto, quando ao terminar-se a bela canção, ouvi distintamente as ovações e as palmas [...].

Ouvi um importante discurso de Silveira Martins, com todos os apartes, bravos, apoiados e não apoiados, feito no parlamento brasileiro; discurso este que terminou, como distintamente ouvia-se, por uma salva de palmas e vivas ao grande orador!...

Pelo que havia lido em jornaes, eu fazia idéa do que fosse o phonographo, mas – confesso –, o que eu vi e ouvi estava muito acima de minha expectativa. (REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 17, p. 5).

Como podemos verificar no início da passagem, o progresso torna-se sinônimo de técnica ou de “certa máquina” por meio da qual era possível ouvir reproduzidas “as palavras ditas alguma vez por aquelles de quem a distancia nos separa e a quem a afeição nos liga!”. (REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 17, p. 5).

É inegável que as máquinas e a técnica de maneira geral se tornaram símbolos do progresso curitibano, favorecendo a construção da ideia de cidade modernizada cujo futuro parecia promissor e bem diferente do passado “atrasado e provinciano”.

O ramo da produção de impressos em Curitiba, ao qual parte dos escritores e colaboradores da revista estava direta ou indiretamente ligada, foi um dos setores mais impactados pela onda tecnológica. No início da década de 90 do século XIX, chegou à cidade o primeiro prelo mecânico a vapor, graças aos esforços do tipógrafo catalão e membro do Clube Curitibano, Narciso Figueiras. O aparato, que passou a compor o maquinário da *Litografia do Comércio*, de propriedade do próprio Figueiras, possibilitava a impressão de tipos e imagens (litografias). (ODAHARA, 1997, p. 9). Em 1897, a instalação da rede de luz elétrica representou outro notável evento para a população curitibana. Sobre ele, foi dedicado o espaço de 3 a 4 colunas em dois números da *Revista do Clube*, em que foi descrito o funcionamento do sistema de distribuição de energia em termos técnico-científicos para os mais interessados.

Dentro desse contexto, surgem nas páginas da revista artigos que ora enaltecem determinados aspectos da tecnologia recém-desenvolvida, ora apresentam ideias e teorias a seu respeito. Para parte da população – na qual estavam incluídos muitos daqueles escritores – a técnica e a inovação científica eram identificadas como inevitáveis e socialmente desejáveis, na medida em que representavam o controle humano sobre a natureza, sem suscitar maiores problemas de legitimação, mesmo para os mais tradicionalistas.

### 3.1 Progresso científico-filosófico: o Positivismo

Além da questão técnica, a concepção de progresso na revista em análise também surge atrelada ao conceito de evolução social e à crença de que a humanidade e o Brasil, mais especificamente, estariam vivenciando um processo evolutivo cujo estágio final teria sido supostamente atingido naquele momento, ou estava prestes a ser alcançado.

Essa perspectiva, que associa o progresso à evolução social, encontra-se fundamentada na obra de diferentes teóricos europeus, entre os quais destacamos Auguste Comte (1798-1857)<sup>30</sup>. As ideias desse autor são recorrentemente mencionadas em passagens do periódico analisado, por fornecerem subsídios para a elaboração de uma concepção de progresso como sinônimo de razão, evolução e ciência, que marcou a primeira fase da revista. De modo a compreendê-la, optamos por expor algumas das premissas do pensamento comtiano, tomando como base parte de sua obra e alguns estudos de referência.

Também conhecido como “ciência social positiva”, “ciência do homem”, “ciência da sociedade” ou “sociologia”, o positivismo assumiu para si o propósito de revelar as leis desenvolvimentistas que, segundo Comte, haviam sempre determinado o curso da história humana. Todavia, de acordo com o pensador, só com a ciência positiva essas leis teriam sido compreendidas e descritas de forma que os homens, a partir delas, pudessem ordenar suas vidas racionalmente. As explicações que essas leis promoveriam “seriam materialistas, baseadas, por sua vez, nas leis fundamentais da matéria e apresentariam, em sua inter-conexão sistemática e harmoniosa, o esquema para a nova ordem, ao mesmo tempo necessária, racional e desejável”. (HAWTHORN, 1982, p. 79).

Em seu estudo sobre as sociedades humanas, Comte elaborou uma teoria da história ou uma lei única do desenvolvimento humano que, conforme Bourdê e Martin (1983), também pode ser entendida como uma teoria do conhecimento.

---

<sup>30</sup> Com uma preparação de matemático, Comte formou-se na École Polytechnique de Paris e, em 1817, tornou-se secretário de Saint-Simon, com quem colaborou em várias publicações. Rapidamente apreendeu as ideias desse pensador e absorveu sua visão progressista da história e o seu projeto de reorganização da sociedade sob a direção de um escol de cientistas, artistas e empresários. Em 1830, foi publicado o primeiro volume de sua obra principal, o *Cours de Philosophie Positive* (1830-1842), cujo sexto e último volume só foi publicado doze anos mais tarde. (GARDINER, 1995, p. 88-89).

Conhecida como a Lei dos Três Estados, ela afirma estar a humanidade inserida em um processo evolutivo dividido em estágios.

Comte não se ateve a questionar a ideia do progresso propriamente dita, tampouco discutiu se algum período da história foi marcado por algum retrocesso ou involução. Para ele, estava claro que “a parte cultivada da raça humana, considerada como um todo, fez um progresso ininterrupto na civilização, desde os períodos mais remotos da história até os nossos dias”. (COMTE *apud* BOCK, 1980, p. 93). E essa premissa comtiana, qual seja, a ideia da existência de uma evolução contínua ou de um progresso inexorável no desenvolver das sociedades humanas, permeou muitos dos discursos aqui analisados, especialmente aqueles datados entre 1890 e 1893.

De maneira geral, as leituras e as formas de recepção das ideias comtianas variaram bastante entre os colaboradores que deixaram expressas suas opiniões nas páginas da revista. Mas, está claro que as ideias de Auguste Comte serviram enquanto esquema explicativo para se compreender, por parte do grupo de escritores da revista, da fase de entusiasmo científico-tecnológico que vivenciavam, quando se pensou estar alcançando o auge do desenvolvimento e progresso nacionais. Como podemos observar no fragmento a seguir, a teoria de Comte é mencionada como modelo explicativo para o estado industrial que afirmou estar sua sociedade vivenciando naquele momento:

O filosofo francez [Auguste Comte] a quem competio apresentar ao mundo a melhor religião, essa que se chama positivismo, não admite a perfeição absoluta, e, no seu entender, a humanidade, no *estado industrial* não será absolutamente perfeita.

Comparo a sociedade, em seu caminhar progressivo, em sua aproximação d’esse typo perfeito ideal, a um polygono, cujos lados serão infinitamente pequenos e que comtudo, não attingirá á circunferencia. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 17, p. 5).

Segundo o colaborador anônimo, apesar de a sociedade estar em constante evolução, atingindo aquele que seria um de seus estágios mais avançados – o industrial – jamais atingiria a perfectibilidade, entendida como uma utopia. O autor do mesmo fragmento também chega a mencionar o fato de Comte ter “apresentado ao mundo a melhor religião”, o que nos remete à ideia de que o positivismo, muito mais que uma vertente sociológica, serviu a muitos como um código moral e, até mesmo, doutrinário ou religioso.

Segundo José Murilo de Carvalho (1990, p. 21) em seu estudo sobre o imaginário republicano no Brasil, a obra de Comte sofrera uma profunda transformação a partir de 1845, quando ocorrera o encontro desse pensador com Clotilde de Vaux. Desde então, os elementos religiosos passaram a predominar sobre os aspectos científicos e a doutrina positiva acabou por sacralizar elementos e símbolos nacionais. Como explica Carvalho (1990, p. 130), “os santos da nova religião eram os grandes homens da humanidade, os rituais eram festas cívicas, a teologia era sua filosofia e sua política, os novos sacerdotes eram os positivistas”.

O culto à pátria e aos seus símbolos surge em algumas passagens da revista, geralmente acompanhado de elogios entusiastas pela nascente República e seus dirigentes. Alguns trechos anônimos são inspirados em uma certa ortodoxia positivista, como o que se segue, no qual seu autor equipara o culto a santos e imagens católicas à adoração da bandeira nacional:

A bandeira é como uma synetisação dos nossos sentimentos patrioticos [...] Como o idolatra faz representar em figuras de madeira, gesso ou metal qualquer das suas divindades, nós também numa idolatria sublime, fazemos de um pedaço de panno ataviado a imagem da patria ou da crença em que empregamos as nossas convicções.

[...]

É um objecto simples uma bandeira, mas extraordinario pelo seu papel, sagrado pela linguagem eloquentíssima na sua mudez que tem para com o nosso coração. (REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 12, p. 6).

Essa apropriação do positivismo como Religião da Humanidade tornou-se bastante pertinente em um contexto de mudança de regime político, em que a República tornara-se a própria materialização do progresso do país e os símbolos nacionais passaram, então, a ser enaltecidos por todos aqueles que saudaram com entusiasmo o novo regime.

Além da pátria, as ideias comtianas defendiam outras formas de convivência comunitária, como a família, por exemplo, considerada o núcleo base da sociedade e da pátria. Nos discursos em análise (da primeira fase da revista), sua importância foi extremamente destacada, por ser considerada a instituição responsável pelos primeiros ensinamentos recebidos pelo indivíduo e, por essa razão, a família servia a um papel fundamental ao progresso nacional.

Em uma das passagens, afirma-se, por exemplo, que “a origem do Estado está na família; a sua razão ou fundamento de direito [...]. Nascera da necessidade que o individuo sente de auxiliar-se e socorrer-se mutuamente para alcançar o bem comum”. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 18, p. 1). Em outras, tem-se que a família, “do mesmo modo que o indivíduo e a humanidade, está sujeita a leis eternamente harmonicas que synthetizam [...] seu desenvolvimento e perfeição”. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 19, p. 1).

Aqueles que não viam no positivismo uma religião atrelada ao progresso da nação, defendiam-no como vertente científica e/ou filosófica, a única capaz de transmitir a “verdade”, representando, portanto, o progresso científico. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, em um de seus artigos, menciona que, graças aos esforços de Auguste Comte, o movimento científico se apoderou das “sciencias moraes” e “políticas” lançando:

as bases de um novo systema de filosofia-positiva; e apareceu igualmente Spencer que aperfeiçou a nova escola [...].

A filosofia comtiana espalhou-se e hoje avassala quase todo o mundo. [...] A combinação harmônica da filosofia e da historia, da idéa e do facto, da observação e da experimentação, – tal é novo methodo, único pelo qual se pôde chegar ao conhecimento da verdade. [...]. (REVISTA DO CLUBE, Curitiba, 1892, n. 2, p. 5).

Progresso torna-se, aqui, sinônimo de ciência, ou ainda, de “esclarecimento da verdade”, que somente naquele momento teria vindo à tona. Há uma coluna de Azevedo de Macedo, na *Revista do Clube* de 1892, intitulada *Secção Philosophica*. Nela são apresentados artigos que versam sobre o progresso em diferentes áreas do desenvolvimento humano, tais como a ciência e a literatura (arte). Em tal coluna, é inegável o entusiasmo de Macedo com relação às conquistas científicas e ao relativo avanço tecnológico e intelectual de sua da época. Às vezes dava a entender a seu leitor que tais conquistas não eram apenas impressionantes, mas também finais. Em uma de suas cartas, ele escrevera que “hoje a sciencia tem novos horizontes; a humanidade tem novos elementos de vitalidade e o mundo inteiro em seu desenvolvimento harmônico oferece-lhe mais seiva e mais punjança!”. (REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 7, p. 5).

### 3.2 Progresso artístico-filosófico

O entusiasmo de Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo com relação à ciência chegava a ser tal que afirmou, em um de seus artigos, que deveriam estar subordinadas a ela outras formas de atividade intelectual, como a própria arte. Em suas palavras,

[...] Qual o caminho que deve a Arte trilhar sinão o que esteja de acordo com a sciencia experimental?

A Arte tem de sujeitar-se (note-se que não queremos exprimir com isto o tolhimento da liberdade de pensar; é a propria natureza dos factos quem impõe) ao novo método de observação esthetica que o movimento contemporâneo lhe oferece. (REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 2, p. 5).

Nesse mesmo artigo, de modo a justificar o progresso intelectual vivenciado no período, o autor desenvolve uma longa digressão histórica buscando compreender o progresso da arte ao longo dos tempos, procurando evidenciar que “as doutrinas artísticas correspondem exatamente às doutrinas philosophicas”. Para ele, teria havido, em tese, uma evolução ou um progresso do pensamento Ocidental, cuja etapa final estaria sendo vivenciada naquele momento. Assim, descreve três diferentes movimentos artísticos, relacionando-os, cada qual, a uma época histórica e a um movimento filosófico-científico em específico. O primeiro seria o *petaphysismo* greco-romano, que deu origem ao movimento artístico conhecido como Classicismo; o segundo, por sua vez, seria a filosofia cristã, que originou o Romantismo; e, por fim, “do positivismo philosophico nasceu modernamente o naturalismo”. (REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 2, p. 5). Essa última fase corresponderia ao patamar mais elevado do processo de evolução intelectual e social das sociedades ocidentais.

Nesse esforço de Azevedo Macedo em “mapear” o desenvolvimento artístico ao longo tempo, nota-se a necessidade de se tornar explícita a modernidade e o progresso que estavam sendo vivenciados, fosse por meio da tecnologia, fosse por meio da cultura, com o surgimento de diferentes escolas artísticas, principalmente no âmbito literário.

A menção ao Naturalismo por Azevedo de Macedo nos conduz a duas hipóteses interpretativas referente ao vocábulo: a primeira é de que o autor teria se confundido e, na realidade, desejado fazer menção à escola literária realista que

ganhou destaque a partir de meados do século XIX, cuja característica principal era a busca pela inspiração direta na natureza e a sua reprodução com fidelidade (MORAIS, 1991). Não implicava, porém, em cópia fiel da natureza, mas a sua interpretação por meio da sensibilidade do artista.

E por que Macedo não estaria se referindo, propriamente, à escola literária naturalista? Essa não é uma hipótese a ser descartada, no entanto, devemos considerar a pouca receptividade dessa escola entre os literatos curitibanos, por se apresentar extremamente arrojada e audaciosa para o período. O Naturalismo literário, conhecido por ser uma radicalização do Realismo, teve como precursor o escritor francês Émile Zola, autor de *O Germinal* (1885). O romance, conhecido pelo sua materialidade e crueza, descreve em minúcias as condições de vida subumanas de uma comunidade de trabalhadores de uma mina de carvão na França.

Em âmbito nacional outra obra naturalista que marcou o período – e que chocou a sociedade curitibana da época – foi o romance de Aluísio de Azevedo, publicado em 1890. Em *O Cortiço*, Azevedo se utiliza de termos e noções científicas, para tecer sua narrativa, cujo pano de fundo é marcado pela insalubridade da vida dos cortiços cariocas da época.

Em razão de sua proposta, o Naturalismo literário foi alvo de críticas na revista sendo considerado por muitos uma manifestação oposta ao progresso por empregar “uma linguagem baixa, um estylo de taverna, e esse não é o estylo natural, não é com esse modo de fallar que se procura fazer a sociedade seguir um caminho digno”(REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 12, p. 2). Na continuação desse artigo, torna-se claro que havia uma confusão entre as designações das escolas literárias pelos autores da época. O que o autor da passagem a seguir chamou de Realismo está bem mais próximo da vertente literária naturalista:

O realismo é uma escola unicamente descriptiva e a arte não procura só descrever. [...] Esta escola não descreve a humanidade em todas as suas manifestações e sim na sua parte mais vil e mais porca. Ora todos sabemos que a humanidade não tem só vícios, que ella tem alguma cousa de grande e de admiravel.

[...] Além disto, occupando-se unicamente do seu lado nauseabundo, esta escola puramente descriptiva torna-se antes perniciosa do que util, porque, abandonando completamente o lado bom e nem mesmo procurando tirar relações abstractas desses factos concretos que ella simplesmente copia, desenvolve na sociedade os sentimentos baixos em prejuizo dos outros que ficam esquecidos. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 12, p. 2).

Essa crítica ao Naturalismo literário não se manteve por muito tempo. Cerca de sete anos depois, encontramos na mesma revista passagens elogiosas da obra de Émile Zola, quando esse desencadeou uma série de discussões em seu país em virtude de sua postura assumida no Caso Dreyfus, como teremos oportunidade de abordar no último capítulo. Antes disso, porém, muitos escritores locais se opuseram à vertente literária da qual ele era o precursor porque buscavam, em suas produções e nas obras que liam, algo compatível com o propósito de integração do país na cultura ocidental, tal como o realismo que contribuiu, à sua maneira, para a construção de uma identidade nacional; ou ainda, como as ideias progressistas da história que conferiram um sentido de evolução aos acontecimentos que se verificavam no país naquele contexto.

Para além das designações e críticas dirigidas a escolas, a análise da revista possibilitou a percepção de que a literatura assumia, naquele contexto, uma crescente importância e tornava-se necessário, da parte daqueles escritores, enfatizar nos artigos, com os do dito periódico, que essa instância acompanhava a humanidade em seu progredir, atrelada à ciência e à filosofia, conforme se acreditou e se defendeu na época.

Nesse contexto, muitos dos escritores da revista em análise assumiam para si a postura do homem de letras do final do século XIX, não sendo apenas literatos ou escritores, mas antes, estudiosos, pensadores versados em diferentes assuntos. Traduziam artigos estrangeiros, liam muitas traduções e procuravam estar a par das notícias que vinham, principalmente, da Europa. Ainda que existissem críticas com relação a algumas vertentes e produções estrangeiras, Sevckenko (1983) é um dos autores que explicam que, nos três últimos decênios do século XIX, as ideias que procediam da Europa tornaram-se hegemônicas nos principais centros urbanos do Ocidente, levando ao que o autor chamou de “europeização das consciências”. Essa tendência equivalia “a um padrão de pensamento compatível com a nova ordem econômica [...], fornecendo o subsídio para as iniciativas de modernização das sociedades tradicionais, como o Brasil”. (SEVCENKO, 1983, p. 82).

Por estarem tão próximos às inspirações europeias, em uma primeira leitura, pode parecer estranho o fato de escritores como os da revista criticarem correntes consideradas *avant garde*, como a naturalista literária. No entanto, esta não servia ao propósito de fundamentar a crença no progresso, segundo a percepção que se

tinha na época. As teorias que mais encontravam adeptos eram aquelas que fundamentavam uma perspectiva otimista com relação ao futuro, apresentando um forte apelo progressista. Tais ideias também defendiam os pressupostos básicos do capitalismo (livre concorrência), da empresa privada competitiva e da liberdade e dos direitos civis<sup>31</sup> e, diferentemente do Naturalismo de Zola ou de Azevedo, não se propunham a criticar o sistema sociopolítico vigente apresentando ao público as condições deploráveis em que viviam os segmentos menos favorecidos da população. A esse conjunto de ideias liberais que figuraram na revista em sua primeira fase, também se somava a crença na tecnologia, na razão e na ciência, sendo esses dois últimos aspectos especialmente importantes para a compreensão da postura daqueles que, no Brasil, imbuíram-se desse ideário progressista europeu. Consta em um editorial da *Revista do Clube*, do ano de 1893, que:

Nascidos neste século, educados em suas idéas, acompanhando seu incessante progredir, devemos desejar que elle seja bem encaminhado para produzir fructos admiraveis.

Devemos querer que as tendencias de nossa epocha sejam bem dirigidas, porque então em lugar desses sobressaltos, que continuamente nos assistem, produzirão milhares de beneficios, que alargarão a vida physica e prepararão a felicidade moral. (REVISTA DO CLUBE, 1893, n. 5, p. 1).

Concluimos esse trecho com Kenneth Bock (1980), para quem a questão do progresso “envolve-nos em um dos mais complicados problemas do pensamento Ocidental”. (BOCK, 1980, p. 66). Esse autor considera que tal questão não deve ser entendida superficialmente como um juízo de valor sobre a história ou como uma crença ingênua em um futuro melhor para o homem em sociedade. O progresso deve ser concebido, antes, como um movimento da história na direção a metas desejadas. Movimento que é explicado e delimitado por um conjunto complexo de ideias de amplo alcance para a ciência e a filosofia sociais. Conforme Bock define (1980, p. 68), a ideia de progresso:

[...] encerra uma imagem detalhada e abrangente de mudança. Envolve orientações específicas da história [...]. Indica uma interpretação definida e singular das diferenças sociais e culturais e designa um uso de diferenças na construção de teorias de mudança social e cultural. Postula uma

---

<sup>31</sup> Ver mais em: HOBBSAWM, 2002, p. 340-341.

natureza das coisas, afirma um universalismo e cria um sistema de correspondências que nos apresenta um quadro rico e detalhado [...].

Dessa maneira, além de estar atrelada ao enaltecimento dos avanços tecnológicos e científicos do período, a crença no progresso sustentou uma visão otimista com relação ao momento presente e futuro, visão segundo a qual a humanidade estaria vivenciando um processo evolutivo, isto é, um longo caminho de etapas detalhadas e intrincadas, pautado por leis universais de mudança. Esse processo se encontrava presente, para aqueles escritores, nas diferentes manifestações filosóficas e culturais, com destaque às artes do período.

### **3.3 Progresso moral: compreender as massas para guiá-las**

Além do positivismo, outras vertentes e teorias científicas europeias consideradas de vanguarda eram mencionadas e comentadas nas páginas da *Revista do Clube* em maior ou menor grau, especialmente aquelas que tratavam de explicar socialmente o fenômeno das massas, a psiquê e os instintos humanos, entre outras questões semelhantes. Estas atraíam o interesse de escritores e pensadores do período, justamente, por levá-los a compreender a contradição existente entre o suposto progresso que acreditavam estar vivenciando e as visíveis desigualdades sociais e econômicas. Tais desigualdades eram ainda mais perceptíveis em um contexto de intensificação da vida urbana, que obrigava as elites a compartilharem o mesmo espaço citadino com outros segmentos da população. A partir de então, a ciência tornava-se um meio objetivo de reduzir a realidade a leis, conceitos e informações objetivas. Nesse contexto, essas teorias sociais serviam ao progresso, no sentido em que legitimavam os projetos de intervenção social na civilização das massas.

Tomando como exemplo a análise historiográfica de Carvalho (1987, p. 17) sobre a cidade do Rio de Janeiro logo após a Proclamação da República, tem-se uma ideia da insegurança que a vida na cidade representava para suas camadas mais ricas. De acordo com o estudo, havia pessoas das mais variadas origens e condições como trabalhadores autônomos, desertores do Exército e da Marinha, ladrões, malandros, prostitutas, etc. (CARVALHO, 1987, p. 18). Uma das estratégias

de controle dessa população consistiu na reurbanização da cidade, de modo a extinguir os cortiços habitados pela população mais pobre e selecionar os transeuntes das avenidas e bulevares recém-construídos. Para a efetivação desse projeto urbanístico, uma grande massa populacional foi evadida do centro do Rio de Janeiro para as regiões periféricas da cidade.

No caso da capital paranaense, a vida urbana também passou a se constituir uma tensa experiência de alteridade, quando a cidade passou a abrigar diferentes segmentos da população.

Na *Revista do Clube*, a preocupação em civilizar as massas apresenta-se como uma questão bastante delicada. Entre 1890 a 1893, a pobreza e a miséria passam a figurar, de modo bastante tênue e sutil, como tema de artigos e poemas que se aproximam da vaga naturalista sem perder a nuance romântica, conforme o trecho a seguir, de autoria de Antônio Braga.

Na rua

Todos passam preocupados com seus interesses e negócios, e ninguém vê talvez, uma criança que olha com expressão indefinível para os transitantes; e que olhar que fere o íntimo da alma, como um raio de luz em noite escura fere os olhos!

Meu Deus que poema inteiro; que mysterio de dor e de prantos, de fome e de miséria; que grito de raiva, despeito ou odio; que escarneo pungente ou digna altivez não occultam estas palavras que escapam – como a última agonia, dos labios macilentos do mendigo; – Senhor me dae esmola!  
(REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 16, p. 7).

Naquele contexto, havia a ideia de que uma massa de indigentes poderia representar uma ameaça à liberdade individual, fundamentada pelas obras da chamada Psicologia das Massas, cujos precursores foram Gustave Le Bon, Gabriel Tarde e Wilfred Trotter. Ainda que pesem suas diferenças, tais autores concordavam no tocante à tese de que os indivíduos, quando isolados, são capazes de agir guiados pela razão, mas, em multidão, passam a ser dominados por impulsos. O fato era supostamente justificado pela premissa de que o ser humano era dotado de uma natureza dual: a racional e a animal, esta última, convencionalmente ligada à barbárie. Apesar do suposto brilhante potencial do primeiro lado, já não se podia ignorar o segundo, indesejado porque obscuro, mas, em tese, inerente a qualquer indivíduo indistintamente. Não apenas os indigentes e criminosos eram passíveis da

loucura ou da barbárie: todos os indivíduos são dotados de um inconsciente, conforme atestara Sigmund Freud<sup>32</sup>.

Nesse contexto, o estudo dos diferentes aspectos referentes à mente humana foi, sem dúvida, um dos temas que mais atraíram o interesse dos letrados, estudiosos e autoridades públicas da passagem do século XIX para o XX, como os escritores da revista em análise. A intuição infalível da multidão, a glorificação do instinto, a superioridade do julgamento emocional sobre o racional constituíram o arcabouço teórico para a compreensão das massas. (OLIVEIRA, 1990, p. 68).

Entre os precursores dessa vertente, destacamos a obra de Gustave Le Bon, sociólogo francês lido e mencionado em artigos da *Revista do Clube*, que alertava para os perigos impostos pela vida em coletividade, caso a população não fosse devidamente controlada<sup>33</sup>. Ao analisar as forças profundas da alma que comandam o destino de cada sociedade, Le Bon atém-se ao estudo do comportamento das multidões, guiadas pelo inconsciente. Semelhante ideia encontra-se expressa no artigo da *Revue Scientifique*, cuja tradução fora realizada por um colaborador menos assíduo, Jorge S. Almeida. Tal artigo foi reproduzido, na íntegra, pela *Revista do Clube*, do qual se destacou um breve trecho:

Tem-se observado geralmente que os homens, reunidos em assembleia ou associação de qualquer sorte, jovens e velhos, graves ou levianos, parecem ceder á comunidade somente o que elles tem de máo [...].

É o homem em sua essência puramente animal, por toda parte presente e comparável, na expressão typica e inalterável da sua espécie [...].

Do que serve haver um gênio na multidão de um mathematico ou elevação de vistas de um politico [...]?

Todos os participantes [...] conservam tendências bestiais do antepassado comum [...].

Assim explica-se esta sorte de crystalização que orienta no mesmo sentido as paixões humanas; assim também se illucida porque estas paixões sam sempre de ordem inferior. (REVISTA DO CLUBE, 1893, n. 2, p. 4).

Ideias como a explicitada anteriormente favorecem a compreensão de que havia a necessidade de se guiar a nação. Esse tom de crítica social, que surge de

---

<sup>32</sup> Talvez seja imensurável o impacto das ideias freudianas sobre as produções literárias e artísticas da virada do século XIX para o XX. Podem ser consideradas revolucionárias para a época, por romperem tabus sexuais além de serem pioneiras, no Ocidente, a considerar a existência da *psiqué* humana e do seu lado irracional. Dentre suas obras mais importantes de Freud estão *Estudos sobre a Histeria*, lançada em conjunto com Breuer, em 1895, considerada o marco inicial da psicanálise. Posteriormente, vieram *A Interpretação dos Sonhos*, de 1899 e *Totem e Tabu*, de 1913.

<sup>33</sup> A obra em que Le Bon que discorre sobre tal ideia, *Psychologie des Foules*, foi lançada em 1895 e, pelo menos, até 1925, teve 31 edições. (OLIVEIRA, 1990, p. 69).

maneira bastante tênue em 1893, irá tornar-se mais intenso nos discursos em análise a partir do ano de 1894, como veremos a seguir. À medida que o ano de 1900 se aproxima, passam a eclodir diferentes conflitos em vários pontos do território nacional – agitações, guerras, revoltas e tentativas de golpes – que evidenciam a complexidade de um contexto o qual, em primeiro plano, parecia progressista e avançado tecnologicamente, mas que nele também figuravam as tensões e os conflitos sociais. Tais conflitos, por sua vez, eram analisados pelo grupo de letrados da revista, sempre, pela ótica da ciência, afinal, mantinha-se a seguinte premissa de que era necessário compreender as massas, os levantes e as agitações populares para controlar e modificar a situação em nome do progresso.

Especificamente no ano de 1893, ocorrera a revolta do Arraial de Canudos, povoado localizado em uma fazenda abandonada dos sertões da Bahia. Seu líder, o beato Antônio Vicente Mendes Maciel também conhecido como Antônio Conselheiro, congregou em torno de si aproximadamente 30 mil sertanejos. (FAUSTO, 2009, p. 146).

Em razão de pregar a volta da monarquia, muitos republicanos da época acreditavam que o beato estaria sendo apoiado por políticos restauracionistas ou pela Igreja Católica, conforme escreveu um dos principais colaboradores da *Revista do Clube*, Júlio Pernetta, em sua obra *O Clero e a Monarchia*:

É em nome da religião do papa, protegido pelo clero, que esse desgraçado visionário dos sertões da Bahia, propaga a restauração do corrompido throno dos Orleans, com as paginas do Evangelho tintas do sangue generoso daqueles pobres vaqueiros, que tombam inconscientes da causa que tão ardorosamente defendem, cheios de fé, repletos de esperanças, na infalibilidade sentenciosa de Antonio Conselheiro [...].

É ainda em nome da religião romana, acirrada pelo clero, que a pobre e ingênua população dos sertões do Estado da Bahia, berço glorioso da liberdade da Patria, deixa-se morrer na lucta, cõnscia da ressurreição! (PERNETTA, 1897, p. 3).

Novamente aqui, descreve-se a população de Canudos como uma multidão cega, guiada por um líder perigoso aos olhos do escritor republicano. A multidão, segundo essa ótica, não possui rosto, constituindo uma grande força contra a República recém-instaurada.

Se as multidões supostamente seriam incapazes de refletir e de raciocinar, por outro lado seriam altamente capazes de agir. Daí a nascente importância da

chefia que guia as massas, papel que seria destinado às elites, representada pela parcela de escritores da *Revista do Clube*, como vemos atestado em alguns artigos. Para compreender essa questão, retomamos a obra de Sevcenko (1983), em que se trata dos *mosqueteiros intelectuais*, parcela letrada da população dos principais centros urbanos do país, nascida nas últimas décadas do século XIX. Acreditamos que os escritores da revista analisada se encontram bastante próximos a essa categoria. Imbuídos das correntes científicas e políticas europeias, os mosqueteiros intelectuais condenavam os tempos imperiais pregando grandes reformas salvacionistas como a abolição dos escravos, a República e a democracia. Os letrados e literatos que faziam parte dessa parcela tendiam a se considerar não só como agentes dessa corrente transformadora, como a própria condição para sua realização. Nas palavras de Sevcenko (1983, p. 82),

No Brasil, esses intelectuais postavam-se como os lumes, 'os representantes dos novos ideais de acordo com o espírito da época', a indicar o único caminho seguro para a sobrevivência e o futuro do país. Seu orgulho, o do papel que se arrogavam, beirava a soberbia quando advertiam a nação vacilante em seguir-lhes os passos.

Na condição de eruditos, muitos colaboradores e redatores da revista em análise assumem, em seus artigos, a postura de se colocar à frente do projeto de desenvolvimento nacional. Nesse projeto, a educação assumira grande importância. A leitura de pensadores estrangeiros, aliada a uma gama de transformações que despontavam nas principais cidades brasileiras, direcionou tais escritores para a crença de que a educação poderia ser a grande solução para os diferentes problemas da vida moderna. Tal instância tornaria viável o controle da população, que não poderia ser simplesmente banida, já que o progresso da nação dependia de seus braços. Era necessário identificá-la, estabelecer diferenciações, normas de conduta e valores fortes. Em 1894, Dario Vellozo anunciara "Só pela educação podem os homens compreender os seus direitos; só pela educação conquistaremos ao Brasil melhores dias, perduráveis". (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 5, p. 1).

É importante notar a data em que o discurso civilizacional se intensifica na revista em análise, a partir do, ano de 1894, quando o periódico inaugura sua segunda fase, assumindo seu caráter cívico e literário, não porque se afastara das questões referentes à esfera pública. Do contrário, a literatura tornou-se um meio de

expressão de ideias sociais e contou com a participação de muitos dos escritores da *Revista do Clube* de modo a cumprir seu papel civilizador. Afinal o escritor era também visto como um professor e, por isso, um guia das massas as quais, sem instrução, poderiam se aglomerar em levantes que ameaçassem o bem público, a ordem e a paz, conforme se acreditou na época.

Arelada à necessidade de civilizar as massas estava a de tais escritores estabelecerem as bases da identidade e cultura nacionais e, por essa razão, eram idealistas, no sentido em que buscavam para o Brasil o estatuto próprio entre os povos de uma nação que se tornara independente politicamente e republicana. Desejavam elaborar seu projeto nacional, descobrir o próprio ser nacional, ainda que suas bases fossem de inspiração europeia. Nesse sentido, tais escritores representavam a consciência crítica da nacionalidade nascente; assumiram a função social de educadores de uma consciência nacional que era, ainda, mais uma inspiração do que uma realidade. Nesse processo de construção da nacionalidade, desenvolveram um trabalho de formação das consciências, trabalho que, conforme acreditavam, era uma missão dos poetas, dos literatos e dos “filósofos”, tanto quanto de estadistas – missão dotada de um sentimento eminentemente pedagógico, no mais alto significado desta expressão.

Conforme diz Dario Vellozo, “para que o discípulo compreenda, é necessário o explicar lucido do lente... O povo, é, também, um discípulo... Nos melindrosos períodos de transição é indispensável o esforço dos fortes...”. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 8, p. 1).

No mesmo ano, o autor havia escrito outro artigo em que mencionava que “a minoria é a fracção pensante da sociedade. Cabe-lhe, portanto, doutrinar os povos [...]” (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 2, p. 1). Essa minoria, segundo Vellozo, seria composta por “Theogonos e Poetas, dos Moralistas e Pensadores” que teriam como missão “o aperfeiçoamento moral do homem e o seu bem estar na sociedade. [...]”. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 2, p. 1).

Tal passagem traz pontos de convergência à obra de Comte, o qual, por sua vez, descreve o papel dos filósofos positivos (*savants*) como regeneradores sociais, os quais seriam responsáveis por uma ação teórica e educadora. Como o próprio Comte explica em um de seus ensaios, todas as épocas contaram com a atuação de filósofos que:

Descobriram, em cada época, quais eram as mudanças que tendiam a efectuar-se, segundo o estado de civilização, e proclamaram-nas, propondo aos seus contemporâneos as doutrinas ou as instituições correspondentes. Sempre que a perspectiva deles foi bem conforme o verdadeiro estado das coisas, as mudanças manifestaram-se ou consolidaram-se quase inevitavelmente. (COMTE *apud* BORDÉ; MARTIN, 1983, p. 101).

Além do próprio positivismo, outras teorias europeias a respeito do desenvolvimento social também contribuíram para conformar a noção de progresso que figurou nas páginas da *Revista do Clube*, bem como para inspirar seu grupo de colaboradores em suas reflexões sobre a necessidade de civilizar as massas do país. Dentre tais teorias, o nome de Spencer é mencionado em alguns artigos que não se atêm a discutir as ideias desse autor em profundidade, apenas saudá-las como uma teoria atual e científica, capaz de justificar o progresso das sociedades humanas. Herbert Spencer<sup>34</sup>, fora um dos primeiros a definir, em termos evolucionistas, o desenvolvimento das sociedades humanas, ao considerar que os homens, com o passar do tempo, sofreram e sofrem modificações em sua natureza e que essas modificações os dotariam de um grau de perfectibilidade. (HAWTHORN, 1982, p. 99). Partindo da premissa as sociedades estão em processo de mudança, defendeu também a ideia de que as:

fases de mudança de uma civilização, 'como um todo', podiam ser documentadas por referência a povos selvagens e bárbaros existentes, a civilizações extintas e, finalmente, à Europa contemporânea. Todo o movimento se faz do homogêneo para o heterogêneo, do simples para o complexo, do não diferenciado em forma e função para o diferenciado". (BOCK, 1980, p. 96-97).

Especificamente com relação a obra de Charles Darwin (1859), esta teria suscitado alguns debates nas páginas da revista e se encontra presente, ainda que implicitamente, em diferentes passagens analisadas. Darwin, biólogo e naturalista britânico, foi um dos primeiros a detectar certas variações físicas entre os indivíduos numa população. Também verificou que, em condições de difícil sobrevivência, os indivíduos com tais variações físicas deixam maior número de descendentes. Com

---

<sup>34</sup> Herbert Spencer nasceu em Derby, na Inglaterra, em 1820, e foi educado em assuntos científicos, por seu pai e um tio. Trabalhou durante algum tempo como engenheiro de ferrovias. Tornou-se editor-assistente do *The Economist*, periódico de economia para a classe média alta inglesa. A partir de 1853, após receber uma herança de seu tio, dedicou-se exaustivamente a seus escritos até morrer em 1903. (HAWTHORN, 1892).

isso, elaborou sua teoria da evolução biológica de seres vivos que, em termos gerais, é traduzida como sendo uma luta incessante das espécies pela sobrevivência.

A contribuição de Darwin para as diferentes áreas do conhecimento humano é inégável por compreender que todos os seres vivos vivem em um fluxo perpétuo, isto é, em uma contínua evolução biológica. A Teoria da Evolução das Espécies, conforme salienta Franklin Baumer (1977, p. 98):

[...] projetava um quadro da natureza radicalmente novo, como 'processo cósmico' mas sem desígnio. A evolução abria novas frentes na guerra entre a ciência e a teologia. Envolveu o próprio homem, [...] chamando assim a atenção para sua humildade, para sua origem animal. Isso padronizou os aspectos dinâmicos da sociedade e da cultura e criou, simultaneamente, uma tendência favorável à luta, como lei da vida social e orgânica.

No âmbito das humanidades, a teoria de Darwin contribuiu para que surgisse a vertente designada como darwinismo social. Conhecida por entender as sociedades como organismos submetidos às mesmas leis dos seres vivos e por definir a vida social como uma luta sem trégua (*struggle for life*), mediada pela lei da natureza que seleciona os mais aptos. (OLIVEIRA, 1990, p. 67). Segundo o darwinismo social, a palavra “seleção” tornou-se, então, sinônimo de triunfo dos mais sobre os menos aptos.

No Brasil, o darwinismo social ficou em voga justamente por justificar o “atraso social” em que vivia parte da população brasileira e, mais ainda, da população de Curitiba, possibilitando a compreensão do progresso ou da *modernidade* em meio às desigualdades sociais. Essa perspectiva se encontra evidente no trecho destacado abaixo:

É verdade, que estudando o que forão as sociedades nos primeiros tempos, não podemos desanimar sobre o que possa ser o adiantamento futuro da, que hoje formamos.

Se a ignorancia hoje, ainda é quase geral, se ainda existem individuos “que não pensão”, que vivem sem indagar de cousa alguma, sem nada saber, sem ter idéa alguma, nem da constituição do ar que respirão, nem da natureza da alimentação que ingerem, nem da razão de ser de sua existencia, nem do universo, nem do planeta que habitão nem da historia da humanidade: larvas estranhas de uma raça em formação!!!... Entretanto o progresso é uma verdade.

Sciencias, artes, litteratura, gosto, moral: tudo se engrandece apesar dos ineptos. [...]

Se, para apreciar este indispensavel complemento, não precisamos mais do que suppor que elle nos falte... Não hesitaremos em declarar como taes os cavallos, caes, bois, etc... são mais dignos de estima e consideração que certos homens. Cumpre pois estudar o meio de melhorar esses individuos que, semelhantes a certos residuos, apresentão-se á tona da sociedade nas grandes commoções perturbando a marcha da actividade geral.

É forçoso que se limpe o organismo do conjuncto d'essas impurezas e, quando não seja possível, q' ao menos se tente modifical-os, tornando-os uteis e dando-lhes assim o direito á inclusão na familia humana, com a consciencia da missão que têm a desempenhar em relação aos interesses comuns. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 9, p. 6).

O artigo mostra-se entusiasta do progresso (“O progresso é uma verdade”). Também menciona que, apesar desse suposto progresso, a sociedade contaria com elementos indesejáveis “que não pensão”, vistos como “larvas estranhas de uma raça em formação”. Seu autor propõe declaradamente a necessidade de civilizar tais pessoas ou seja, “de melhorar esses individuos [...] semelhantes a certos residuos [...]”. O grupo a que o autor alude seriam aqueles que não participariam do progresso nacional, excluídos das “sciencias, artes, litteratura”, portanto, os não letrados, que constituíam a grande parcela da população. Ainda, podemos entender que se refere à massa que, unida, representava riscos à ordem pública, já que “apresentão-se á tona da sociedade nas grandes commoções perturbando a marcha da actividade geral”.

Novamente a ideia de progresso apresenta-se intimamente relacionada à de conferir civilidade à população. Seu autor sugere que o progresso da sociedade era incompatível com a indolência ou desordem social, sendo fundamental que cada indivíduo contribuísse, ao seu modo, para o engrandecimento do país. Dessa maneira, a parte considerada “inepta” ou, até mesmo, “impura” deveria ser “melhorada” ou, em último caso, eliminada, conforme as palavras do próprio autor.

É inegável a contribuição de tais teorias, tanto do positivismo, como da Psicologia das Massas e do próprio darwinismo social, para a compreensão da concepção de progresso e de evolução nacional sustentada em muitas passagens da *Revista do Clube*. Tais teorias forneceram subsídios para que seus escritores e colaboradores compreendessem o contexto que vivenciavam, marcado por um grande otimismo tecnológico, pela crença na ciência e pelo desenvolvimento das artes e da cultura local. Ao mesmo tempo, temia-se o insurgir das massas, composta de imigrantes e setores menos favorecidos da população, que passavam a fazer parte da vida da capital do estado.

O regime republicano surge nesse contexto como uma alternativa de regeneração social que, juntamente com a instrução pública, viabilizaria a adequação dessas massas ao processo de desenvolvimento nacional.

### 3.4 República: o progresso político

Apesar de procurar manter-se como um periódico isento de debates políticos, a instituição do Clube Curitibano e sua revista, nos anos iniciais de circulação, mantiveram estreitas relações com o movimento republicano paranaense, havendo o clube cedido seus salões para celebrações do Clube Abolicionista<sup>35</sup> e do Clube Republicano de Curitiba. Ambas foram fundadas em 1885, sendo que esta última fora presidida, inicialmente, por Eduardo Gonçalves e teve Ernesto Lima como seu secretário. Entre outros integrantes do grupo, destacaram-se Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, Lufrido Costa, José Celestino de Oliveira Junior, Joaquim Antonio Silva, Brasilino e Eduardo Moura, Rocha Bocaina e Francisco de Almeida Torres. Aproximadamente dois anos mais tarde, foi fundado também o Clube Republicano de Paranaguá, presidido por Guilherme Leite. (LEÃO, 1926, p. 1847).

Cabe lembrar que, no período imediatamente anterior à República, o Governo do Paraná foi disputado por dois grupos detentores do poder econômico e político da província. Um era formado por proprietários de terra, ligados ao comércio de gado dos Campos Gerais e o outro, pela burguesia ervateira de Curitiba e do litoral. (CORRÊA, 2006, p. 21). Após a Guerra do Paraguai, os ervateiros ganharam força econômica e prestígio político advindo da intensificação da produção da erva-mate direcionada ao mercado platino. Esse grupo, organizando-se politicamente, passou a constituir a “oposição conservadora” contra os fazendeiros de gado, conhecidos como “liberais”. (CORRÊA, 2006, p. 25). É no cerne dessa frente

---

<sup>35</sup> Fundado em 1885, segundo o jornal *Dezenove de Dezembro*, de 08 de janeiro de 1885, p. 2. O mesmo jornal já anunciava, em 4 de novembro de 1884, as atividades a serem desempenhadas pelo Clube Abolicionista afirmando em nota: "Consta que o Clube Abolicionista Paranaense vai realizar uma série de conferências em um dos salões desta capital, sendo a entrada de \$ 200 réis em favor da emancipação dos escravos. Da primeira dessas conferências esta imcubido o Sr. Lourenço Viana, ilustrado abolicionista tribuno já vantajosamente conhecido do público dessa capital. O orador dissertará sobre o seguinte tema: "Origens do Movimento Abolicionista no Brasil". (*Dezenove de Dezembro*, 4 nov. 1884, p. 4).

oposicionista que muitos dos escritores e colaboradores da revista se formaram, estando direta ou indiretamente relacionados ao ideário e aos interesses do segmento ervateiro. Seus integrantes eram, em maioria, amigos e conhecidos do Barão do Serro Azul, que além de ser presidente honorário do Clube Curitibano, estava à frente do Partido Conservador do Paraná responsável, em parte, pela difusão do republicanismo no estado. Por estarem, submetidos à influência dos laços políticos ligados ao Partido Republicano Federal, representante da burguesia ervateira, viram na nascente República uma possibilidade ascensão profissional e social, conforme destaca Corrêa:

Muitos intelectuais [acreditaram] que o novo regime poderia aumentar suas chances de ascensão social, por intermédio da política. Isso era o que a República representava para os moços de famílias mais abastadas. Para outros, nem tão favorecidos assim, o jornalismo foi uma possibilidade de melhoria de vida e algum reconhecimento público. (CORRÊA, 2006, p. 33).

Vale destacar, no entanto, que o envolvimento desses jovens com ideário apresentava forte caráter ideológico, não podendo se afirmar que aderiram à causa republicana por mero modismo ou apenas por meros laços de compadrio.

Nos discursos contidos na revista em análise, até o ano de 1893, a palavra república surge como sinônimo de progresso político, de liberdade, ou ainda, como uma etapa rumo à civilização e ao avanço social e político do povo brasileiro. Por essa razão, nesse trecho, buscaremos analisar alguns dos significados atribuídos a esse vocábulo. Para isso, consideramos importante destacar alguns dos principais eventos históricos que marcaram a difusão do ideário republicano no estado do Paraná.

Segundo Corrêa (2006), as primeiras ideias republicanas no Brasil circularam no Rio de Janeiro, em um movimento de contestação à ordem imperial. Como destaca José Murilo de Carvalho, em *A Formação das Almas* (1990), os primeiros brasileiros republicanos, como Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho, foram responsáveis pelo Manifesto Republicano de 1870, publicado no jornal carioca *A República*.

Em São Paulo, o movimento republicano também se difundiu rapidamente. Com o desenvolvimento econômico propiciado pela produção do café, logo houve a modernização dessa cidade e a consolidação de sua Faculdade de Direito, importante núcleo irradiador dos ideais republicanos.

Esse processo viabilizou a criação do Partido Republicano Paulista, em 1873, formado por proprietários rurais, profissionais liberais e funcionários públicos. Alguns destes estudaram fora do país, de onde voltaram imbuídos dos ideais positivistas e liberais. Eram credores do republicanismo federalista aos moldes americanos. Mas esse modelo, em boa parte vitorioso na Constituição de 1891, se atendia aos interesses dos proprietários rurais, tinha um sentido profundamente distinto daquele que teve nos Estados Unidos. Como explica Carvalho:

Lá [nos Estados Unidos], a revolução viera antes, estava baseada na nova sociedade igualitária formada por colonos. A preocupação com a organização do poder [...], era antes consequência da quase ausência de hierarquias sociais. No Brasil, não houvera a revolução prévia. Apesar da abolição da escravidão, a sociedade caracterizava-se por desigualdades profundas e pela concentração do poder. (CARVALHO, 1990, p. 25).

No caso, para a elite paulista, formada por grandes proprietários, a República significou a garantia da ordem social e política em tempos de recém-libertação dos escravos.

Já no Paraná, as ideias republicanas assumiram outros contornos. Foram difundidas a partir do litoral, por meio da iniciativa de alguns periódicos na década de 70 do século XIX, como o *Operário da Liberdade*, de Guilherme Leite, que circulou em Morretes; e *O Povo*, que circulou em 1879, de Rocha Pombo.

Na década de 80 do século XIX, o republicanismo ganhou força com alguns acontecimentos importantes, como a Declaração Republicana Paranaense, de 1881, e a circulação do jornal paranguara *Livre Paraná*. Surgido em 1883, por iniciativa de Fernando Simas e Guilherme Leite, o periódico agregou, durante cinco anos, contribuições de letrados ilustres como Nestor Vítor, Correia de Freitas e Albino Silva. Tomando como modelo o Manifesto de 1870, o *Livre Paraná* foi de fundamental importância para o movimento republicano no estado, angariando adeptos e motivando seus correligionários a se unirem em prol da fundação de um partido estadual. (CORRÊA, 2006, p. 47). Além dessa folha, em 1885, foi criado o Clube Republicano de Curitiba.

Com relação aos partidos políticos, na época da Proclamação da República, algumas modificações ocorreram. Sob nova roupagem, o antigo partido Liberal, representante dos fazendeiros dos Campos Gerais, tornou-se a União Republicana do Paraná, passando a ser chefiada por Generoso Marques dos Santos. (CORRÊA,

2006, p. 56). Já o Partido Conservador, tornou-se o Partido Republicano Federal. Era liderado pelo Barão do Serro Azul e chefiado, sob seu consentimento, por Vicente Machado.

Apesar de não se encontrar posturas políticas explícitas nas páginas da *Revista do Clube*, em razão de sua linha editorial bastante rigorosa, pesquisando outras fontes, voltamos a afirmar que a maioria dos seus escritores foram ardorosos republicanos quando jovens, pretendendo-se difusores dessas ideias. Essa postura propagandista se mantém bastante clara nos primeiros anos do regime recém-instaurado que coincidem com os primeiros anos de circulação do periódico em análise.

No entanto, após uma sucessão de eventos políticos, econômicos e sociais, a questão republicana se atenua nos discursos da *Revista do Clube*. Ainda assim, isso não significou um abandono da causa republicana pelos escritores cujos discursos são objeto de nossa análise. Em tese, houve, antes, uma mudança em sua postura, levando-os a se afastarem da política partidária para atuarem em outras esferas sociais como a literatura (entre os anos de 1894 a 1898, aproximadamente) e a educação, já nas primeiras décadas do século XX.

O republicanismo chegou até esse grupo de escritores, em grande parte, em razão de alguns de seus integrantes cursarem a Faculdade de Ciências Jurídicas de São Paulo. Como afirma Prosser:

Historicamente, é certo que, sem a formação da consciência jurídica brasileira não se teria chegado ao abolicionismo e ao republicanismo. Os jovens bacharéis, de retorno às suas Províncias, nos seus afazeres profissionais, na sua militância política, tornaram-se arautos e propagadores da nova ideologia. Desde o chefe liberal Jesuíno Marcondes ao chefe republicano Vicente Machado, todos foram egressos da Faculdade de Direito. (PROSSER, 2004, p. 52).

Emiliano Pernetta, em seus tempos de bacharelado nessa instituição, engajou-se na causa republicana, colaborando com periódicos como *O Ganganelli*

<sup>36</sup>. Quando retornou de São Paulo, ingressou no Clube Republicano de Curitiba. À

---

<sup>36</sup> Surgido a partir de 1885, dois integrantes do grupo de letrados paulistanos, Rivadavia Correia e Falcão Filho, criaram esse periódico, cujo nome é uma referência ao pseudônimo usado na imprensa por Saldanha Marinho. Cabe destacar que esse nome também pertenceu a um dos líderes do movimento carbonário italiano, Antônio de Jesus Maria da Costa Ganganelli, que, em 29 de Maio de 1848, instalou em Coimbra a Carbonária Lusitana.

época, a propaganda republicana ganhara força, “já às vésperas da chegada do novo regime, com o crescimento das conferências proferidas por figuras como Emiliano Pernetta, Manoel Correia de Freitas e Vicente Machado”. (CORRÊA, 2006, p. 48). Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo foi outro defensor dos ideais republicanos, havendo ele também cursado a Faculdade de Direito de São Paulo na mesma época de Emiliano Pernetta.

Além desses bacharéis, Júlio Pernetta, Dario Vellozo e Leôncio Correia também foram ferrenhos defensores da causa republicana. Não cursaram o ensino superior, mas estiveram envolvidos com a imprensa e com a literatura. O primeiro publicou algumas obras como *A Pátria* (1898) e *Do Civismo Nacional* (1901) além de ter escrito para diferentes periódicos da época em defesa dos ideais republicanos. Dario Vellozo, desde sua juventude, travou contato com ideias republicanas e abolicionistas, das quais foi adepto e defensor. Segundo Vellozo (1969b, p. 110), “a República surgira como uma animadora promessa à mocidade brasileira”. Publicou, entre outras, obras como *Pátria e República* (1904) e *Pátria Republicana* (1905).

Leôncio Correia, por sua vez, “esposara a causa republicana com o entusiasmo ardente dos seus vinte e quatro anos. Militara em *A República*, dirigira a *Gazeta Paranaense*<sup>37</sup>, durante o período em que os conservadores tentavam envolvê-lo fazendo-o seu deputado”. (CARNEIRO, 1975, p. 36). Rocha Pombo, proprietário de *O Povo*, um dos primeiros jornais republicanos, em 1886 a 1887, também fora deputado na Assembleia Legislativa do Estado pelo Partido Conservador. (QUELUZ, 1994, p. 5).

Por sua vez, a análise dos discursos contidos na revista levou à constatação de que a ideia de República que figuraram naquelas páginas apresenta-se imbuída de um forte apelo progressista e evolucionista. A república era, diretamente, o símbolo da evolução política e o entusiasmo por pelo ideário republicano é perceptível na própria revista, cujos primeiros anos contam com números especiais de comemoração ao novo regime.

Evolução política do Brasil, a república era vista como a garantia do ingresso do país no “mundo civilizado” ou como uma etapa da atualização nacional em oposição ao passado colonial. Vista como “uma forma prática de governo racionalíssima e única capaz de moldar-se às necessidades da civilização”, a

---

<sup>37</sup> Órgão do Partido Republicano Conservador, que contou com a colaboração de Francisco da Rocha Pombo e Emílio de Menezes, além de outros. (BALHANA et al., 1991, p. 377).

República era concebida como uma condição necessária para que o país se igualasse às demais potências mundiais (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 21, p. 1). Era considerada o regime que “nos abriu na vanguarda do progresso um caminho verdadeiramente amplo e que nos conduzirá ao píncaro de todas as grandezas patrias”. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 21, p. 2).

De acordo com essa concepção, a mudança política foi aceita como natural e esperada. Também foi concebida como um processo lento, gradual, contínuo e direcional, dividido em etapas. Cada uma delas era representada, respectivamente, por um acontecimento político recente da história do país. Dentro dessa perspectiva, o progresso teria se iniciado com a Independência do Brasil, em 1822, que precedeu a Abolição da Escravatura, em 1888, e culminou com a Proclamação da República, em 1889.

Dessa opinião partilhavam vários escritores, como Dario Vellozo, que afirmou categoricamente que “o 15 de Novembro nada mais foi que a consequência do 13 de Maio!”. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 8, p. 3). Tais etapas remontavam à “epopéia brasileira: – [que] surgiu das brumas do levante o 13 de maio; esse dia que deveria subsistir dous annos e que teminou com o 15 de Novembro de 1889 – peroração divina desse discurso estupendo começado em 1792”. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 9, p. 3).

O entendimento de que a nação estava em rumo ao seu progresso e desenvolvimento político e que este se encontrava dividido em etapas remonta novamente às teorias evolucionistas novecentistas que alegavam existir uma natureza permanente na humanidade e as diferenças entre as sociedades deveriam ser analisadas como diferenças de ritmo, diferentes graus de desenvolvimento ao longo de um mesmo processo. A partir desse princípio, o lugar do Brasil, enquanto potência mundial, republicana, estava para ser conquistado.

Esse pensamento permeou os círculos letrados de diferentes capitais brasileiras. De acordo com Ângela Alonso (2002), ele circulava na Capital Federal desde os tempos finais do Império, sustentado por um grupo que a autora chamou de “reformista”. Constituído por letrados marginalizados pelas instituições políticas do Segundo Reinado, os reformistas buscaram no repertório político-intelectual europeu e, principalmente republicano, armas para criticar as estruturas que bloqueavam seus projetos e demandas.

Consideramos que muitos escritores da revista em análise encontravam-se bastante próximos a essa categoria designada por Ângela Alonso, não tanto em razão de suas origens sociais, mas, sim, em razão de seus objetivos ideais. Conforme destaca a autora, com a instauração da República, esse antigo grupo teria se tornado hegemônico e conservou sua crença na República como sinônimo do progresso da nação brasileira. Em seus discursos, passaram a condenar as estruturas imperiais e o passado colonial do Brasil, empenhando-se em edificar uma tradição republicana que suplantasse a *antiga*. Tal tradição, como explica Alonso (2002, p. 135), “valeu-se de símbolos que espelhavam a França de 1789, filtrada pelo positivismo, e marcadas pelas rebeliões coloniais e regenciais abafadas pelo Segundo Reinado. Assim surgiram bandeira, hinos e heróis nacionais, como Tiradentes [...]”.

Na *Revista do Clube*, as remissões à Revolução Francesa são bastante comuns nos primeiros anos de circulação, especialmente em razão do contexto ser bastante próximo ao das comemorações do centenário daquela revolução. Assim, além de designar o progresso do Brasil, nos discursos, a palavra república encontrava-se atrelada à Revolução Francesa e assume a conotação de liberdade, quando não se relaciona, propriamente, à tríade revolucionária de *liberdade, igualdade e fraternidade*:

Abolição e Republica são dous factos que se irmanam. Ambos tem por synthese a liberdade. A liberdade social o primeiro, a liberdade politica o segundo. Ambos são a igualdade. A igualdade politica surgindo após a igualdade civil. Ambos emfim são a fraternidade. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 9, p. 3-4).

A Revolução Francesa aparece nos discursos como o episódio que dera origem à democracia que libertou os povos do Ocidente da monarquia, tirando-os das trevas:

foi a Tempestade que produziu raios como [...] Danton e Marat; [...] foi o sol radiante que ora illumina e illuminará as consciencias das gerações presentes e futuras e foi o diluvio que inunnudou de bens a humanidade, produzindo a grandiosa conquista da Democracia! (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 12, p. 1).

Em outro trecho, novamente a Revolução Francesa é entendida como a gênese da liberdade dos povos do Ocidente ou, ainda, como a:

explosão gigantesca de 1789, esse clamor estupendo, essa nota viva e revolucionária há de ecoar na alvorada das nações, como as músicas marciais que agitam o sangue dos guerreiros. E é por isso mesmo que hoje os povos todos querem se atirar nos braços do futuro, embriagados da luz e da liberdade santa. É por isso mesmo que eles nas escolas livres querem aprender, nos templos livres querem se ajoelhar, nos comícios livres almejam discutir e nos governos livres anhelam governar.

Nada mais poderá ofuscar o sol da democracia, que pouco a pouco vai acelerando a consciência de todos os povos.

Em pedaços os thronos todos hão de ir cahindo apodrecidos, e o hymno universal, a marseleza, há de fatalmente ecoar no animo das gerações. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 21, p. 1-2).

Essa passagem revela a afinidade profunda do periódico em análise com as ideias econômicas, políticas e culturais que se irradiavam da Europa em escala crescente ao longo das três últimas décadas do século XIX. Também revela a adesão de seus principais colaboradores e redatores à luta política pela redefinição das estruturas fundamentais do país, buscando abertura à plena integração e participação dos grupos sociais que se mantiveram à esteira dos processos decisórios políticos nacionais. Para esses escritores,urgia o remodelamento do Estado e a consolidação da República, que dependia da participação popular na vida pública nacional (“hoje os povos todos querem se atirar nos braços do futuro [...]. É por isso mesmo que [...] nos comícios livres almejam discutir e nos governos livres anhelam governar”). Novamente, aqui, a República surge como sinônimo de liberdade de *todos* os povos e classes.

Em outro artigo, em homenagem ao aniversário da abolição da escravatura, encontramos expresso o entusiasmo pela democracia, em que se convoca o povo a participar da vida pública nacional:

Gloria, pois, ao 13 de Maio, que nivelando os direitos de todos os homens, foi o prenuncio do imortal 15 de novembro, em que esses direitos se ampliam com a demolição do throno e a instalação do legitimo governo do povo por si mesmo! (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 9, p. 2).

Como consequência, uma das instâncias que viabilizariam importantes reformas nacionais seria a educação, a qual representava a possibilidade de formar a população brasileira, no sentido de capacitá-la a participar dos processos decisórios no quadro do regime recém-instaurado. Na passagem a seguir, essa premissa fica bastante evidente ao afirmar que

agora que nos achamos em pleno governo do povo pelo povo, é preciso que elle teha a exacta comprehensão da sua responsabilidade e deveres; é preciso que elle seja instruido.

Todas as nossas vistas devem voltar-se para a instrucção das grandes massas populares, que vão influir muito directamente na marcha dos negocios publicos. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 7, p. 5).

Se há um consenso dos escritores da revista quanto à importância da educação, essa ocorre, primeiramente, porque estavam cientes de que o regime republicano, por si só, não garantiria a participação do povo na vida pública sem que os cidadãos fossem alfabetizados. A maioria da população manteve-se destituída de seu direito ao voto em razão do analfabetismo. Mulheres, clérigos ou soldados também não votavam. Como afirma Carvalho (1987) a República representou “muito pouco em termos de expansão dos direitos civis e políticos”.

Dessa maneira, a educação passa a ser vista como a instância responsável por despertar nos indivíduos o sentimento de amor à pátria e por dotá-los de consciência quanto às suas responsabilidades de cidadãos da República. Tal instância possibilitaria civilizar essas pessoas desde a sua infância, apaziguando suas inquietações instintivas e “bárbaras” e tornando-os, assim, aptos a serem inseridos no projeto de progresso previsto para a nação.

Para muitos de escritores da revista em análise, a educação da população poderia ocorrer por intermédio do desenvolvimento da literatura. Naquele contexto, tal instância tornou-se, então, a tarefa patriótica na construção nacional, como iremos abordar mais detalhadamente no último capítulo. Outra via para a educação das massas seria a própria instrução pública. Não à toa, já no início de 1900, muitos desses mesmos escritores que colaboraram com a *Revista do Clube* passariam a atuar no âmbito educacional de maneira mais direta, quando assumiriam o cargo de lentes dos principais estabelecimentos de ensino da capital paranaense<sup>38</sup>.

É possível compreender, também, que a educação ganha importância nesse contexto na medida em que se percebe o povo como entidade a ser tutelada pelo Estado, assumindo as elites, por sua vez, uma postura paternalista de guia das massas. Se havia uma parte considerada *inepta*, como comentamos anteriormente,

---

<sup>38</sup> Sobre esse aspecto, ver **Inquietações Modernas: Discurso Educacional e Civilizacional no Periódico A Escola (1906-1910)**, dissertação de mestrado, UFPR: 2001.

formada pela população alheia aos aspectos políticos e culturais, era necessário civilizá-la e torná-la útil à sociedade e consciente de seus direitos. Carlos de Carvalho<sup>39</sup>, que colaborou esporadicamente com alguns números da revista, afirmou:

É a classe dirigente que compete a resolução do problema da adaptação ao meio social da parte inepta, preparando-a, instruindo-a, e aperfeiçoando-a de modo a que se torne útil e possa cumprir seu destino.

À essa classe é que compete toda a responsabilidade. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 9, p. 6).

Em outro artigo da revista, de autoria de Dario Vellozo, menciona-se o fato de não apenas a população menos instruída manter-se excluída da vida política, mas também a classe média que

Aproveita as conquistas da sciencia, usufrue os benefícios da indústria; e comquanto arrastado na marcha ascensional da humanidade, nega dogmaticamente o progresso, fecha os olhos à luz, – cõnscio da crassa ignorância que o obceca, contaminado pelos prejuízos aviltantes, agrilhoadado a todas as baixezas do coração e do espírito. [...]

Elemento pernicioso à sociedade, não só demora o movimento progressivo dos povos, como desvia, não raro, do verdadeiro norte a mão symbolica do Estado. [...]

Os povos compreenderão ainda a necessidade de eliminal o definitivamente de seu centro de ação [...]. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 2, p. 1).

Acreditando na superioridade da República sobre o antigo regime, por representar a soberania popular, era especialmente embaraçoso para esses escritores admitir que o povo não parecesse interessado no título de cidadão que lhe era oferecido e pelo qual passou a ser tratado. Urgia, portanto, trazer o povo ao proscênio da vida pública abandonando, de uma vez por todas, o passado imperial.

Na esteira dessa tradição republicana a ser consolidada, cujas nuances encontramos na *Revista do Clube*, manteve-se a noção de império e de monarquia como símbolos de decadência. Por essa razão, o antigo regime era visto como a representação do atraso, do privilégio e da corrupção. Em outro artigo da comemoração do primeiro aniversário da República, indagava-se:

---

<sup>39</sup> Carlos Augusto de Carvalho (1851-1905) foi presidente da Província do Paraná entre os anos de 1882 e 1883. Formado pela faculdade de Direito de São Paulo, coordenou a defesa do território paranaense contra Santa Catarina durante a questão do Contestado. Durante o governo de Floriano Peixoto, exerceu o cargo de Ministro das Relações Exteriores.

Qual é o brasileiro que no dia de hoje não sente em seu coração as mais fervorosas alegrias por vêr a sua pátria livre da carunchosa monarchia que por espaço de muito annos trouxe-nos o atrazo e o servilismo!! (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 21, p. 1-2).

A palavra *servilismo* nos chama a atenção aqui por expressar a antítese do que esses escritores almejavam, ou seja, a independência no sentido político do termo, sem precisarem estar subordinados ao favoritismo e aos laços de compadrio que, em tese, vigorariam apenas durante a época imperial. Esse discurso, porém, revela apenas um anseio que não chegou a ser atendido com a simples mudança de regime. A instauração da República não significou, em absoluto, a transformação das relações políticas e das redes de influência que atuavam nas esferas do poder público e, por sua vez, os próprios escritores mantiveram-se dependentes de determinados grupos políticos em uma relação longe de ser bem resolvida. Almejavam independência política e intelectual, no entanto, para a viabilização de seus projetos, era necessário que estivessem imersos na cena pública, ainda que não estritamente partidária. Por essa razão, e não apenas essa, muitos deles mantiveram ligações com o Partido Republicano Federal e/ou ocuparam cargos no aparelho administrativo do Estado ao longo de suas respectivas trajetórias<sup>40</sup>.

De acordo com o levantamento de dados biográficos, no período imediatamente posterior ao da Revolução Federalista, Dario Vellozo assumiu o cargo de redator do Congresso Legislativo do Estado. Sebastião Paraná, o de Secretário da Junta de Comércio; Ermelino de Leão tornara-se membro da Comissão de Organização do Arquivo Público do Estado, Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, Procurador Oficial do Estado e Leôncio Correia fora Deputado Federal e Diretor Geral da Instrução Pública. Nos anos subsequentes, tais escritores continuaram a assumir cargos e funções administrativas.

Essa dependência desses *profissionais das letras* com relação aos grupos políticos de sua época tende a se atenuar à medida que finda o século XIX, após uma década de busca, por parte desses escritores, de sua autonomia intelectual e

---

<sup>40</sup> Devemos levar em consideração que a situação mostrava-se difícil para aqueles muitos daqueles que optavam viver unicamente *das letras*. Siegel Correa (2006, p. 29) afirma que alguns letrados viviam em má situação financeira e alguns morriam na completa indigência. Um emprego público advindo de um favor prestado por alguém influente era uma alternativa de modo a garantir a estabilidade financeira e possibilitar algum tempo livre para a produção cultural.

artística. A partir de 1895, passam a investir na literatura como meio de expressão de suas ideias e projetos e desilusões, chegando a empregar esforços e capitais na criação e circulação de periódicos como *O Cenáculo*, de forte caráter social, anticlerical e artístico. Também ocorre uma mobilização desses literatos, como já mencionado, em torno da instrução pública do Estado. Nessa esfera que ainda estava em processo de consolidação, conseguiram relativa autonomia política e notoriedade pública, fato que viabilizou a realização de alguns de seus projetos de intervenção social.

Ainda com relação às passagens sobre a República na revista em análise, cabe destacar mais alguns dos aspectos referentes a esse ideário, como o anticlericalismo que acompanhou os elogios ao novo regime e teceu várias críticas à Igreja Católica e às suas instituições. A República brasileira, inteiramente laica, fazia da própria nação uma espécie de credo, de religião, cuja orientação deveria ter em vista apenas o seu progresso. A secularização do Estado, institucionalizada era enaltecida em passagens como:

– O casamento civil, um dos seus grandes actos, abriu á pátria brasileira novos horizontes vastissimos [...].

A separação da Egreja do Estado, a liberdade de cultos, são outros tantos passos agigantados do patriotico Governo Provisorio que, com esses importantíssimos feitos, libertou a consciencia individual da imposição dogmatica do catholicismo e collocou o Estado na esphera independente e soberana das suas attribuições temporaes. Fechemos esse artigo dando um viva ao patriotico Governo Provisorio. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 21, p. 3).

O laicismo advinha do modelo francês de república, ora jacobino, inspirado na Revolução de 1789, ora mais conservador, inspirado na obra de Comte, *Appel aux Conservateurs*, de 1855. Era conservador, na visão de Comte, aquele “que conseguia manter a ordem durante a transição da sociedade “normal” para a positivista, garantindo seu progresso. (CARVALHO, 2000, p. 21).

Dessa maneira, buscando a todo custo manter a ordem em nome de uma “revolução pacífica”, o modo com que muitos descreveram a transição do regime monárquico para o republicano nem sempre correspondeu ao que “de fato” se presenciou em território nacional. Em algumas das passagens, afirma-se que, a instauração do novo regime no Brasil ocorreu:

sem que a colectividade brasileira sentisse o menor abalo, riscou-se de uma vez e para sempre do pendão auri-verde a corôa que ainda afirmava a existencia de um sceptro. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 21, p. 2).

A ideia era a de que, em tese, a República havia sido instaurada por meio de uma revolução pacífica, dentro da ordem, diferentemente de outras nações europeias ou americanas, o que nos leva a identificar o caráter acentuadamente conservador desses discursos, afirmando-se que

[...] não constava na historia que em nenhum tempo e em nação alguma houvesse uma revolução igual a do Brasil no dia 15 de novembro de 1889 – sem que a ordem, a segurança e todos os direitos dos cidadãos nada soffressem.

Na realidade nós vimos no dia 16 todo o commercio todas as officinas e repartições publicas exercerem com toda a calma os seus trabalhos. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 21, p. 1-2).

No entanto, o conteúdo desse discurso não se verifica na prática. Devemos considerar que o contexto datado entre a Independência política do Brasil (1822) e o primeiro decênio após a proclamação da República foi permeado por vários conflitos em diferentes pontos do território nacional, a mencionar, por exemplo: a Confederação do Equador (1825), a Farroupilha (1835) e os outros que iremos abordar em mais detalhes, como a Revolta da Armada (1893), Revolução Federalista (1893) e a Insurreição de Canudos (1897).

Podemos considerar as palavras de Renato Lopes Leite (2010, p. 1), para quem “a república no Brasil foi assim caracterizada por sucessivos governos autocráticos, uma continuidade da exclusão político-social e do caudilhismo eleitoral que já existiam desde o Império”. Assim, tais insurreições, decorrentes de um contexto de mudanças políticas no país, foram eclipsadas em parte dos discursos em análise de modo que transparecesse a “ordem” social e os benefícios trazidos com a recém-instaurada república.

Ao afirmar que a República fora instaurada pacificamente, esses homens desejavam legitimar o novo regime, não por mera estratégia discursiva, mas porque acreditavam que ele, a longo prazo, proporcionaria mudança, liberdade e progresso que, em tese, a República poderia trazer ao povo brasileiro. Sem possuir propriamente uma nação e com um Estado reduzido ao servilismo político, esses

escritores buscavam, justamente, modernizar a estrutura social e política do país por intermédio da República.

Outro aspecto a nos chamar a atenção nos discursos diz respeito ao Governo Provisório (1889-1891) e à ditadura por ele instituída. O Decreto n. 1, datado de 15 de novembro, proclamava provisoriamente o governo ditatorial e decretava a República Federativa, passando o país a se intitular Estados Unidos do Brasil.

Era evidente a inspiração norte-americana do projeto inicial, entretanto nada havia de comum entre a República brasileira e a norte-americana, a começar pelo fato de que o período republicano nacional inaugura-se como uma ditadura, o Governo Provisório de Marechal Deodoro da Fonseca. Como explica Murilo de Carvalho (1990, p. 21), a ditadura republicana era um dos princípios defendidos pelos positivistas brasileiros e foi preconizado por Auguste Comte, como um governo discricionário de salvação nacional e, ao mesmo tempo, de representação e de legitimidade. O bom ditador comtiano seria aquele que conduzisse as massas.

Admitida por positivistas, a ditadura republicana era igualmente aceita por alguns dos republicanos brasileiros mais radicais, como também destaca Carvalho ao analisar as ideias de alguns de seus propagandistas, como Silva Jardim (1987, p. 47). Para esse grupo, o ditador era a encarnação da vontade coletiva, sem que fosse necessária eleição formal para legitimá-lo, bastando a sanção implícita, como admitia o manifesto do Partido Republicano de Pernambuco de 1888. (CARVALHO, 1987, p. 47).

Justificada tanto por positivistas como por republicanos radicais, a ditadura instituída pelo Governo Provisório fora saudada em muitas das passagens da *Revista do Clube*. Marechal Deodoro é visto como o herói nacional, responsável por haver livrado o Brasil da monarquia “polvo monstro, tinha-se-lhe agarrado ao corpo, enervando-lhe as forças e bebendo-lhe a ultima gota de sangue... Gloria ao Governo Provisorio da Republica Brasileira!”. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 1, p. 1).

Durante o Governo Provisório, o Governo estadual do Paraná dissolvera a Assembleia Legislativa e as Câmaras Municipais. Uma comissão foi nomeada para atuar provisoriamente sob o comando de Vicente Machado, composta por integrantes do Clube Republicano de Curitiba. Devemos lembrar que esse clube

possuía estreitas relações com o Clube Curitibano. Eis um outro artigo enaltecendo o Governo de então:

[...] O periodo da dictadura passou, sem nos trazer o mais leve constrangimento – Um hurrah pois não só ao bravo e heroico generalissimo Marechal Deodoro da Fonseca como tambem a todos os seus infatigaveis companheiros que arriscaram as suas cabeças pela libertação da nossa patria – Ingentes foram pois os seus esforços. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 21, p. 1).

Nesse trecho, evidencia-se a visão oposta à da proclamação da República como ato pacífico – (“[...] a todos os infatigáveis companheiros que arriscaram suas cabeças pela libertação da nossa pátria”) – o que contraria os discursos anteriormente citados. Mais uma vez, temos a constatação de que houve uma intenção bastante explícita, por parte de muitos dos escritores incluindo os da revista, em legitimar o novo governo que se anunciava como o progresso e a salvação nacionais.

Nos anos iniciais da revista, não foram encontradas menções contrárias à ditadura de Deodoro. Em uma obra posterior, Leôncio Correia afirmou ter havido adesões por diferentes grupos em todo o Estado e que, desde “corporações, diretórios políticos, clubes, jornais, comissões representativas de classes, [...] até Congressos Legislativos de Estados enviaram mensagens à ditadura, vitoriando-a!”. (CORREIA, 1942, p. 73). Para o autor, que analisou o episódio décadas depois, a postura de apoio à ditadura foi um “vexame”, um “despudor”, uma vez que esse governo fora instituído pela força, anulando, assim, toda a luta republicana, suas “ideias, sentimentos, tradições, compromissos sagrados da honra cívica!”. (CORREIA, 1942, p. 73). E Leôncio Correia expressou sua revolta contra os ufanistas do governo ditatorial:

Brasileiros, que foram sempre tão dignos, republicanos históricos [...] não trepidaram subscrever adesões públicas pela imprensa, com orgulho, com desplante, com a mesma ufanía de um servo humilhado, que beijasse, desvanecido, as plantas do senhor triunfante”.

Com essa passagem, Leôncio Correia buscava evidenciar, dentre outros aspectos, que o Governo Provisório teria sido um modismo político aderido por muitos. Ainda que esse governo significasse anular os princípios republicanos.

De qualquer modo, a citação atesta para a grande aceitação pública da instauração de uma ditadura no país, já que essa forma de governo não representava, conforme se entendeu na época, um entrave ao progresso preconizado e à República. O período de decadência do Império e de consolidação da República esteve permeado por uma atmosfera de grande instabilidade e indefinição. Nada se mostrava suficientemente nítido, a não ser o grande entusiasmo pelo novo regime sustentado pela maioria dos círculos letrados, como ocorreu em Curitiba. Afirmamos anteriormente que a República fora entendida como sinônimo e condição do progresso nacional. A partir dela, o país ingressaria supostamente no processo de desenvolvimento de um modo que e um dia esse “gigante adormecido” poderia, então, igualar-se às potências mundiais. Os meios de engendramento desse processo, no caso, por meio de um golpe que instaurou uma ditadura, não foram vistos como contrários aos ideais do regime que se anunciava.

Afora o entusiasmo republicano, a consolidação das novas instituições republicanas deu-se por um processo extremamente caótico e dramático. No plano financeiro, a situação mostrou-se extremamente grave, decorrente dos tempos imperiais. O governo republicano herdara do antigo regime uma dívida externa que consumia anualmente grande parte do saldo da balança comercial. O quadro tendeu a se agravar ao longo da década de 90 do século XIX, com o aumento do déficit público. (FAUSTO, 2009, p. 147).

Inicialmente, essa crise não pode ser facilmente notada. Do contrário, o início da década de 90 do século XIX foi marcado por um otimismo gerado pela movimentação de capital e especulação financeira em todo o país.

Como afirma Carvalho (1987, p. 20), entre 1890 e 1891, houve:

corretores que obtinham lucros diários de 50 a 100 contos de réis, e, que uma oscilação do câmbio fazia e desfazia milionários. Por dois anos, o novo regime pareceu uma autêntica República de banqueiros, onde a lei era enriquecer a todo custo com dinheiro de especulação.

Essa situação era decorrente da política do Encilhamento que se iniciou no final do Império. Sob a justificativa de estimular a industrialização no país, os ministros da Fazenda do Império, Visconde de Ouro Preto e Rui Barbosa, adotaram uma política baseada em créditos livres aos investimentos industriais garantidos por

farta emissão monetária. Essa política continuou sendo seguida à risca pelo Governo Provisório republicano, preocupado em conquistar simpatias, o que ocasionou uma intensa febre especulativa nas principais capitais do país.

Nessa época, cassinos foram abertos, juntamente com casas de corrida, frontões e casas de jogo do bicho. A jogatina generalizada expressava a confiança na sorte e na crença do enriquecimento sem esforço. A situação se manteve entre 1890 e 1892, aproximadamente. Em uma de suas cartas publicadas na *Revista do Clube*, Francisco Ribeiro de Azevedo de Macedo comentou o hábito da jogatina entre os paulistano:

Ah! O dinheiro!... O dinheiro!...

Nunca vi tanto dinheiro em movimento como na vez que fui á Penha... [...].  
[...]

Sabeis qual é o santo realmente ali adorado? – O jogo! Sabeis qual o vinho e água do sacrifício? – O dinheiro! Quantidade enorme de roletas, de jaburus, de búzios e de todas as mais qualidades de jogos – ali fervem em um reboição infernal.

Todo o mundo vae á Penha com intenção de voltar argentário [...]

E não é só; quantas rixas, quantas altercações, quantas tentativas de assassinato, quantos crimes ali são cometidos sem que haja a mínima repressão!

Oh! É sabido que onde existe o jogo desenfreado e a bebedeira desvergonhada, existem os micróbios demolidores de todos os vícios que infestam a sociedade; e entretanto nem um valente soldado de chumbo da policia paulista ali assiste para garantir a ordem!

Fiz cruces e lá não voltarei. (REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 17, p. 5).

As consequências dessa euforia financeira não tardaram e incidiram justamente no cotidiano da população com o aumento da inflação e consequentemente o aumento do custo de vida. Como explica José Murilo de Carvalho (1987, p. 20), o aumento da inflação e a queda do câmbio encareceram ainda mais os produtos de importação que, na época, abrangiam quase tudo. Esse fenômeno já era sentido em 1891, como podemos perceber nesse fragmento da *Revista do Clube*:

[...] aquillo que antigamente custava 10, hoje só se pode adquirir por 20, sendo que o principal motor da enorme diferença é o sr. Cambio [...].

Actualmente, já ninguem se dá ao trabalho de indagar da alta dos generos que se procura, porque quem os tem para vender, apressa-se em dizer: –

não repare no preço que ora lhe peço porque com o cambio como está, tudo subiu! (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 19, p. 5).

E, em um tom pessimista, o autor conclui que “vae o cambio influenciando sobre o necessario a vida [...] estamos ameaçados de um futuro lugubre e tetrico”. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 19, p. 5). Assim, aos poucos, aqueles que inicialmente saudaram a República como se fosse a resolução para todos os problemas nacionais passaram a repensar seus posicionamentos, já que apenas o novo regime não teria garantido uma realidade completamente nova e engendramento do progresso nacional. Do contrário, acabou desencadeando uma série de problemas de ordem econômica, política e social.

Em fins de 1891, Marechal Floriano Peixoto assumiu o Governo Federal e mobilizou esforços no sentido de centralizar o poder e intervir na economia para conter a crise econômica decorrente do Encilhamento. Buscou a todo custo “purificar” as instituições políticas, nomeando homens de sua confiança para cargos públicos de destaque, além de perseguir seus opositores políticos. Aos poucos, adquiriu prestígio por parte dos grupos de letrados, políticos e profissionais liberais e, tornou-se um mito, reunindo um grande grupo de seguidores em torno de si. Era considerado o demolidor da ordem estamental do Império, o modernizador e moralizador da República. Como descreve Leôncio Correia:

Em lugar de Deodoro tinha de vir outro para a nova fase, que se abria. E esse outro veio tão completo tão digno, tão admirável, que se diria [...] um predestinado, [...] para a missão sacratíssima de reanimar as gerações abatidas, de reacender nelas a centelha do ideal e da vida.[...]. (CORREIA, 1942, p. 73).

O trecho menciona Floriano como aquele que reanimou “as gerações abatidas”, sendo provavelmente aquelas que tão intensamente acreditaram que a República fosse a solução para o problema do progresso nacional, mas que foram surpreendidas com as dificuldades econômicas, políticas e sociais enfrentadas durante o Governo Provisório. Floriano suscitou um grande entusiasmo cívico e aqueles que se mostraram seus seguidores constituíram o movimento o qual Ângela Alonso (2002) designou como florianismo. O movimento, como explica a autora, era uma faceta mais radical do republicanismo, ressaltando os contornos da identidade política republicana. (ALONSO, 2002, p. 137). Era caracterizado pela defesa da vontade popular, pela moralização da política e pelo intenso nacionalismo.

Entre os escritores da *Revista do Clube*, podemos destacar especificamente dois que assumiram uma postura republicana mais radical, no caso, Dario Vellozo e Júlio Pernetta. Em comum com o florianismo, tais agentes defenderam o Estado laico, o nacionalismo e criticaram a sociedade aristocrática, além de também serem seguidores do Marechal Floriano Peixoto.

Em uma de suas obras, *O Clero e a Monarchia*, de 1897, Júlio Pernetta comenta sobre o conflito que ocorreu em Canudos, sustentando uma postura bastante radical com relação à Igreja, em um momento que, segundo suas palavras,

Hoje, quando a alma republicana da Patria Brasileira soluça a perda de filhos tão abnegados, tão extraordinariamente valorosos, hoje que ela sente-se profundamente ferida pelo punhal de uma revolta restauradora, julgamos como republicano e brasileiro [...] oportuno o momento de tratarmos de um elemento pernicioso, que constitue um estado dentro do Estado, – o clero romano. (PERNETTA, 1897, p. 3).

Para o autor, Antonio Conselheiro era “protegido pelo clero” e representava o projeto de se restaurar a monarquia no Brasil, pois para ele “a igreja romana e a monarchia [...] unificam-se na defesa da mesma causa. Ambas trabalham para o mesmo fim – o restabelecimento do throno. [...]”. (PERNETTA, 1897, p. 3).

A mesma antipatia pelo movimento de Canudos, por parte dos republicanos também foi identificada por José Murilo de Carvalho (1987) em um grupo da Capital Federal, a que o autor chamou de “jacobinos”. Caracterizavam-se pelo republicanismo exacerbado e por perseguir tanto monarquistas como imigrantes. Na época da campanha de Canudos, esse grupo “manteve um clima generalizado de tensão política na Capital Federal”, quebrando jornais, promovendo arruaças, perseguindo monarquistas, etc. (CARVALHO, 1987, p. 23).

Com relação ao grupo de escritores da *Revista do Clube*, ainda que Júlio Pernetta não possa ser identificado propriamente como um jacobino, suas ideias, bastante radicais, remetem-nos a um discurso segundo o qual a República ainda estava por se consolidar, correndo riscos de esfacelamento com os levantes e as revoltas ocorridas ao longo da década de 90 do século XIX.

Para Pernetta, tanto o clero (ou o catolicismo) como a monarquia representavam as maiores forças de oposição à consolidação da República Brasileira. A aliança das duas instituições poderia representar a derrocada do projeto republicano brasileiro. Eram ambas consideradas por Pernetta o sinônimo do

entreve ao progresso. Sobre a aliança entre o clero e a monarquia, o autor comenta em uma das passagens de sua obra já citada:

O rei assegura que o padre não mente, e o padre afirma que o rei não faz injustiças.

Ora, segundo dizem, é suficiente duas testemunhas para dar a conhecer a verdade e o espirito ingênuo do povo deve achar-se impressionado tanto mais profundamente quando uma das duas testemunhas traz manto de purpura e corôa na cabeça, e a outra veste bordados de ouro e usa cruz guarnecida de brilhantes. Perante o tribunal civil, com certeza, o testemunho de dois aliados interessados nenhum valor teria; mas perante os povos é aceito desde milhares e milhares de anos. (PERNETTA, 1897, p. 5).

Júlio Pernetta não é o único a professar sobre os perigos que assolavam o novo regime. Cinco anos depois de sua obra, Dario Vellozo, em outro artigo, convocava a juventude de sua época para consolidar a República que, em 1901, corria riscos, conforme suas palavras:

Mocidade! Consolidae a República. Em vosso valor libertário, ame-a, luminosamente! Nuvem sinistra bem pode amortalhar os ceos da Terra brasileira... Essa nuvem é espectro, – esse espectro existe: – chama-se *monarchia*... [...] traz no bojo de angustias um throno satânico, erguido perversamente nos hombros da ignorância, sob auspícios dissolventes de fanatismo, hypocrizia e despeito. (VELLOZO, 1901 in \_\_\_\_, 1915, p. 52).

Com excessão de Júlio Pernetta e Dario Vellozo, grande parte dos escritores cujas passagens foram analisadas mantêm-se distante de extremismos republicanos, enfatizando em seus discursos tanto os aspectos positivos da plena liberdade oriunda do novo regime, como a conveniência de uma ação centralizadora coercitiva por parte do governo. Essa ambiguidade era, como já destacamos, uma característica do período em que se mesclavam diverentes orientações filosóficas, políticas do ideário europeu.

Por ora, no presente capítulo, procuramos discorrer sobre a concepção de progresso que permeou os discursos da primeira fase de circulação da *Revista do Clube* e que se torna chave para a compreensão de um contexto em que a população da capital do Paraná vivenciava o processo de intensas transformações culturais, sociais e políticas.

Primeiramente, a ideia de progresso aparece nos discursos como vinculada à técnica e à sedução tecnológica provocada pelo contato dos escritores da revista com diferentes aparatos tecnológicos – como o trem a vapor, a luz elétrica, os

automóveis e outras máquinas, que se tornaram símbolos do progresso curitibano e que favoreceram a construção da ideia de Curitiba como uma cidade modernizada cujo futuro parecia promissor e diferente do passado “atrasado e provinciano”.

Nos discursos, a ideia de progresso também surge como sinônimo de evolução, razão e ciência, sustentando a crença de que a humanidade e mais especificamente o Brasil estaria vivenciando um processo evolutivo rumo à civilização. Tal premissa encontrava justificativa em algumas vertentes do pensamento europeu, como a positivista que forneceu subsídios para que muitos pensadores da época compreendessem a fase de entusiasmo científico-tecnológico vivenciada no contexto curitibano de então.

Além do positivismo, outras duas vertentes do pensamento europeu que ganharam evidência nas páginas da revista foram aquelas que contribuíam para ampliar a compreensão da sociedade pelos segmentos mais elitizados. Havia um interesse geral em encontrar alternativas para educar e civilizar as massas de modo a serem úteis ao progresso da nação. Por essa razão, ganhou destaque a Psicologia das Massas, por favorecer o entendimento do comportamento humano em multidão, especialmente em uma época na qual os diferentes segmentos sociais compartilhavam o espaço público das cidades.

Outra ideia que ganhou destaque nas páginas analisadas é a Teoria da Evolução da Espécie e suas releituras pela vertente do darwinismo social.

Por fim, analisamos, também, o discurso republicano e os diferentes sinônimos que o vocábulo república assumiu no contexto de circulação da *Revista do Clube*. Ora associada à ideia de democracia e de liberdade, a ideia de república apresentou-se imbuída de um forte apelo progressista e evolucionista. Também representava o ingresso do país no mundo civilizado, em que o Brasil ocuparia seu lugar junto às demais potências da época.

Essa ideia de república revela a afinidade profunda do periódico em análise com as ideias econômicas, políticas e culturais que se irradiavam da Europa em escala crescente ao longo das três últimas décadas do século XIX. Pudemos detectar uma confluência de orientações filosóficas que ora tendem ao radicalismo, ora buscam no positivismo francês suas diretrizes. Delas são realizadas releituras que buscam explicar a sorte das experiências vivenciadas em solo nacional, as

quais muitas vezes justificam atos que contemporaneamente são vistos como antidemocráticos, como a própria ditadura instaurada pelo Governo Provisório.

A ideia de república defendida no periódico, especialmente naquelas passagens que elogiam e defendem o novo regime, também revela a adesão dos principais colaboradores e redatores da revista à luta política pela redefinição das estruturas fundamentais do país, buscando abertura à plena integração e participação dos grupos sociais que se mantiveram à esteira dos processos decisórios políticos nacionais. Por essa razão, tornou-se urgente, naquele contexto, a formação e a educação do povo brasileiro, processo que viabilizaria o desenvolvimento nacional por meio do esclarecimento das massas. As duas instâncias responsáveis por viabilizar tal projeto seriam: primeiramente, a literatura, que contou com uma participação mais direta dos escritores da revista a partir do ano de 1895, por meio da criação de periódicos, publicação de artigos e obras; e, posteriormente, a Instrução Pública, na qual se engajaram os mesmos escritores da revista a partir da primeira década do século XX.

#### **4 A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E O SURGIMENTO DE O CENÁCULO**

A Revolução Federalista, ou Revolução de 1893, torna-se importante para esta investigação, em razão de seu impacto na produção da *Revista do Clube*, de modo que se torna fundamental a análise do tema, especialmente, para a compreensão dos discursos da segunda fase do dito periódico, que data de 1894 a 1900. Por essa razão, na parte inicial deste capítulo, procurou-se esclarecer alguns dos principais fatos que deram origem a um contexto de revoltas generalizadas em diferentes pontos do país e levaram à eclosão da Revolução Federalista, recuperando algumas informações básicas fornecidas pela bibliografia corrente sobre o tema.

Para que se entendam as causas desse conflito, é preciso retomar o contexto da Proclamação da República, quando surgem divergências políticas em diversos pontos do país, como em Minas Gerais, Maranhão, Rio de Janeiro e no sul do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul. Como já mencionado no capítulo anterior, após a instauração do novo regime, em 15 de novembro de 1889, estabeleceu-se o Governo Provisório, regido pelo primeiro presidente do Brasil, o militar Marechal Deodoro da Fonseca. Porém, seu governo não durou muito tempo, em razão de problemas políticos e econômicos, como a crise econômica gerada pela política do Encilhamento, fase que, como também já mencionamos, foi marcada pela intensa especulação dos preços dos imóveis e na Bolsa de Valores, além da prática da jogatina desenfreada em torno de empresas que prometiam lucros fabulosos aos seus acionistas.

Outro grave problema enfrentado durante o governo de Deodoro foi a dissolução do Congresso Nacional, em 3 de novembro de 1891, ocasionada pela forte oposição ao general dentro do próprio Congresso, integrado, em parte, por restauracionistas que contavam com o apoio da Marinha. (SILVA, 1998, p. 96). Na ocasião do fechamento do Congresso, estabeleceu-se o estado de sítio e a suspensão das garantias constitucionais, o que desencadeou reações em diferentes pontos do país.

No dia seguinte ao ato, começaram a se formar núcleos de resistência em diferentes estados, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Pernambuco. Denúncias de diferentes partes do país chegavam ao gabinete presidencial

relatando preparativos de conspirações. A Revolta da Armada eclodiu nesse contexto. Unidades da Armada se reuniram na Baía de Guanabara, sob a liderança do almirante Custódio de Melo, sublevando-se com a ameaça de bombardear a Capital Federal. Para evitar uma guerra civil, o Marechal Deodoro renunciou à Presidência da República em 23 de novembro de 1891.

Com a renúncia de Deodoro da Fonseca, o Marechal Floriano Peixoto ascendeu ao poder, ato que foi alvo de muitas críticas. Na época, havia a dúvida se deveriam ser realizadas novas eleições à presidência ou se Floriano deveria continuar no governo como vice-presidente. Tal incerteza só serviu para aumentar as tensões entre os diferentes grupos políticos.

No Rio Grande do Sul, a crise se tornara bastante aguda. Desde os tempos imperiais, a província era governada por liberais contrários às ideias republicanas. (CORRÊA, 2006, p. 65). Controlavam o Executivo e a Assembleia Provincial e o auge do poder desse grupo ocorreu quando Gaspar Silveira Martins, um dos principais chefes liberais, assumiu o Ministério da Fazenda, em 1873. Em 1888, foi nomeado, pelo imperador, presidente da província do Rio Grande do Sul.

Uma oposição a essa frente já estava sendo organizada desde 1880, quando Júlio de Castilhos passara a organizar a frente republicana rio-grandense, conquistando o apoio de Deodoro da Fonseca às vésperas da Proclamação da República.

Com a instauração do novo regime, Gaspar Silveira Martins fora exilado, em razão de sua proximidade com o governo imperial, e só retornou em 1892. Nesse período, o governo do Rio Grande do Sul ficou a cargo de Júlio de Castilhos, que se valeu da aproximação com o Marechal Deodoro para obter privilégios políticos. (CORRÊA, 2006, p. 66). Nesse ínterim, a oposição dos antigos liberais crescera no Rio Grande do Sul, especialmente quando da elaboração da carta constitucional por Júlio de Castilhos, acusada pelo grupo de Gaspar Silveira Martins de autoritária.

Outro episódio que também contribuiu para o aumento das tensões no estado sulino foi o fato de Castilhos ter levado oito dias para tomar uma posição quando o Congresso foi fechado por Marechal Deodoro. Tal fato deu margem a uma grande manifestação mobilizada em Porto Alegre para pedir a renúncia daquele governador. Nessa situação, Castilhos abandonou o palácio sem anunciar um sucessor. Após sua renúncia ao governo do estado, Castilhos afirmou:

Entrou no período agudo a crise do Brasil, preparada sob o regime monárquico, adiada pelos sucessos de 15 de novembro, crise que há de perdurar se os acontecimentos não receberem sábia direção, capaz de impedir a restauração monárquica. (CASTILHOS, J. *apud* CARNEIRO, 1904, p. 16).

Para Romário Martins, os acontecimentos políticos oriundos da subida de Marechal Deodoro ao poder foram fundamentais para o início do conflito no Rio Grande do Sul. Segundo o autor, principalmente nesse estado, "os acontecimentos tiveram larga repercussão e motivaram, da parte dos 'federalistas', profunda exacerbação de ódios contra os castilhistas." (MARTINS, 1995, p. 239).

Outra razão do aumento das tensões políticas no Rio Grande do Sul, apontada por Eduardo Drabick (2006), foi o fato de os gasparistas ou federalistas alegarem que Marechal Floriano Peixoto subiu ao poder por meios escusos, afinal, a Constituição em vigência na época previa que o vice só poderia assumir caso o titular tivesse cumprido metade de seu mandato, o que não ocorreu.

Após os episódios já mencionados, formaram-se, então, as duas frentes políticas no Rio Grande do Sul: de um lado os federalistas, gasparistas ou maragatos, defensores da República parlamentarista, liberal, apoiados por pecuaristas da Campanha; de outro, os castilhistas ou legalistas que contavam com o apoio dos empresários, pequenos comerciantes, agricultores e do Exército e apoiavam a subida do Marechal Floriano à Presidência da República. (SÊGA, 2005).

Formalmente, a Revolução tem como baliza inicial a invasão de uma coluna de maragatos de Gumercindo Saraiva (1851-1894) ao Rio Grande do Sul, em 5 de fevereiro de 1893. Parte das tropas federalistas se organizou e se preparou para a revolução na região de Aceguá, no Uruguai. Após isso, essas tropas transpuseram a fronteira e acamparam em um capão no município de Bagé. (SÊGA, 2005, p. 93). Ao final de julho de 1893, Gumercindo juntou suas tropas com as do general Luís Alves Leite de Oliveira Salgado somando quase dois mil homens que prosseguiram suas operações, usando a tática de guerrilha, evitando, sempre que possível, o enfrentamento direto com as tropas legalistas.

Desde o início da Revolução até 1895, do Rio Grande do Sul, os maragatos iniciaram sua rota de invasões a cidades dos três estados do Sul, e, segundo Oliveira (2005, p. 168), o episódio foi considerado o mais grave conflito entre as diferentes facções da classe dominante dessa região. O historiador John Charles

Chasteen descreve qual seria o objetivo final da “montonera”, grupo de guerrilheiros montados dos maragatos:

De certa forma surpreendente, dado o tamanho e capacidade do Exército Brasileiro há apenas sete anos antes da virada do século vinte, o plano dessa montonera era invadir o subcontinente brasileiro e fazer o governo capitular. A montonera de Gumercindo Saraiva apresenta-nos um problema interpretativo. Inevitavelmente, pergunta-se: Esses homens eram loucos? Por que eles começaram uma guerra civil sangrenta contra uma força imensamente maior? Como eles poderiam marchar mil e cem quilômetros através dos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná para ameaçar, mesmo que por um instante, o governo nacional? Mais difícil que explicar seu sucesso fugaz [...] é explicar a sua motivação e, sobretudo, sua resolução para lutar por trinta longos meses, animados apenas pelas maiores esperanças pouco plausíveis. (CHASTEEN, 1995, p. 9-10, *apud* SÊGA, 2005, p. 97).

É inegável o impacto desse episódio histórico na produção da *Revista do Clube*, especialmente em razão de parte de seus escritores e colaboradores terem participado diretamente das campanhas militares, quando a revolução chegou ao Paraná. Sebastião Paraná, que já havia lutado na Revolta da Armada no exército de Benjamin Constant, foi também capitão da reserva do Exército Nacional durante a Revolução Federalista<sup>41</sup>. Dario Vellozo, igualmente ao lado dos legalistas, serviu como Tenente do 6º batalhão de Infantaria da Guarda Nacional (de setembro de 1893 a abril de 1894) . Leôncio Correia e Júlio Pernetta também lutaram ao lado da legalidade na cidade da Lapa, tendo esse último integrado o batalhão 23 de Novembro. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 4, p. 2; CORRÊA, 2006, p. 128; BALHANA et al., 1991, p. 365).

Emiliano Pernetta é um dos poucos que se mantiveram distantes do conflito, especialmente, por questões de saúde<sup>42</sup>. Em 1893, de São Paulo foi a Minas Gerais para assumir funções de juiz. Retornara a Curitiba apenas em 1896, onde continuou suas publicações na imprensa local.

Na época, a atitude de muitos letrados de deixarem a pena para pegarem em armas se justifica em razão de haver um consenso entre eles de que essa

---

<sup>41</sup> Essa informação encontra-se na pasta de recortes “Sebastião Paraná” do Centro de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná.

<sup>42</sup> Em nota, Erasmo Pilloto afirma que em meados de 1890, a saúde de Emiliano Pernetta não ia bem, “que depois andou mal por toda a sua vida, e por andar assim mal, o trouxe mais tarde de Minas para o Paraná, e foi uma causa certa de limitação do vulto de sua obra; Não sei ao certo se foi motivo da sua má saúde que o levou a deixar o Rio e aceitar, em Minas Gerais, funções de juiz”. (PILLOTO, 1945, p. 63).

atitude representava um sacrifício a ser realizado em nome da honra e do amor à pátria. Essa postura tem suas origens no século XVIII, e aproxima-se da noção de virtude republicana (LEITE, 2008). Como analisa Quentin Skinner (1999), para os primeiros humanistas florentinos, virtude significava a coragem de pegar em armas. Também, Maquiavel emprega *virtù* nesse mesmo sentido. Dessa maneira, até o século XVIII sobressai o sentido romano-maquiaveliano de coragem de pegar em armas. Pode-se pensar, por fim, que a virtude para esses escritores adquire o sentido de coragem cívica e, eventualmente, o de pegar em armas e de um sacrifício a ser realizado em nome da honra e do amor à pátria.

Dario Vellozo, em um opúsculo de 1904, justifica sua atitude e a de seus companheiros ao se referir ao contexto da Revolução, afirmando que o “Marechal appella para a mocidade; chama os patriotas; e a mocidade e os patriotas se alistam em suas fileiras. Indica os tramites: a mocidade segue; não mede sacrifícios; quer salvar a República”. (VELLOZO, 1904, p. 63). Nessa passagem, é possível que Vellozo estivesse se referindo a uma carta de Marechal Floriano, em fins de fevereiro de 1893, dirigida ao general Pêgo Jr. Nesse documento, o marechal afirma ter consciência do estado da situação do Paraná naquele período de guerra e que considerara “necessário o patriotismo dos bons brasileiros contra os ‘bandidos invasores.’” (Marechal Floriano Peixoto, fev. 1893 *apud* SÊGA, 2005, p. 179).

Em 1915, o mesmo autor também afirmou, em uma crítica direta à monarquia, “lembrae-vos sempre que a PATRIA é o grande lar de um povo: Desmembrada a PATRIA, a família agoniza. Os que não sabem se sacrificar pela PATRIA, se tornam servos dos déspotas.” (VELLOZO, 1915, p. 51). Assim, em uma época em que se acreditava estar a República sob a ameaça do restauracionismo, era fundamental que os letrados – na condição de guias da população – abandonassem temporariamente seus gabinetes e tomassem as armas para defender a República, servindo de exemplo aos demais cidadãos brasileiros.

Rafael Augustus Sêga (2005) analisa uma série de discursos veiculados pela imprensa do período, afirmando predominar nos veículos locais a visão negativa das tropas federalistas, expressão do desprezo que parte da elite letrada curitibana nutriu com relação aos revolucionários rio-grandenses. Como já discutido anteriormente, no Paraná havia um antagonismo de dois blocos políticos distintos, o primeiro, formado pelos antigos liberais (representantes da aristocracia dos Campos

Gerais) e o segundo, composto da união entre os conservadores e republicanos. Aqueles envolvidos com as atividades criatórias e estes imbuídos de um projeto econômico industrial mais amplo, baseado nos capitais oriundos da atividade ervateira. Também já discutimos o vínculo que periódicos como a *Revista do Clube* mantinham com o último bloco, que a partir da instauração da República passou a se chamar Partido Republicano Federal. Com a eclosão da Revolução Federalista, houve, segundo Sêga (2005), uma identificação e articulação política entre o PRF do Paraná, o Governo e os republicanos do Rio Grande do Sul. Tal aliança justifica o fato de muitos dos escritores da *Revista do Clube* terem se posicionado e lutado ao lado das tropas legalistas. O jornal paranaense *A República*, órgão do Partido Republicano Federal, publicou, no período, uma série de artigos em apoio e solidariedade aos republicanos castilhistas, entre os quais figura um de autoria de Leôncio Correia:

A pouco e pouco, esforçadamente, patrioticamente, o glorioso partido republicano rio-grandense vai dissipando dos horizontes pátrios as nuvens sinistras, prenhes das ameaças restauradoras. A confiança renasce, a tranqüilidade volta, a vida normal se acentua, ao mesmo tempo que o desânimo aniquila os emigrados, que há pouco formados em linha contra a República. [...] Como uma muralha de bronze ou como uma estátua de ouro hão de se levantar os heróis da propaganda honesta da doutrinação leal na terra legendária de Bento Gonçalves. Hão de se levantar os que fizeram da bandeira estrelada da República a inspiradora suave de todos os atos de sua consciência, há de se ouvir, como um canto imortal de alegria, o grito imenso e sublime da mocidade para celebrar o triunfo do Brasil Republicano. (*A REPÚBLICA*, 27/1/1893, p. 2).

Nessa passagem, Leôncio Correia descreve a situação da revolução do Paraná como tendo seu fim harmônico, de modo a dissipar os temores despertados pela agitação revolucionária. Os membros do PRR são descritos como “muralha de bronze”, “estátua de ouro” e “heróis”.

Com relação propriamente à *Revista do Clube*, o periódico interrompeu suas publicações por conta da revolução a partir de maio de 1893 e só retornara em 15 de março de 1894, quando é inaugurada sua segunda fase. Por sua vez, a instituição Clube Curitibano viu-se desorganizada e a própria diretoria, que tinha à frente Cyro Vellozo, encontrava-se totalmente desarticulada. Em abril de 1893, em sessão ordinária da assembleia do clube, da qual participou Barão do Serro Azul e Vicente Machado, Cyro Vellozo renunciou a seu cargo alegando ver:

[...] diminuir a frequência dos sócios, affectando com isso as rendas da Sociedade, e que attribua este facto á sua permanência n'aquelle logar, e que desejando a prosperidade d'aquelle Club, que por espaço de quatro para cinco anos havia presidido, preferia retirar-se para não comprometer o futuro feliz que lhe desejava. (REVISTA DO CLUBE, Ata da sessão ordinária da assembleia geral do dia 9 de abril de 1893, 1894, n. 1, p. 4).

Apesar de Vicente Machado ter protestado contra os motivos que Cyro Vellozo alegou para renunciar à presidência, a sessão procede com a eleição de nova diretoria. Entre os anos de 1893 e 1894, ocorre uma evasão em massa de seus membros para fora do estado em razão dos acontecimentos políticos que tornavam a revolução uma ideia cada vez mais próxima dos habitantes de Curitiba e do Paraná. Um dos artigos da revista, de autor desconhecido, menciona que:

[...] Noticias amedrontadoras, circulavam boatos medonhos, descontraídos, falsos; Tijucas sitiada, Lapa sitiada, Palmeira e Serrinha no poder dos invasores; [...] O Exército Libertador, composto de gaúchos Rio-Grandenses e de bandidos do Uruguay, degolavam os prisioneiros e os largavam decapitados a correrem pelo campo; violavam as mulheres [...]; matavam, roubavam, queimavam, saqueavam; um horror de pormenores terrificadores. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 6, p. 2-3).

Dessa maneira, além da desarticulação e desorganização das estruturas básicas da instituição do Clube, a Revolução causou impacto nas atividades e nos discursos de seus escritores em razão do próprio horror que representou, quando “as saraivadas de balas de fuzilaria, lançavam por terra centenaes de combatentes, cobrindo de luto um povo inteiro, regando o solo pátrio com sangue e lágrimas”. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 9, p. 2).

Em setembro de 1893, os federalistas adentraram Santa Catarina e chegaram ao Paraná, onde Floriano concentrou suas forças. Tijucas e Paranaguá foram conquistadas, mas, na Lapa, um cerco organizado por Gomes Carneiro reteve os federalistas por 26 dias.

Em janeiro de 1894, a Revolução Federalista chegou a Curitiba. No dia 18 de janeiro, Vicente Machado, então governador do Paraná, transferiu a capital do estado para Castro. Curitiba passou a ser dirigida por uma Junta Governativa presidida pelo Barão do Serro Azul. Entre a população curitibana, houve pânico generalizado. No dia 20 de janeiro, as tropas de Gumercindo Saraiva chegaram à Curitiba. “Estava todo o estado nas mãos da revolução”, conta David Carneiro em sua obra *O Cerco da Lapa e seus Heróis* (1904).

Os batalhões revolucionários se instalaram na cidade e os bailes e festas eram organizados com o intuito de entreter os invasores, já que não havia policiamento capaz de impedir as forças de Gumercindo Saraiva. Segundo Carneiro (1904, p. 152), Saraiva tinha a intenção de levantar no comércio de Curitiba uma quantia suficiente para suprir as necessidades mais imediatas de seu exército, ameaçando a população de saque caso fosse impedido. “Isso correspondia a dizer que, ou viria a população da capital ao seu encontro por um empréstimo de guerra livremente aceito, ou dá-la-ia ao saque dos seus insaciáveis soldados.” (CARNEIRO, 1904, p. 152).

No entanto, encontramos outra versão na obra de Leôncio Correia (1942). A ação do barão do Serro Azul em pagar o espólio às tropas de Gumercindo teria se dado em razão de um pedido dos representantes das famílias que permaneceram em Curitiba. Solicitaram para que o Barão interviesse na situação por meio de um acordo com os revolucionários, de modo a proteger a população de violências, saques e estupros. Na época o Barão era presidente da Associação Comercial. Conforme justificou Leôncio Correia em sua obra:

[...] Ildfonso Pereira Correia [...] atendeu ao apelo das classes conservadoras, que lhe pediam que interviesse no sentido de afastar da cidade a luta fratricida. Famílias aflitas recorriam para o Barão, pedindo-lhe que tudo fizesse para evitar o derramamento de sangue e os danos do sangue que seria a consequência fatal da luta, uma vez vitoriosos os rebeldes. (CORREIA, 1942, p. 34).

A Junta Governativa de Curitiba que dirigia a cidade após a mudança da capital de Curitiba para Castro passou a ser a “Comissão para Lançamento do Empréstimo de Guerra” e atuou com o propósito de arrecadar fundos para os rebeldes e com isso “comprar” a proteção da cidade.

Segundo Carneiro (1904), apesar do empréstimo concedido pelo Barão do Serro Azul a onda de saques continuou em Curitiba até maio de 1894, quando os federalistas abandonam a cidade. Na época, Tito Vellozo, irmão de Dario, teria comentado a Júlio Pernetta que “o paiz atravessa melindrosa phase de transicção: sejamos todos operários na reedificação do edifício social, desmoronado pela metralha de anti-patriótica revolução.” (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 20, p. 2).

No dia 25 de abril, Gumercindo Saraiva deixara o Paraná com a retirada do seu exército dos Campos Gerais em direção ao sul. Com a debandada das tropas

federalistas, no dia 5 de maio, chegavam à Curitiba, provenientes de Castro, o vice-governador deposto Vicente Machado e o general Ewerton de Quadros que assumiu o comando do Exército Brasileiro nos estados do Paraná e Santa Catarina, bem como do Quinto Distrito Militar. (SÊGA, 2005, p. 201).

Com os legalistas de volta ao poder, foi estabelecido o “Conselho Marcial” para julgar os crimes políticos, que investigou quase duas mil pessoas sobre acusações de colaboração com os invasores federalistas ou traição. No caso do Barão do Serro Azul, presidente honorário do Clube Curitibano e dos comerciantes que apoiaram a comissão responsável por arrecadar o espólio de guerra, seus atos foram compreendidos como traição ao governo e como uma colaboração aos rebeldes pelo Conselho Marcial. Por essa razão foram fuzilados. Segundo Sêga (2005, p. 204), “a morte do barão foi um ato de barbárie contra uma das maiores lideranças do Paraná e que ajudou em muito a desestabilizar as vidas econômica e política do Estado após a Revolução Federalista”.

A chegada da notícia desses assassinatos foi recebida com horror, causando um grande impacto na população de Curitiba. Na *Revista do Clube*, consta uma única nota sobre o episódio, sem estar acompanhada de comentários:

Deparou-se-nos n' "A republica" desta cidade, um aviso commercial em que há noticia do fallecimento do Barão do Serro Azul.

O Club Coritibano não pode deixar de manifestar o seo sentimento pela morte do illustre paranaense, cujo nome é um padrão de respeito para a nossa industria e um motivo de orgulho para o Estado.

Pautando sempre a sua conducta pela austeridade do trabalho e da honra, o Barão do Serro Azul assignalou o nosso progresso industrial [...].

O illustre finado, cuja falta é verdadeiramente sentida por todo o Paraná que o conhecia, fôra mais de uma vez eleito presidente do Club Coritibano e presidente honorario.

O Club curvando se á memoria do laborioso e probro cidadão, que movimentou por largo tempo o desenvolvimento do nosso Estado, rende o seo preito de homenagem á luminosa virtude da gratidão. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 13, p. 7).

Se na *Revista do Clube* pouco foi publicado a respeito, isso ocorreu, possivelmente, em razão do próprio contexto, bastante tenso, dentro do qual se evitava expor opiniões mais explícitas relacionadas à política. Afinal, ainda vigorava o decreto de 23 de dezembro instituído por Marechal Deodoro, que impunha censura à imprensa. No entanto, em uma publicação posterior de Leôncio Correia (1942), há

um relato bastante vívido da chegada da notícia da morte do Barão do Serro Azul em Curitiba. Cabe lembrar que Correia era sobrinho do Barão e sua obra, conseqüentemente, assume um caráter elogioso, memorialístico quanto à figura pública de seu tio. Mesmo assim, o relato é bastante revelador, afirmando que a notícia teria gerado espanto e incredulidade entre a população. Nas palavras de Correia:

Aos diferentes pontos do Estado, a notícia da lúgubre tragédia ia chegando sob tais indícios de recolhimento e de espanto [...]

A incredulidade dos primeiros momentos foi sucedendo uma espécie de espasmo, um estatelamento de almas que estacam, de repente, ante o incompreensível, que se fez fato. Pouco a pouco, a população saía da sua dúvida para ser presa, logo depois, por insondável terror. Já o estranho sucesso [da revolução] começou a ser transmitido à meia voz, porque se ia tornando grave e apavorante como as catástrofes irremediáveis. [...] Os comentários cercavam de horríveis incidentes e detalhes medonhos a tragédia sinistra, e de lendas estranhas o cruento sacrifício das infelizes vítimas. E, pouco a pouco, ia crescendo, como um gemido que se aprofunda, como um clamor que se alastra, a mágoa imensa de toda uma população comunicada logo a todo o grande peito de um povo, abismado ante aquela desgraça, que parece desdita da própria nação assaltada no seu caminho pelo furor de uma divindade ímpia e tremenda. (CORREIA, 1942, p. 56-57).

Assim, apesar do “estranho sucesso”, ou seja, do fim da Revolução no Paraná, a passagem refere-se à notícia dos assassinatos do Barão do Serro Azul e de outros cinco de seus companheiros, José Lourenço Schleder, José Joaquim Ferreira de Moura, Prisciliano Correia, Balbino de Mendonça e Rodrigo de Matos Guedes. Vale destacar que nesse mesmo momento histórico, ocorreram demissões de funcionários públicos, buscas e capturas de pessoas acusadas de colaborar com os revoltosos. O teatro São Theodoro foi transformado em presídio e várias pessoas foram fuziladas, conforme o relato de Correia.

Vicente Machado, governador do estado do Paraná na época, foi imediatamente acusado de ter sido o mandante da tragédia do quilômetro 65, como ficara conhecido o episódio de execução do Barão de Serro Azul e de seus companheiros. Mesmo publicando um manifesto e fazendo discursos desmentindo qualquer participação, “o fardo dessa acusação nunca mais deixou seus ombros”. (CARNEIRO, 1904, p. 285). Ainda assim, o próprio Leôncio Correia defendera o governador em sua obra. A mesma postura é assumida por Dario Vellozo, em sua carta intitulada “A Inocência de Vicente Machado”, de 1926, publicada em opúsculo.

(CORREIA, 1942, p. 251). Nele, Vellozo afirma que “dos assassinatos do quilômetro 65, durante o período revolucionário de 1893-1894, penso, não teve culpa o Dr. Vicente Machado”. Continua afirmando que Vicente Machado não havia tido conhecimento do ocorrido até os primeiros boatos chegarem à cidade, recebidos por Vicente Machado com:

os olhos marejados de lágrimas. Esta cena me deu e dá-me a convicção plena da nenhuma coparticipação do Dr. Vicente Machado nos assassinatos [...]. Não sabia. A todos aturdiu a monstruosa e inútil crueldade. (VELLOZO *apud* CORREIA, 1942, p. 252).

Posteriormente, em 1904, Dario Vellozo analisou o episódio da Revolução, como “um funesto conflito que estendeu um sudário de lagrimas sobre os Estados do sul, onde não houve victorias, onde não houve vencedores, porquanto entre os combatentes corria sangue de irmãos.” (VELLOZO, 1915, p. 60). Compreendera que a causa por trás do conflito foi a luta dos restauracionistas pelo retorno do antigo regime, referindo-se à postura dos antigos liberais sul-grandenses. Em suas palavras:

A Constituição republicana, numa alta compreensão dos destinos dos paizes livres, separara do Estado as egrejas; levava ao coração dos amigos do throno a decepção de esperança que acalentavam: o terceiro reinado. [...]

O conflito de 93 pareceo-lhes propicio: insuflaram a revolução; correram às fileiras dos que se batiam contra o Governo e, ainda à sombra da égide republicana, minavam o edifício da República. Os monarquistas abriram os cordões das bolsas, fartas das searas do império [...]. (VELLOZO, 1915, p. 61).

Em relação à percepção de Dario Vellozo sobre o caráter restauracionista do conflito, Sêga (2005) afirma ser essa uma questão que necessita de maiores esclarecimentos. Para o autor, a Revolução foi, antes, mais antiflorianista e anticastilhistas que, propriamente, um conflito que representasse o embate entre monarquismo *versus* republicanismo. O monarquismo não foi uma bandeira dos federalistas. Silveira Martins propunha um parlamentarismo republicano e não a restauração da coroa como apregoavam os seus antagonistas. (SÊGA, 2005).

Na *Revista do Clube*, comentários e artigos sobre o conflito são, no geral, bastante esparsos em razão da linha editorial do periódico e do período de censuras. Outra maneira de compreendermos esse silenciamento nas páginas da

*Revista do Clube* e, até mesmo de outras revistas analisadas do mesmo período como *O Cenáculo* – que a princípio, deveriam constituir-se em veículos de expressão de posicionamentos relacionados à Revolução – é entender esse episódio como um evento extremamente traumático para os escritores e para a população local. São muitas as investigações a respeito da Revolução Federalista no Paraná, no entanto, pouco se menciona a respeito das modificações comportamentais e culturais desencadeadas após o evento. Desse modo, a análise da *Revista do Clube* torna-se um importante indicador desse aspecto, desafiando-nos uma nova percepção e interpretação da história do Estado em uma narrativa que considere as percepções, silenciamentos e modificações na postura daqueles que vivenciaram esse período de conflitos.

Renato L. Leite (2012) é um dos historiadores que tem reunido esforços no sentido de compreender o conceito de trauma, afirmando que esse conceito se refere a um fenômeno difícil de ser representado e que desafia os interessados a reconstituírem uma narrativa a seu respeito. Para Jörn Rusen:

Uma “crise catastrófica” destrói o potencial da consciência histórica de processar esse fato através de uma narrativa portadora de sentido. Pois o trauma desafia e destrói os princípios da geração de sentido e afeta a coerência da narrativa. Quando isso ocorre, a linguagem do sentido histórico silencia. Ela torna-se traumática. (RÜSEN, 2009, p. 171).

Cabe ao historiador recuperar o sentido narrativo desse fenômeno, por meio de uma análise cuidadosa dos vestígios do passado, considerando seus silenciamentos e parcas expressões, bastante difusas, por vezes desconexas.

Na *Revista do Clube*, são poucos os artigos que mencionam diretamente o conflito 1893-1894. Mesmo assim, a partir da segunda fase de circulação, a experiência da guerra passa a figurar implicitamente, revelando-se por meio de poemas simbolistas que de um ano para o outro passam a predominar naquelas páginas, conferindo ao periódico grande lirismo e sensibilidade. Os poemas não tratam propriamente na guerra. Do contrário, buscam a uma atmosfera não-material, repleta de figuras oníricas que não estão, a um primeiro momento, relacionadas à realidade vivenciada por aqueles escritores. Acreditamos que essa literatura expressou o mal-estar dos escritores e literatos do período pós-revolução, em um momento em que a censura e o mal-estar deixado pelo episódio ainda pairavam sobre a cidade.

Essa premissa, inicialmente, era apenas uma hipótese de trabalho, decorrente do levantamento e a análise do conjunto geral de artigos do periódico de todos os seus anos de publicação. Por meio desse trabalho, pôde ser percebida a visível mudança da linha editorial da primeira para a segunda fase do periódico. Posteriormente, com o avanço das leituras dos artigos, a hipótese de trabalho foi corroborada pelo artigo do diretor literário da *Revista do Clube*, Dario Vellozo, de 1897, no qual afirma ter sido a Revolução a causa de uma mudança radical da postura dos literatos locais de maneira geral frente à sociedade e à época vivenciada. O testemunho encontra-se em um dos artigos de crítica literária de Vellozo sobre a obra *Bronzes* de Júlio Pernetta. Nela, o autor menciona a Revolução de maneira a justificar o caráter melancólico da obra de Pernetta e dos artistas do período de maneira geral. Explica que a obra de Pernetta era a expressão da tristeza do poeta após ter ele retornado do conflito armado a Curitiba. E, não apenas esse escritor, mas os artistas e literatos locais, de maneira geral, sofreram com o conflito. Segundo as palavras de Vellozo:

[...] aquellas pavorosas scenas a que todos assistimos ou soubemos, impressionaram fatalmente a alma dos Artistas, baombando-lhes no coração o resposno da Tortura e da Agonia; e se viriam projectar – fatalmente – na Obra dos Sensitivos e dos Intellectuaes.

A revolução terminara. Mas, a Dor ficara vibrante na alma nacional; e a Dor faria evocar no coração do Artista os sinistros espectros do Desespero e da Morte. (REVISTA DO CLUBE, 1897, n. 9, p. 5).

Nas palavras de Vellozo, “a revolução vibrou-nos violentamente o organismo, acordando-nos sentimentos nobres e indignos, há muito sustados no coração Brasileiro. Houve actos de heroísmo e valor de abnegação e caridade, de amor fraternal [...]”. (REVISTA DO CLUBE, 1897, n. 9, p. 5).

Fazendo alusão à atuação do Barão do Serro Azul e a outros que lutaram direta ou indiretamente contra os revolucionários, Vellozo explica que:

[...] – a vaza, pore, das paixões subira à tona; e a vilanagem, a perfidia, a crueldade, a sordicia, todas as manifestações da ferocidade humana afogaram em sangue muito coração affectuoso, [...], num revoltante requinte de horror e maldade, num inconfessável requinte de egoísmo e de inveja. (REVISTA DO CLUBE, 1897, n. 9, p. 5)

Assim a revista, a partir de sua segunda fase, inaugurada no momento em que as tropas de Gumercindo Saraiva ainda cercavam Curitiba, assumiu a função de porta-voz de novos discursos, acentuadamente literários e melancólicos, aspecto que Vellozo chamou de “espectros do Desespero e da Morte”. Conseqüentemente, o periódico distanciou-se cada vez mais dos assuntos políticos, das amenidades e do entretenimento, passando a não mais estar voltado prioritariamente às senhoras da sociedade curitibana, mas aos artistas e àqueles cuja sensibilidade despertara para um tempo de mal-estar, de silenciamentos e angústias.

Júlio Pernetta foi o que deixou os registros mais evidentes. Em um de seus artigos, afirmou “a guerra, minhas senhoras, é o atraso dos povos, é o arbítrio bárbaro da humanidade falando pela boca de bronze dos canhões. A guerra é a tyrannia impondo-se pela força”. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 4, p. 2). Em um poema sob a roupagem simbolista, Pernetta narra a experiência de um acampamento de guerra onde:

[...] ao longe avultam destinctamente fileiras de barracas brancas que se prolongam... que se prolongam infinitamente...

A soldadesca, em orgia deliciosa de risos, canta e palestra [...]

E minha alma, a minha pobre alma, assiste toda essa alegria embuçada no sudário frio das recordações dolorosas, assiste memorando o desfilar fúnebre do cortejo das ilusões que se foram e não voltarão jamais.

E de tudo isto, de tanta desolação, ainda a saudade, como terrível algoz, se levanta causticante, espectral, para maior tortura. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 20, p. 3).

Muitos estudos, que têm como foco principal a cultura paranaense do início do século XX, trabalham com a hipótese segundo a qual os escritores do período – tais como os que colaboravam para o periódico em análise – assumiram uma postura de alienação quanto à instância política após o conflito armado. Alessandra de Carvalho (1997, p. 86) afirma que “ao buscar o reconhecimento da criação literária, os acadêmicos adotavam certa distância entre a sociedade e a sua própria esfera”. Além daquela autora, Bega (2001) e Queluz (1994) também reiteram a questão em seus respectivos trabalhos.

Acreditamos que o fato dos escritores da *Revista do Clube* haverem se voltado exclusivamente para a literatura não deva ser compreendido como uma postura de alienação em relação ao seu meio político. Parte do silenciamento sobre

as questões desse meio revela, primeiramente, que mesmo passada a revolução, o contexto ainda era de tensões, temores e censura. Também exprime certa desilusão em relação ao regime recém instaurado, defendido tão arduamente por eles na década de 80 do século XIX.

A obra de Sevckenko (1983) também nos auxilia a compreender melhor essa questão, explicando que, inicialmente, a sociedade letrada das principais capitais brasileiras acreditava que a República traria uma nova realidade ao país, com a solução para os males brasileiros. Evidentemente que apenas o novo regime não garantiu a ordem, a paz e a justiça desejadas. A realidade nacional mostrava-se bem mais complexa, permeada por problemas estruturais em diferentes esferas. Assim, o novo regime em vez de servir como a solução aos problemas nacionais, acabou desencadeando um processo dramático de transformação das instituições políticas nacionais. Um exemplo disso, no Paraná, é mencionado pelo jornal *A República*, em que encontramos várias notas segundo as quais se decretava estado de sítio durante as primeiras eleições para governador, marcadas por uma violência explícita, evidenciada nas armas de fogo, jagunços e currais eleitorais. Assim, ao longo do primeiro decênio republicano, “o novo regime esvaziara rapidamente os sonhos que os seus arautos acumularam ao longo de três décadas.” (SEVCENKO, 1983, p. 87). Por essa razão, Murilo de Carvalho (1987, p. 37), afirma que depois de despertar uma grande expectativa inicial, acabou por frustrar muitos intelectuais, levando-os a se concentrarem na literatura, criando para si próprios uma “República das Letras”.

A morte de Floriano Peixoto, em 1895, foi outro episódio emblemático para muitos letrados, levando em conta que viram nesse personagem a força para a consolidação da República no país. Sua morte, logo após a Revolução Federalista, foi o “trágico símbolo do fracasso de uma alternativa política”, como bem explicou Murilo de Carvalho (1987, p. 26), motivando o afastamento de vários entusiastas republicanos da seara política partidária.

Dentro dessa perspectiva, os escritores da *Revista do Clube* voltaram-se à literatura, concebendo-a como a instância que possibilitaria àqueles agentes intervirem socialmente por meio de suas obras. Seria também a instância capaz de afastar a população dos retrocessos que a impediam de avançar rumo ao seu

desenvolvimento moral e social. A literatura passou, então, a figurar como uma via de desenvolvimento nacional, de progresso cultural e intelectual de um povo.

Em um dos artigos de Vellozo datado do ano de 1894, quando as tropas de Gumercindo Saraiva haviam recém deixado Curitiba, tratou-se da situação da literatura paranaense, cuja função social seria a de difundir a cultura de sua sociedade, ainda que esta estivesse devastada. Nas palavras do autor:

A literatura é o mais delicado e preciso termómetro de civilização. Por meio dela se reconstrói toda uma phase morta, toda uma época irremediavelmente perdida. A perversa ambição dos aventureiros e dos agiotas, e a brutal ignorância demolidora dos medíocres podem completar o bárbaro atilismo[...], devastando, destruindo as maravilhas da Architectura, da Eschulptura e da Pintura;

A Litteratura, porem, atravessa as derrocadas, caminha com as gerações humanas, perpetuando o passado, reconstituindo-o – soffra embora o insulto dos ímpios e dos fanáticos. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 9, p. 1).

Nesse artigo, chama-nos a atenção os vocábulos de forte impacto como “reconstrução”, “brutal ignorância demolidora”, “devastação” e outros que nos remetem diretamente ao conflito vivenciado pelos escritores da época. Publicado pela *Revista do Clube*, esse artigo torna-se a expressão do próprio periódico em sua nova fase visivelmente mais literária. Nele, fica explícito o entendimento da literatura como instância que permitiria a reconstrução nacional, bem como o desenvolvimento das artes e da cultura, resgatando-as da destruição ocasionada pela guerra. Escrever tornou-se, então, um ato de civismo.

Por essa razão o afastamento desses escritores das questões referentes especificamente à política partidária da época não indica, em absoluto, seu afastamento da esfera política. Mantiveram uma atitude política, justamente, por tornarem a literatura como porta-voz de seus projetos, passando a defender o desenvolvimento das letras e do âmbito artístico no estado. Também, destacavam em seus discursos, como discutiremos a seguir, a importância do literato, buscando valorizá-lo enquanto guia e mestre da educação de seu povo.

Ao mesmo tempo em que era a via de reconstrução nacional para alguns, também se tornou a via para a expressão das angústias, queixas e do desencantamento daqueles escritores, não só em relação aos anseios republicanos, mas também à condição humana, considerando que a República, tão almejada por eles, levava-os para a experiência extremamente traumática do conflito armado. Por

essa razão, é bastante perceptível o tom pessimista e melancólico das produções da segunda fase da revista, quase desaparecendo por completo os demais temas a respeito da ciência, do progresso e da República. Seus colaboradores, apesar de se manterem credores da ciência e da razão, não podiam deixar de expressar seu desalento em relação à nova época, diante de um quadro de guerras e incertezas, como muito bem expressou o poema de Leôncio Correia:

[...]  
 Os homens... esses vejo, hediondos e ferozes,  
 Irmãos contra os irmãos em luta porfiada;  
 Sob a guarda do olhar dos grandes albatrozes  
 Na conquista da vida, em procura do Nada!  
 Os homens esses vejo a construir cidades  
 Pr'aderruil-as depois, ao clangor do canhão,  
 – Vermes que vão passando através das edades.  
 (REVISTA DO CLUBE, 1897, n. 2, p. 2).

Novamente, aqui se alude à decadência da figura humana frente à experiência do conflito armado (“Os homens... esses vejo, hediondos e ferozes”). Mesmo com todas as inovações científicas advindas do mundo industrializado, a Revolução de 1893-1895 foi o episódio responsável por despertar nos literatos e escritores da *Revista do Clube* uma nova sensibilidade, mais cética em relação ao tempo vivido e à ideia de modernidade. O próprio artigo *Bronzes* de Dario Vellozo expressa essa dúvida em relação ao futuro, constituindo uma das peças-chave para a presente análise, pois que não reflete apenas uma postura individual, mas expressa o posicionamento de todo um grupo de escritores, conforme podemos constatar com as análises de outras passagens.

Nesse artigo, o autor explica que Curitiba sofrera uma intensa transformação desde os anos iniciais da República, e afirma que:

[...] Em seis anos, quase radical foi a transformação dos costumes. A índole bondosa do povo [...] tem sido absorvida pelo egoísmo, pela invasão cosmopolita em levas collossaes, o que estabelece desequilíbrio completo em a vida particular e publica do cidadão, coagindo-o a armar-se [...] para a tremenda e inadiável lucta pela existência (REVISTA DO CLUBE, 1897, n. 10, p. 1).

Aqui é perceptível o sentido negativo que Vellozo confere à modernidade, havendo em sua perspectiva uma dicotomia entre o passado *versus* presente. No passado, as pessoas eram bondosas. Mas, com a transformação radical dos

costumes, as pessoas se tornaram egoístas e, pela primeira vez, a palavra *cosmopolita* surge, nesses discursos, imbuída de seu sentido pejorativo, como algo a ser combatido, que retira o cidadão da vida pública e o impulsiona a viver de maneira egoísta, tendo como único objetivo a luta pela sobrevivência. Poderíamos, até mesmo, depreender que as “levas collossaes” a que o autor alude seja uma referência às ondas imigratórias de europeus que chegavam ao Paraná naquele contexto e que representaram, a seu modo, o projeto de modernidade paranaense pensado pelas elites. A esse assunto iremos nos ater mais demoradamente no próximo tópico. O fato é que a passagem faz uma crítica aos tempos posteriores à Revolução Federalista, episódio que segundo Vellozo:

[...] contribuiu, quiça eficazmente, para o completo aniquilar da Coritiba de outrora. E quando o Artista regressou a esta cidade, – entregue à desolação e ao terror, erma e deserta, extranha necrópole [...] nem vestígios achou da visão que levava; que os vestígios mais íntimos tinham desaparecido com os Lares, transfigurados pela Sombra. Era como um peregrino do Alem que, viesse de região chimerica, a retina impressionada ainda por scenas bizarras e não conhecesse a terra que pizava.

Ruira aprazível e doce Coritiba de há vinte anos! E o Artista se achou em um meio, senão hostil, indiferente, inerte, egoísta, insensível ao Bello, ao Symbolo, à Forma, à Idea (REVISTA DO CLUBE, 1897, n. 10, p. 1).

Assim, segundo o autor, a Revolução teria transformado por completo a percepção de muitos artistas que, após combaterem, retornaram a seus lares e encontraram, segundo o relato, a devastação, as histórias sobre os saques e outros casos de violência contra a população local. Sêga (2005) é um dos historiadores que afirma ter sido a marca registrada da Revolução Federalista a brutalidade extrema.

Passado aquele conflito, os escritores que deixaram suas impressões na *Revista do Clube* viram-se absortos em uma intensa experiência de vazio existencial, elegendo a literatura e, propriamente, o Simbolismo como porta-voz de suas angústias.

É notório, portanto, o impacto desse episódio nas produções do periódico em análise, expresso tanto nas palavras de seu diretor literário, como na natureza das produções da segunda fase. A mudança na linha editorial da revista evidencia uma transformação maior, operada nas obras dos letrados e escritores locais e sua postura em relação ao futuro.

Um leitor mais atento poderá se perguntar a respeito de quais seriam “as reais” intenções de Dario Vellozo em justificar a transformação operada em Curitiba, especialmente em seu meio artístico, a partir de 1894. Teria sido a Revolução de fato impactante para esse processo?

Ainda que todas as fontes analisadas nos levem a comprovação das palavras de Vellozo, cabe a nós especular, também, a intenção do autor em tratar dessa mudança cultural como algo extremamente genuíno da cultura local. O Simbolismo no Paraná foi, sim, uma reação à revolução. Mas, não apenas isso. Deve ser entendido dentro do conjunto de tendências filosóficas e existenciais do espectro do final de século, muitas das quais de origem europeia que exprimiram um desconforto em relação à existência humana no mundo moderno.

Se retomarmos a obra de Eric Hobsbawm, a *Era do Capital*, podemos perceber que essa tendência do pensamento era encontrada em outros centros urbanos da Europa e dos Estados Unidos na virada do século XIX para o XX, época, segundo o autor, de grandes incertezas, quando se esperava que os “trilhos do progresso” levassem a humanidade a um destino triunfante, no entanto, este ainda permanecia incógnito. Metaforicamente o autor complementa:

[...] A paisagem imprevista, enigmática e perturbadora que os viajantes viam pela janela do trem da humanidade, enquanto ela rumava sem hesitações para o futuro, seria realmente a do caminho que levava ao destino indicado em suas passagens? Não teriam tomado o trem errado? Pior: teriam tomado o trem certo que, de algum modo, os estava levando numa direção que eles não queriam nem da qual gostavam? (HOBSBAWM, 2001, p. 358).

Ao tratar do pensamento ocidental que marcou a passagem do século XIX para o XX, Lippi de Oliveira (1990, p. 66) afirma que, nessa época, muitas vertentes da filosofia, da literatura e da história estiveram permeadas por um sentimento de “decadência” se comparado às décadas anteriores. As novas linhas de pensamento desenvolviam-se envoltas em uma atmosfera de pessimismo e fluidez, vinculadas ao questionamento de máximas como *razão*, *verdade* e *história*. Como se rompesse com a ideia do “homem racional”, as correntes de pensamento que predominaram no início do século XX no Ocidente partiram em busca do inconsciente, de um mundo subjetivo, das profundezas ocultas da *psiqué* humana. Esse movimento desdobrou-se em várias tendências filosóficas, científicas, sociais, artísticas e

literárias, como a romântica, a simbolista, a expressionista, a psicologia freudiana, entre outras.

Os preceitos científicos continuavam válidos e defendidos por muitos. Na segunda fase do periódico, não há um questionamento explícito sobre o progresso ou sobre os avanços tecnológicos. Não havia dúvidas de que a humanidade havia avançado enormemente nesse sentido. No entanto, havia antes a dúvida pujante a respeito do futuro naqueles tempos posteriores à Revolução, em que as conquistas republicanas ainda não eram visíveis, em que o restauracionismo e os conflitos armados em diferentes pontos do território nacional mantinham-se como uma ameaça à paz e à segurança nacionais. Questionava-se, antes, a modernidade em sua ambivalência, em seus progressos e retrocessos, tempo que havia sido há tanto almejado e exaltado por aqueles escritores como o sinônimo da evolução humana.

Para os escritores como os da *Revista do Clube*, ainda que o avanço da ciência e da tecnologia estivessem presentes no cotidiano das cidades, não justificavam a guerra e, com ela, o vazio e a devastação por ela ocasionados. A realidade desses escritores era, então, permeada pelo progresso científico e tecnológico, de um lado, e pela guerra, de outro, aspectos paradoxais que tornavam essa realidade “moderna” ambivalente, angustiante e cujo futuro era tão pouco previsível.

Assim, a literatura foi eleita como uma das principais formas de expressão daqueles que vivenciaram essa época de desalento e de falta de perspectivas. Segundo Antônio Cândido, para além da questão da guerra, aqueles que experimentaram a ambivalência do fim do século XIX e início do XX, “assistiram a uma tal liquidação de valores éticos, políticos e estéticos, que não poderiam deixar de exprimir dúvida ante os valores, em geral.” (CÂNDIDO, 1981, p. 33).

Na literatura nacional, esse sentimento inspirou uma nova proposta literária surgida na França, chamada Decadismo ou Decadentismo<sup>43</sup>. De forte apelo irracionalista, caracterizou-se também pelo retorno ao onirismo, aos mitos, à imaginação, ao fantástico, à espiritualidade e individualidade. Recuperou o misticismo e um grande conjunto de símbolos oriundos do ocultismo europeu. Oposta ao Parnasianismo e ao Naturalismo, essa vertente destaca-se como arte de

---

<sup>43</sup> Optamos pela utilização dessa designação da vertente literária acima descrita em razão de ser utilizada pelas próprias fontes, não como um pejorativo, mas como uma forma de categoria, como veremos na passagem de Jean Itiberê ao descrever as escolas literárias de sua época.

“crise” correspondente a uma paradoxal atitude, dúbia e ambivalente, perante a sociedade urbano-industrial e face aos efeitos da moderna racionalidade científica e pragmática. (BOSI, 1984).

No Paraná, o Decadentismo desenvolveu-se intimamente relacionado ao movimento simbolista, como afirma um artigo de João Itiberê publicado pela *Revista do Clube*, em que o autor se propõe a descrever algumas das novas vertentes literárias do período. Em suas palavras,

[...] Tanto os Decadentes, como os Mysticos, os Mallarmistas, os Demoniacos, os Esoteristas, são realmente Symbolistas; alguns, talvez, exagerando as tendências pessoais, numa pujante necessidade de expansão, de irradiação, á Alma Nova, mais opulenta de Ideal, de Infinito e Indizível. (REVISTA DO CLUBE, 1898, n. 7, p. 4).

O Simbolismo que, no Paraná, predominou até meados de 1920, foi eleito por muitos daqueles escritores da revista a estética que melhor expressaria suas incertezas e angústias em relação à época vivida. Por isso, pesa em tal literatura o tom pessimista e místico, constituindo-se em uma forte crítica à época moderna. Conforme Bega (2001, p. 49), essa vertente literária expressa “o mal-estar dos poetas frente às mudanças e transformações resultantes do surto industrializante”.

Entre os escritores que contribuíram para a difusão do Simbolismo no Paraná esteve João Itiberê da Cunha, também conhecido por Jean Itiberê (1870-1953). Era poeta, compositor, jornalista e crítico literário e musical brasileiro bastante próximo ao grupo de escritores da *Revista do Clube*. Depois de retornar de sua viagem à Bélgica, foi responsável por introduzir na literatura paranaense as ideias simbolistas. Trouxe consigo uma bibliografia diversificada, na qual se incluíam a literatura simbolista francesa e a belga, além de obras de renomados autores do ocultismo europeu, como Paladan, Stanilas de Guaita e Papus.

Outro escritor que contribuiu para a efervescência do Simbolismo no Paraná e para a produção da *Revista do Clube* em sua segunda fase foi o escritor Luiz Murat<sup>44</sup> que passou por Curitiba duas vezes por conta da Revolta da Armada e da Revolução Federalista. Como explica Silveira Neto:

---

<sup>44</sup> Luís Murat (L. Morton Barreto M.), nasceu em Itaguaí, no Rio de Janeiro em 1861. Assim como alguns escritores da *Revista do Clube*, também se formou bacharel pelo curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1886. Sua estreia literária deu-se em São Paulo, em 1879, no *Ensaio Literário*, órgão do clube literário Curso Anexo, redigido por ele e outros colegas. Mudou-se para o Rio de Janeiro, abraçando o jornalismo muitas vezes combativo,

Luiz Murat, envolvido no torvelino sombrio da revolução de Custódio de Mello, veio duas vezes aportar ao Paraná: na primeira a invasão revoltosa cantava em nossa terra uma hosana macabra de victoria; então Murat, casualmente se encontrando com Dario, no Club Coritibano teve com este prolongada palestra litteraria.

Na segunda vez, quando o poeta vinha como uma das victimas da derrota revolucionaria, prezo e amargurado, o procurámos anciosos por melhor conhecer o grande interpretador da alma humana, n'este fim de seculo. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 5, p. 2).

Tanto Itiberê como Murat contribuíram para que os escritores da *Revista do Clube* vissem a literatura e, mais particularmente, o Simbolismo como porta-voz dessa nova sensibilidade. Nomes de poetas como Charles Baudelaire e Paul Verlaine, Gustave Flaubert, entre outros, figuram recorrentemente nas páginas do periódico em sua segunda fase, tornando evidente a simpatia daqueles escritores pelas estéticas simbolista e “decadente”, usando a expressão de Jean Itiberê.

Expressa por traços individualistas e relativistas, o Simbolismo procurou romper com a concepção de arte como mera reprodução da realidade, entendendo as palavras como símbolos do mundo espiritual. Carvalho (1997, p. 51) afirma que o Simbolismo caracterizou-se pela “gramática psicológica”, empregando diferentes recursos linguísticos de modo que fosse expresso ao leitor o sentimento desejado. Além de recorrer a diferentes instrumentos linguísticos, essa tendência pressupunha uma metamorfose do discurso literário tendo em vista seu caráter metafórico. Nessa linguagem, a palavra tinha a intenção de deduzir e sugerir por meio de sensações imagéticas (BALAKIAN *apud* Carvalho, 1997, p. 41). Nada deveria ser efetivamente dito pelo poeta, mas sim, imaginado, suposto e adivinhado por quem o lê.

Essa preocupação estética denota a capacidade desses escritores de articular a linguagem de maneira que estivesse adequada aos questionamentos que emergiam em um novo contexto, qual seja, aquele posterior à Revolução. A

---

empenhando-se nas campanhas a favor da abolição da escravatura e da República. Em 1890, foi eleito deputado pelo estado do Rio e atravessou várias legislaturas. Foi secretário-geral do governo fluminense e escrivão vitalício da provedoria da então Capital Federal. Insurgiu-se contra Floriano Peixoto, recebendo ordem de prisão, mas as imunidades parlamentares o salvaram. Foi então para o jornal *O Combate* e atacou violentamente o presidente. Durante a revolta da Marinha, em setembro de 1893, redigia o jornal que publicou o manifesto do Almirante Custódio José de Melo. Esteve com os revoltosos na esquadra, mas deixou-se prender quando sentiu desvirtuado o intuito da revolução. Na Revolução Federalista, passou por Curitiba prisioneiro das tropas de Gumercindo Saraiva. Acabou preso no Teatro São Teodoro nessa mesma cidade, no entanto, quando de seu julgamento, foi absolvido por unanimidade.

expressão artística eleita por esses agentes compreendia um jogo estético, que permitia o lançar das palavras no papel e organizá-las esteticamente, de acordo com o que se desejava provocar no leitor.

Ao assumirem a vertente simbolista como a principal forma de expressão de suas ideias, esses escritores propuseram um reordenamento de sua linguagem tendo em vista às suas necessidades diante de um novo tempo que se lhes anunciava. Tal perspectiva, como buscamos evidenciar, esteve atrelada, entre outros aspectos, ao trauma ocasionado pela Revolução Federalista. Antes desse episódio, como já discutimos, o periódico apresenta, em algumas de suas passagens, uma perspectiva otimista sobre o futuro, ora sustentada pelo entusiasmo em relação à tecnologia e à ciência, ora pela nascente República. As expectativas com o novo regime foram, em parte, frustradas em razão de uma série de acontecimentos que culminaram com a eclosão da Revolução. A partir daí, os discursos presentes na revista analisada atestam para uma nova espécie de experiência vivenciada por seus escritores e, por essa razão, a própria linguagem se transformara, acentuando-se o caráter literário simbolista do periódico.

Esse tipo de transformação já é previsto por Pocock (2003, p. 39) que afirma estar a linguagem diretamente relacionada à situação prática vivenciada pelo escritor, apresentando pressões, restrições e encorajamentos, posturas e novas sensibilidades.

Cabe destacar, no entanto, que não podemos dizer que a Revolução foi suficiente para levar tais escritores a abandonar completamente sua crença na ciência, no progresso e na própria República. Apesar de ter ocasionado um momento de desalento, de angústias e dúvidas, a perspectiva de futuro recupera sua força entre os escritores que colaboraram para a *Revista do Clube*, fato que se evidencia, particularmente, a partir de 1900, quando passam a se engajar em novos projetos para além da instância literária<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Sobre essa questão, ver dissertação de Mestrado (MARACH, 2007) que comprova o engajamento de muitos desses escritores – tais como Dario Vellozo, Ermelino de Leão, Francisco Ribeiro de Azevedo de Macedo e Sebastião Paraná – na esfera educacional, eleita, por sua vez, como a principal via de desenvolvimento nacional.

#### 4.1 O *Cenáculo*: o literato como intelectual na reconstrução nacional

Como expressão do contexto pós-revolucionário, surgiu a revista *O Cenáculo* que tinha relação direta com a *Revista do Clube*, afinal os fundadores do primeiro conheceram-se nos salões e biblioteca do Clube Curitibano. O periódico, que circulou entre 1895 e 1897, tinha como redatores Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Silveira Neto e Antônio Braga, todos partícipes do grupo também chamado *Cenáculo*<sup>46</sup> que se reuniu pela primeira vez em 1893. Cada número da revista apresentava “dezesseis páginas, em forma de livro, contendo uma ilustração em cada número” (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 5, p. 2).

O periódico tinha por objetivo reunir escritores a debater ideias, organizar um ambiente cultural e manter o intercâmbio entre eles. Nasceu da proposta daqueles autores de despertar a sociedade de sua época para a literatura, que ressurgia, como descreveu Vellozo, como uma reação de paz à Revolução:

[...] ao terminar da lucta que alarmara o Paiz, ia entrar o Cenaculo em phase mais brilhante, ia a Litteratura iniciar outro período.

De facto, notou-se para logo a reação trazida pela Paz. Tinhamos todos, porem, a abantesma do pezar profundo a penumbrar-nos a Idea; eramos todos muezzins da Angustia e da Saudade. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 9, p. 1).

Era claro para aqueles escritores que sem o desenvolvimento das artes e das letras, não haveria progresso moral ou social. Por isso, a proposta de *O Cenáculo* era de se tornar expressão daqueles que viam a literatura como esfera fundamental para a reconstrução do país em termos artísticos e culturais. Para o reavivamento da literatura no Paraná, um dos desafios a ser enfrentado pelo grupo de *O Cenáculo* era lutar contra uma sociedade considerada indiferente. No primeiro número, de 1896, o editorial de *O Cenáculo* lança-se o seguinte desafio:

[...] Queremos o auxilio e apoio dos que labutam valorosamente para que o Paraná se não conserve alheio ao movimento scientifico literario do Brazil, para que o Paraná tenha litteratura, para que o Paraná reaja contra a fraticida inercia do indifferentismo sem nervos, concorrendo com robustos

<sup>46</sup> Formado em 1893 por Dario Vellozo, Silveira Neto, Antônio Braga e Júlio Pernetta, o grupo mantinha reuniões periódicas nos salões do Clube Curitibano. Com o passar do tempo, recebeu a adesão de novos integrantes como Rocha Pombo, Leôncio Correia, Domingos Nascimento e Tito Vellozo. Somente após a Revolução iniciou a elaboração de uma revista de mesmo nome.

elementos para a autonomia da Pátria; reagindo contra o derrocar de nossas tradições, contra o cosmopolitismo que nos avassala, que nos corrompe, que nos esmaga e destrói. (O CENÁCULO, 1896, p. 5).

A palavra *cosmopolitismo* surge dotada de seu sentido negativo, como uma tendência dos novos tempos a ser combatida em defesa de uma tradição e identidade do povo brasileiro. *Cosmopolitismo* figurou, nos discursos em análise, ao lado do *indiferentismo sem nervos* da sociedade da época em relação às produções literárias, como uma tendência daquele tempo que se anunciava, sendo *O Cenáculo* o periódico que iria se opor a tais tendências, defendendo e divulgando a literatura local como expressão genuína da cultura nacional em tempos de modernidade.

Os poemas, artigos e notas da *Revista do Clube* também revelavam um explícito ressentimento em relação ao pequeno público que apreciava as obras literárias e para com o lugar que ocupavam seus escritores na sociedade daquele contexto. Essa queixa pode ser observada desde os anos iniciais da República, quando a literatura, desde então, era um negócio de poucos que interessava a poucos, para fazer alusão a uma das expressões de José Veríssimo, escritor e jornalista carioca do período. Em razão, principalmente, do analfabetismo crônico, a ação desses escritores mantinha-se bastante restrita ao círculo formado por uma elite letrada, a qual, nem sempre se mostrava aberta às produções artísticas e literárias.

Essa falta de espaço para circulação e consumo das obras literárias pode ser notado nas últimas décadas do século XIX, quando as camadas letradas da população passaram a buscar, antes de tudo, o entretenimento e o lazer nas produções culturais, tendência considerada *moderna*. Foi dessa maneira que as transformações nas técnicas e nos meios de comunicação – que acompanhavam, a seu modo, as mudanças tecnológicas e o modo de vida nos principais centros urbanos do Ocidente – impactaram fortemente sobre as produções literárias desse período. Como explica Sevcenko (1983, p. 97):

O novo ritmo da vida cotidiana eliminou drasticamente o tempo livre necessário para a contemplação literária. A diminuição do tempo, a concorrência do jornal diário, do livro didático, da revista mundana e dos manuais científicos, de par com as novas formas tecnológicas de lazer, o cinematógrafo, o gramofone e a fotografia, estreitaram ao extremo o papel da literatura.

Tal fato, acreditamos, dificultou o desenvolvimento mais amplo da literatura independente, especialmente em relação ao mercado e ao consumo, em centros menores, como a cidade de Curitiba. São várias as asserções na *Revista do Clube* que apontam para um “indifferentismo por tudo quanto é elocubração do espírito, deste nosso público que dá mais preferencia a uma fatia de *gruyères* e a um copo de cerveja do que às produções intellectuaes da mocidade laboriosa”. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 8, p. 5). Portanto, ao mencionarem sua própria condição naquela sociedade, a palavra *indiferença* tornara-se lugar comum a sociedade na qual estavam inseridos, sociedade “que ainda não póde comprehender os gosos moraes que produzem os labores litterarios.” (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 4, p. 2-3).

Um dos maiores ressentimentos desses escritores dava-se em relação à lógica de mercado e de consumo. Diante da perspectiva de traduzir sua produção em termos desse novo valor preponderante, estranho à sua esfera artística, muitos dos escritores buscaram estabelecer uma carreira paralela, já que viver da literatura era um desafio, e quem escrevia teria, conforme as palavras da época, “essa mania e sem outro lucro a não ser o odio dos pedantes cheios de si. Não há leitores, mas não faltam detractores. A burguezia rotineira condemna-o [o escritor] logo como *estonteado* [...]” (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 17, p. 1).

Outro colaborador anônimo da revista afirma que:

[...] em um paiz novo, como é o nosso, a litteratura só póde ser cultivada por decidida vocação. Ainda não tivemos noticia de que houvesse, entre nós, quem pudesse viver: professando-a. Por isso, as producções se resentem da falta de bons moldes por onde se possão inspirar. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 3, p. 2).

Por essa razão, escritores como os da *Revista do Clube* ocuparam aquilo que Rosane Kaminski (2010) chamou de “espaços híbridos de atuação profissional que surgiram com a expansão da imprensa”. Fizeram-se jornalistas, atuando em diferentes veículos de comunicação e, além disso, a partir de 1900, como já mencionado, houve uma grande concentração deles no magistério, especialmente, nos quadros docentes das principais instituições de ensino público da capital.

Sobre o fato de escrever para o mercado, essa questão nem sempre foi aceita ou bem vista. Não se pode dizer que foi uma postura assumida por todos os escritores que colaboraram com o periódico analisado, podendo-se até afirmar que

se trata de uma condição assumida por uma minoria. Em um dos artigos da revista analisada, o autor anônimo critica aqueles:

[...] auctores que, na maioria das vezes querem ganhar dinheiro vendendo o seu trabalho, preparão a *cousa* á feição do apetite dos que a vão consumir; e auxiliados por *socios*, mandão para os jornaes meia duzia de artigos, de sensação. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 3, p. 2).

Segundo o mesmo autor, entregar-se ao mercado levaria à “animalização da nobre atividade [literária]” e conclui que “é por isso que a jornada é cruel para os que se dedicão aos labores de uma literatura, limpa dessas intenções mercantis; é por isso que temos visto muitas d’essas vocações, em flor, tombarem desanimadas, em caminho”. (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 3, p. 2).

Manifestando-se contra a indiferença pública, os escritores analisados passaram a buscar maior espaço social e reconhecimento, sendo *O Cenáculo* uma expressão desse anseio. Um dos colaboradores considerou o periódico uma reação artística, “uma ousadia literária, é uma nota rubra de protesto contra a indiferença parva d’essa gentalha pesada e insensível á picada da Arte”. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 15, p. 3). A própria bibliografia contemporânea sobre o tema considera a revista “o primeiro esforço de os escritores do Paraná direcionado na busca de uma expressão local e do intercâmbio cultural para que o estado figurasse na república das letras” (BALHANA et al., 1991, p. 62).

Se o primeiro número de *O Cenáculo* data de 1895, é importante novamente destacar que o grupo iniciara sua formação dois anos antes. Um depoimento bastante completo de sua formação e consolidação foi publicado na *Revista do Clube*, entre 1894 e 1895, de autoria de Silveira Neto. Nele, o autor menciona seus primeiros contatos com letrados como Dario Vellozo e os outros escritores. Reunidos, passavam “horas inteiras manuseando livros, discutindo questões de musculos e de intelligencia, estabelecendo planos de trabalho e sonhando”. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 18, p. 2-3). Das primeiras leituras comuns ao grupo, Silveira Neto refere-se a Bilac, Zola, Bourget e Luiz Murat, que, como já dito, era especialmente admirado. Desde o início, esses escritores se reuniram com o objetivo de “collocar na reluzente ponta da espada uma penna de escrever e com ella, durante o symetrico assalto traçar estrophes em niveo de pergaminho”. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 19, p. 2).

O grupo de O Cenáculo se reunia em palestras e conferências literárias cujo:

[...] thema era tirado á sorte, sobre litteratura, sciencias e artes, e o designado para a tribuna levantava-se com a intuição do latente valor d'esse trabalho, tomava uma cadeira, colocava-a em sua frente e falava. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 4, p. 2).

Com a chegada do ano revolucionário de 1893, a *Revista do Clube* foi suspensa. Mantiveram-se apenas as reuniões, palestras e conferências entre os integrantes de *O Cenáculo*. Na época, Dario Vellozo havia recém participado de campanha militar como tenente da infantaria da Guarda Nacional, cujo posto deixara por se achar gravemente enfermo. Após a Revolução, passou a residir no Retiro Saudoso nas proximidades de Rio Negro, “longínqua chácara [...] longe dos rumores importunos da cidade”. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 20, p. 2).

Como já mencionado, as tropas federalistas ocuparam Curitiba de janeiro a maio de 1894. No último mês, retornou à capital Júlio Pernetta acompanhado das tropas militares legalistas que adentraram a cidade em cinco de maio, recebidas com grande festa pela população. (CORREIA, 1942). Pernetta também acabou integrando o grupo de *O Cenáculo* e conferiu às produções dessa agremiação um maior tom de melancolia e misticismo, por trazer, segundo Dario Vellozo, “o esquife de tantas angústias, de tantas mizerias”. (REVISTA DO CLUBE, 1897, n. 9, p. 5).

Assim, o grupo já completo se consolidou e, conforme relata Silveira Neto,

[...] começamos a dar ao nosso gremio, de quatro pessoas, o nome definitivo de *Cenáculo* e, aos poucos, estabelecemos energicas normas de trabalho para que, longe do *bruhaha* político, divorciados do rumor da multidão, podessemos adiantar a perfectibilidade do espirito e do sentimento, accumulando quotidianamente solido capital grandioso de illustração e exemplos. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 4, p. 2).

No trecho, Silveira Neto deixa transparecer a necessidade desses escritores de se distanciarem de questões políticas partidárias em um período posterior à Revolução. Como já destacamos, o episódio contribuiu para que assumissem uma luta provida, antes, de um caráter ideológico, propondo-se a instaurar no Paraná uma tradição literária. Era claro para aqueles escritores que sem o desenvolvimento das artes e das letras, não haveria progresso moral ou social. Por isso, sua proposta de intervenção social era clara: pretendiam se tornar porta-vozes de um novo tempo para o Paraná, que, dentro dessa perspectiva, urgia o desenvolvimento do âmbito

artístico-cultural do estado. Colocaram-se à frente desse projeto, afirmando-se guias que conduziriam a população aos patamares da civilização, aos moldes das nações europeias. Esse aspecto fica bastante evidente em uma passagem de Dario Vellozo em um dos números de 1897, da *Revista do Clube*. O escritor afirma que:

Num fim de século, como este, pavoroso e sinistro, em que a Flor do Ideal pende, fanada sobre um Lethys de indiferentismo, em que as nobres e supernas aspirações da alma humana caem cerceadas [...] urdindo a intriga do desprezo contra os raros que ainda estudam; em que a grande e innumera comunidade dos sensitivos e passionais parece sufocada pelo positivismo pratico dos devotos do deos Milhão; – faz-se urgente a palavra inspirada dos levitas da Arte, procurando elevar acima da vaza das paixões deprimentes a alma obcecada, a alma vencida de toda uma geração extraviada nos labyrinthos da indiferença. E só o conseguiremos arrancando a letargia o coração dos homens com imprecações dilacerantes, para depois apontar-lhes esse amanhan indefinido [...]. (REVISTA DO CLUBE, 1897, n. 9, p. 5).

Nessa passagem, é elucidado o papel social que Dario Vellozo confere ao escritor como o de “acordar” a sociedade de sua “letargia” e de lhe apontar uma direção no “amanhan indefinido” em um momento que todos pareciam estar regidos pelo “deos Milhão”, ou seja, pela lógica do mercado. Também fica bastante explícita a posição que Dario Vellozo delega a si próprio e aos seus pares, como aqueles capazes de apontar um caminho para o futuro nacional.

A concepção de intelectual beletrista como um guia da nação ou, ainda, como alguém superior a sua sociedade encontra-se permeando muitos dos discursos da revista em análise. Em uma das passagens, de 1891, o colaborador Elyseu de Montarroyos, ao defender a produção intelectual de seu período indaga:

[...] Mas também como poderá uma sociedade ignorante e pretenciosa comprehender um espirito superior a toda ella? Como podem a nossa burguezia e os nossos superficiaes comprehender a illustração, a independencia e a abnegação d’esses [...] vultos que se destacam do resto d’essa sociedade atrasada? (REVISTA DO CLUBE, 1891, n. 17, p. 3.).

Júlio Pernetta, em 1894, na mesma linha, afirmara que são loucos “os homens que fazem verso”, porque incompreendidos. Complementa que:

[...] Loucos são todos aquelles que atravessam a vida incompreendidos, porque o mundo é myope para poder exergar a grandeza luminosa dos astros, e muito ignorante para [...] comprehender a magestade sublime de uma estrophe.  
Como eu te admiro, sublime loucura. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 10, p. 1).

Afora a importância conferida à literatura naquele contexto, é preciso considerar também outras motivações que permearam discursos como o da passagem anterior. Em decorrência de certo desinteresse público e, de outro lado, do analfabetismo da sociedade na qual estavam inseridos, esses escritores buscam valorizarem-se, ainda que apenas perante os próprios pares. De modo a romper com a indiferença, e, de maneira a não se sentirem marginalizados socialmente, tratam, a todo o modo, valorizar a literatura, defendendo que a atividade corresponderia a uma missão de beleza, de justiça ou de patriotismo, como veremos em discursos que defendem que à literatura caberia a tarefa de reconstrução nacional.

Antônio Cândido (1981, p. 26), ao analisar o papel dos escritores românticos do período posterior à Independência afirma que estes delegam a si aquilo que o autor chamou de “a missão do vate”. Eis aqui um aspecto que torna os principais escritores da *Revista do Clube* e, também, de *O Cenáculo* bastante próximos da conduta do literato romântico analisada por Cândido. Esse autor explica que “os poetas se sentiram sempre mais numas fases que noutras, portadores de verdades ou sentimentos superiores aos dos outros homens”. E, observa que, o literato “ama e maltrata a multidão”, já que incompreendido por ela. Pociona-se acima das classes e, dessa grandeza surge, nesse agente, como natural consequência, o sentimento de missão, de dever poético em relação aos outros homens.

E de fato, já tivemos a oportunidade de tratar desse sentimento de missão que alguns dos escritores os quais estiveram à frente das publicações da *Revista do Clube* delegaram a si próprios. Um dos colaboradores da revista, Cunha Brito em um de seus artigos de 1890 (mas que só foi publicado em 1894) mencionava que:

Está verificado que foram os cultivadores do bello que realizaram, sem violencia nem perfidia, a grande revolução moral e intellectual de que sahiram victoriosos os principios da civilização moderna.

Os cultivadores do bello são incontestavelmente os iniciados na arte de eternisar a virtude, a illustração e os grandes feitos de heroismo da Humanidade; a elles está confiada a honrosa tarefa de serem os fieis interpretes dos nossos merecimentos e das nossas glorias perante o futuro. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 11, p. 5).

Está clara nessa passagem a ideia de literato ou dos cultivadores do bello enquanto defensor dos valores e princípios morais e éticos de sua sociedade. Ainda, destaca-se o papel desse agente como o daquele que transmite às gerações futuras

os grandes feitos do heroísmo da humanidade, como sendo, então, um perpetuador de memórias do passado.

Não por acaso, esse artigo escrito em 1890 foi publicado logo após o findar da Revolução Federalista, momento em que a literatura passou a ser concebida, para aqueles escritores, como uma via de reconstrução nacional. Dario Vellozo foi um dos maiores entusiastas da literatura de sua época, conforme pudemos depreender de suas passagens, afirmando ser possível, por intermédio dela, o reconstruir de “toda uma phase morta, toda uma época irremediavelmente perdida” (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 9, p. 1). A própria revista *O Cenáculo* surgira como uma reação à época revolucionária, inaugurando um período de paz, segundo as próprias palavras de Vellozo.

Em outra passagem esse escritor vislumbra:

[...] Os factos confirmam a prophesia... a nova era litteraria não tardará muito...

Antes do seculo XX subirão as lettras mais uma transformação progressiva, que imprimirá á litteratura nacional um outro cunho, – sadio ou dolente, – porem menos ataviado e mais humano...

É preciso que o Paraná se lhe não conserve alheio e silencioso.

[...]

Só pelo sabio desenvolvimento das faculdades do intellecto pode o homem chegar á nitida comprehensão de seos destinos na sociedade. E para o desenvolvimento dessas faculdades muito contribue a litteratura [...]. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 11, p. 5).

Por essa razão, é fundamental entender as produções da *Revista do Clube* e de *O Cenáculo*, além de outras que surgiram na sequencia, como a revista *O Fanal*, como expressão de uma literatura que carrega, tacitamente, a ideia do reconstruir a cultura de uma época e da necessidade de reconhecimento social desses literatos, ainda que a mesma mensagem não se faça explícita ao leitor contemporâneo. Os poemas simbolistas são verdadeiros jogos de significados, bastante complexos e difusos, que tratam de subjetividades e narrativas cujas mensagens podem, por vezes, dissimular seu sentido principal. No entanto, de maneira geral, expressam a grande melancolia de seus escritores diante de um futuro incerto, escritores que se sentiam imbuídos de uma bela e rara missão civilizadora, a de reconstruir a identidade cultural de seu país por intermédio da expressão de sua subjetividade pela via literária.

Ainda que a literatura, subjetiva, melancólica e simbolista, apresentasse, em seu cerne, uma crítica bastante aguda sobre modernidade, tais aspectos não a destituíam de seu apelo nacionalista e patriótico, principalmente, porque escrever tornou-se um ato de civismo. Partia-se do pressuposto de que era preciso desenvolver a literatura para viabilizar o desenvolvimento moral do povo brasileiro. Era necessário, ainda, valorizar o literato pois ele seria o agente responsável por guiar a população nesse processo de desenvolvimento intelectual e cultural.

Em razão da discussão acima, entendemos os escritores e colaboradores da *Revista do Clube* e de *O Cenáculo* como atores linguísticos, noção apresentada por John Pocock (2003), que se encontra presente na escrita desse trabalho. O ator linguístico é aquele que articula a linguagem de sua época, visando à expressão de determinadas ideias e valores. É um mediador da cultura de sua época que assume de maneira engajada posicionamentos referente à vida em sociedade, sendo, também, ator, testemunha e consciência. Além de tais agentes serem atores linguísticos, sua conduta os aproxima da noção de intelectual discutida por Jean François-Sirinelli (2003, p. 242). Para ele, existem duas concepções de intelectual: “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores culturais’, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”. Se para nós, está bastante claro que os escritores dos dois periódicos analisados podem ser concebidos como mediadores culturais – uma vez que a própria noção de ator linguístico nos favorece essa percepção, como pudemos depreender ao longo das análises – a concepção de intelectual engajado a que se refere Sirinelli também nos possibilita esclarecer alguns aspectos da conduta desses escritores, no âmbito de seus posicionamentos e da intervenção social enquanto literatos. Para Sirinelli, o intelectual engaja-se na vida social assinando manifestos, publicando artigos em jornais e revistas, quando não é o próprio responsável pela circulação dos mesmos, e, desse modo, intervém na esfera social. Como vimos em passagens anteriores, esses escritores reivindicam para si um papel de relativa superioridade em relação à população, entendendo-a como um corpo social que necessita de tutela moral e intelectual. Reivindicam o poder de opinar sobre questões que julgam ser de grande relevância para seu contexto sócio-histórico e, também, reivindicam que sejam ouvidos.

A respeito da defesa da literatura como um meio de desenvolvimento social e cultural do povo brasileiro, esta expressa o anseio desses escritores de se legitimarem enquanto intelectuais, assegurando para si um dado papel social que lhes conferia notoriedade pública e os salvaguardava dos oponentes, indiferentes ou detratores. À medida que reivindicavam sua posição enquanto intelectuais e escritores, consolidavam sua identidade perante a sociedade e, cada vez mais, sentiam-se impelidos a engajar-se em diferentes causas do contexto do final do século XIX no Paraná como o republicanismo, o desenvolvimento artístico-literário do estado e o anticlericalismo.

Outro caso que exemplifica essa questão é o posicionamento assumido pela *Revista do Clube* e por seus colaboradores a respeito do Caso Dreyfus (*Affaire Dreyfus*) ocorrido na França. O episódio constituiu-se na acusação do oficial francês Alfred Dreyfus pelo governo da França como sendo responsável por uma ação de espionagem em colaboração com o Reich Alemão. Em um momento de uma forte onda antissemita na França, Dreyfus foi o “traidor ideal” por ser, ao mesmo tempo, judeu e alsaciano (região francesa ocupada pela Alemanha em 1871). Em defesa do oficial acusado, o escritor francês Emile Zola requereu a revisão do processo, revisão que, importaria no descrédito das altas patentes do exército francês. O escritor, na ocasião, também publicou o *Manifesto dos Intelectuais*, convocando todos aqueles que se viam inseridos nessa categoria a lutarem não apenas pela justiça daquele caso, mas também, pelos valores morais e políticos tomados como causas universais, como a justiça, a verdade e a liberdade.

De acordo com Michel Winock (1997), é justamente durante o Caso Dreyfus que o termo intelectual é inaugurado em seu sentido contemporâneo. Embora cada sociedade, em diferentes épocas e regiões, pudesse contar com seu grupo de “artistas”, “literatos”, “poetas”, “beletristas”, entre outros nomes, foi somente durante a época contemporânea que se deu o surgimento da alcunha intelectual para designar um grupo específico. Esse fato, que culminou com a elaboração do *Manifesto dos Intelectuais*, em 1898, fora resultante de um processo mais antigo referente ao desenvolvimento das forças produtivas, da formação da sociedade civil, da organização do aparelho administrativo burocrático estatal e da difusão do ensino público, primeiramente na Europa, e depois nas demais regiões do Ocidente. (NEUNDORF, 2009). Assim, a aplicação do termo, no contexto do Caso Dreyfus,

indica o momento em que tais agentes participam mais intensamente da cena pública, como integrantes de um grupo cuja identidade se forma atrelada à sua participação social, ao seu poder de intervenção na esfera pública e à responsabilidade que tais intelectuais delegaram a si mesmos de servir à sociedade de sua época como porta-vozes de ideias e discursos. (VIEIRA, 2001).

No Paraná, esse processo torna-se bastante evidente com a luta assumida pelos escritores locais em busca de legitimação. À época do caso francês, os colaboradores da *Revista do Clube* prestaram homenagens a Émile Zola, além de realizarem uma sessão, presidida por Emiliano Pernetta, em 20 de março de 1898 no salão principal do Clube Curitibano, em solidariedade ao escritor francês. Na Ata dessa sessão, ficou:

[...] resolvido que uma comissão de poetas e jornalistas se dirija por carta a Emilio Zola, aplaudindo a sua dignificadora attitude em o processo Dreyfus.

Assim fica definida a attitude da mocidade intellectual paranaense [...]. (ATA DA SESSÃO DO CLUBE DE 20/03/1898, REVISTA DO CLUBE, 1898, n. 4, p. 1).

A solidariedade prestada à Zola demonstra, primeiramente, o tamanho interesse por parte daqueles escritores pelas questões políticas europeias, os quais buscavam, a todo tempo, estar em sintonia com o que ocorria além-mar. Além disso, evidencia, também, a busca dos já mencionados agentes por legitimidade enquanto intelectuais e a necessidade de serem reconhecidos enquanto tais. Ser intelectual passou a representar, portanto, um modo de conduta perante a sociedade na assumidamente em defesa do ideário humanista e dos valores éticos.

Tais escritores, ao tecerem suas considerações a respeito do Caso Dreyfus, lamentavam a onda antissemita que surgira na França; igualmente, lamentavam o fato de haver uma aliança entre a França e a Rússia, conforme o editorial de março de 1898, em que se afirma que “a França de hoje, a França depois da guerra de 70, a França que vive de braços dados com a Tzar de todas as Russias, não se dá mais ao luxo de ter ideias, não sonha mais”. (REVISTA DO CLUBE, 1898, n. 3, p. 1).

Mais uma vez o absolutismo surge como o grande vilão, como um grande entrave para o desenvolvimento da ideia e, ainda, como um retrocesso na história da França, país que, em razão da Revolução de 1789, servira de modelo para os inflamados discursos republicanos no Paraná.

A postura do intelectual francês que, em um sentido figurado, deixou seu gabinete e sua pena para assumir um posicionamento combativo e de intervenção direta em sua sociedade serviu de inspiração para muitos dos escritores da *Revista do Clube*, especialmente entre aqueles que combateram o clericalismo no estado por meio da imprensa, bem como o imigrantismo, pugnando em favor dos indígenas no Paraná, como veremos a seguir.

#### **4.2 Indianismo e imigração**

Como já discutido, a Revolução de 1893 foi concebida pelos principais escritores da *Revista do Clube* como a responsável por transformar radicalmente a vida da capital paranaense, alterando, com isso, a percepção desses agentes em relação ao tempo vivenciado. A *modernidade* passara então a ser concebida com certo desconforto e desconfiança, sensibilidade que se encontra traduzida na vertente estética-literária simbolista. Podemos entender que esse aspecto como uma crítica tácita daqueles escritores com relação ao tempo vivido, expressando um desconforto com relação às ambivalências, paradoxos e incertezas que surgiam na passagem do século XIX para o XX. No entanto, além da estética simbolista, a crítica a modernidade também se fez valer em um interessante discurso que figurou, primeiramente, nas páginas da *Revista do Clube* e atingiu seu clímax no periódico de *O Cenáculo*, no ano de 1896.

O discurso inicia-se como uma crítica velada à política imigratória do governo do Estado, iniciada quando o Paraná era uma província imperial. De acordo com Edgar Lamb (1999), nessa época, a recém-emancipada Província manteve como um de seus principais empreendimentos o incentivo à imigração de trabalhadores europeus, definido com vistas a criar uma agricultura de abastecimento, em resposta à escassez e à carestia de produtos agrícolas. Como resultado dessa política imigrantista, entre 1850 e 1918, o Paraná recebeu vários contingentes de procedência bastante variável – sobretudo europeia – os quais foram favorecidos por inúmeros decretos governamentais que lhes concediam terras de modo a auxiliar esse contingente estrangeiro em seu estabelecimento nas terras paranaenses. Além de prever o suprimento de gêneros alimentícios, o projeto imigrantista também objetivava a ocupação territorial de forma a garantir o território

político paranaense, constantemente ameaçado por disputas fronteiriças. De maneira a embasar esse projeto, foram preconizadas ideias entusiastas no que se refere às populações imigrantes, especialmente, às europeias. Era apregoado o projeto de colonização das terras do Paraná com vistas a facilitar a introdução do imigrante livre, branco e trabalhador de modo a atingir um ideal de “progresso”. Em tese, “o contato com o imigrante europeu deveria servir à eliminação das máculas da sociedade brasileira e levar o elemento nacional a produzir.” (NADALIN, 2001, p. 74). Para esse autor, era bastante claro que o projeto imigrantista a que estamos nos referindo fazia parte de uma concepção de modernidade, traduzida nos planos das elites em implantar no país novas relações sociais de produção, substituindo a ordem escravista colonial por um regime de produção fundado no trabalho livre. Acompanhando esse projeto estava o anseio de se promover um branqueamento racial, fundamentado no darwinismo social, “buscando a integração na civilidade e no progresso ocidental pela via racial”. (NADALIN, 2001, p. 75).

No entanto, os resultados dessa política imigrantista estiveram aquém do esperado em razão, sobretudo, da dificuldade de adaptação de alguns grupos à vida local e, também, por não gerar um retorno suficiente dos investimentos iniciais. (NADALIN, 2001, p. 84). Desse modo, nos últimos anos do século XIX, houve um arrefecimento do entusiasmo das elites pela imigração estrangeira europeia e essa diminuiu substantivamente.

Em alguns momentos, a imigração, em vez de se constituir em uma solução ao desenvolvimento nacional como se esperou, representou um problema social por desencadear conflitos em Curitiba e regiões vizinhas. O estudo de Robert Lamb (1999) analisa algumas dessas situações de conflito envolvendo imigrantes e afirma que, conforme discursos da época, alguns grupos de estrangeiros eram vistos como “propensos a envolver-se em manifestações perigosas à ordem pública, e, conseqüentemente, representavam a partir daquelas circunstâncias, também uma ameaça ao processo civilizador”. (LAMB, 1999, p. 36).

Assim, ao mesmo tempo em que havia a ideia do imigrante laborioso, também figurou entre os discursos da época a representação do imigrante como indolente e agitador, o que despertou a atenção de alguns letrados locais para o assunto. Essa visão negativa do imigrante passou a figurar, de maneira implícita, nas páginas da *Revista do Clube*, ainda em sua primeira fase. Em 1892, o temor de

que ondas de imigrantes pudessem invadir o território nacional surge em um discurso de Dario Vellozo proferido nos salões do Clube Curitibano. Na época, prenunciou a invasão do Brasil pelos:

[...] povos da Europa [...] dilacerados pela necessidade e oprimidos pelo descer das geleiras do Pólo septentrional, sem abrigo, sem tecto, feridos pelo excesso de população, abandonarão a terra mãe, indo estabelecerem-se em alguma parte do mundo, onde encontrem mais frágil resistência [...] (REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 6, p. 4).

Tais povos, conforme complementa Vellozo, teriam como destino “as duas Américas” que “sofferão heroicas o invadir de seos territórios, assistindo o levantar de extranhas tendas e o edificar de extranhos edificios!...” (REVISTA DO CLUBE, 1892, n. 6, p. 4).

A passagem nos remete a um aspecto bastante característico do pensamento da época, ou seja, o temor de que o Brasil sofresse a invasão de potências expansionistas, perdendo sua autonomia ou parte de seu território para imigrantes, temor que, conforme afirma Sevcenko (1983, p. 84) era, no contexto em questão, “extremamente difundido e sensível a todo o tipo de escritor”.

O discurso de Vellozo encontra seu fundamento nas leituras que o escritor realizou da obra de Max Nordau<sup>47</sup>, autor conhecido no Brasil por literatos de renome como Raul Pompeia e Fernando Pessoa. Talvez por essa razão, isto é, por circular em diferentes meios literários, a obra de Nordau tenha chegado às mãos de Vellozo.

A ideia de decadência encontra-se presente em toda a obra de Max Nordau. O volume de sua obra aludido por Vellozo intitula-se *Paradoxes* (1896), em que se apresenta um olhar extremamente crítico sobre temas como o pessimismo, a literatura, a estética, a noção de verdade, e a questão força do Estado de aniquilamento do caráter individual, entre outros temas. (CASTRO, 2005). O capítulo específico a que Vellozo faz referência intitula-se “Um golpe de vista para o futuro”.

---

<sup>47</sup> Simon Maximilian Südfeld, conhecido pelo pseudônimo de Max Nordau, nasceu em Peste, Hungria, em 29 de julho de 1849. Filho de um rabino ortodoxo, Nordau assimilou a cultura alemã e passou a maior parte de sua vida em Paris. Como escritor, crítico social e filósofo, Max Nordau foi traduzido para cerca de 20 línguas já no ano de 1898 e, como jornalista, foi correspondente dos principais jornais do Ocidente. Trabalhou, ainda, como médico, físico e foi co-fundador da organização sionista mundial. Seu nome é citado e lembrado pela significativa participação na fundação do movimento sionista. Dentre suas principais obras podemos citar *Paradoxos* (1896), *Degeneração* (1895) e *As mentiras convencionais de nossa civilização* (1883). Max Nordau morreu após longo adoecimento em Paris, no dia 23 de janeiro de 1923, e foi novamente sepultado em Tel Aviv no ano de 1926. (CASTRO, 2005).

Nele, Nordau arrisca delinear o caminho da civilização no decurso dos tempos, sugerindo que após exagerado crescimento da população – retomando autores como Malthus – os povos da Europa dominariam o restante do mundo e migrariam em ondas rumo a regiões onde encontrassem:

[...] menor resistência. A menor resistência será oferecida por parte das raças de cor, que estão destinadas a serem repelidas e depois exterminadas pelos filhos da raça branca... O emigrante europeu procurará em primeiro lugar países cujo clima apresente as menores diferenças possíveis com o do seu país natal [...]. (NORDAU, 1896, *apud* VELLOZO, O CENÁCULO, 1896, p. 146).

O apelo racista é bastante explícito nesse trecho, que afirma serem as “raças de cor” mais suscetíveis às ondas estrangeiras por serem entendidas como inferiores. Nessa categoria, segundo o discurso, encontram-se os brasileiros, formados pela miscigenação de europeus, negros, mulatos, mestiços e indígenas. Conforme conclui Vellozo, essas ondas estrangeiras representavam, portanto, um perigo à “raça nacional” que, em tese, ainda não estava totalmente formada, já que o povo brasileiro “cujos caracteres ethnicos ainda não apresentam o tom definitivo [...] soffrem actualmente degenerescência relativa, com novos elementos que [contra] elles estão concorrendo, nos Estados do Sul”. (O CENÁCULO, Curitiba, 1896, p. 146).

Assim, aquele discurso proferido em 1892 no salão principal do Clube Curitibano era apenas o início de uma causa que, com o passar do tempo, ganhou novos adeptos entre os literatos locais. Esse discurso anti-imigrantista, que encontrava na obra de Max Nordau seu fundamento, via os imigrantes como uma ameaça ao desenvolvimento do Brasil, os mesmos que representaram o projeto das elites de outrora em modernizar e moralizar a antiga província do Paraná. O que se tem nas páginas, primeiramente, da *Revista do Clube*, e, depois, em *O Cenáculo*, é uma crítica bastante explícita àquela modernidade imigrantista e cosmopolita, em defesa do elemento nacional.

O discurso sobre a raça nacional e a etnicidade também encontrou suas bases no pensamento e obra de Silvio Romero, cujo primeiro ensaio sobre a formação étnica do Brasil data de 1870<sup>48</sup>. Afirmara Dario Vellozo:

<sup>48</sup> Publicado em obra posterior do mesmo autor, intitulada *Etnologia selvagem: estudo sobre a memória, região e raças selvagens do Brasil* do Dr. Couto de Magalhães (ROMERO, 1875).

Penso com Sylvio Romero [...] o grande patriota republicano: 'O Brazil possui uma certa unidade ethnica que lhe tem garantido a existência até hoje. Mas esta unidade não deve ser perturbada com a ingestão systematica de elementos estrangeiros em privilegiada zona do paiz [...]'. Depois dos assumptos políticos se seguem os sociaes e entre estes avulta o da imigração e colonização estrangeira, que a nosso ver, é mais um temeroso problema social do que econômico. (O CENÁCULO, 1896, p. 2).

Sylvio Romero foi um dos primeiros a se debruçar sobre a formação étnica brasileira no período anterior à Independência nacional. (RABELLO, 1967). Além da constituição do povo brasileiro, a imigração era outro tema que frequentemente figurava em suas obras, na maioria das vezes, como motivo de preocupação. Em uma época em que os governos estrangeiros promoviam a imigração maciça de seus elementos, Romero se opunha ao critério de “povoar por povoar”. Temia que, com a influência imigrante, perdêssemos nossas origens, deixássemos de ser nós mesmos, apagando nosso passado e “escurecendo os altos predicados de nossa raça” (ROMERO, 1904, *apud* RABELLO, 1967, p. 179).

Durante quase quarenta anos, Romero acompanhou o desenvolvimento das colônias alemãs do sul do país, criticando veementemente a política até então seguida quanto à distribuição dos imigrantes precedentes da Alemanha. Para esse autor, o problema de tais colônias residia no fato de se manterem entregues a si mesmas. Previa que, em um futuro próximo, tais colônias acabariam por se emancipar, já que viviam sem contato com as populações nativas, usavam a língua de origem e continuavam com suas tradições europeias. “Elas não se sentiam ligadas por nenhum sentimento de simpatia ou interesse de qualquer ordem com a vida brasileira.” (RABELLO, 1967, p. 181).

É bastante próximo o discurso de Vellozo que com tempo conquistou mais adeptos ideias de Sylvio Romero. Ainda, sobre o tema da colonização em *O Cenáculo*, Dario Vellozo defende a ideia de que deveria haver uma “colonização integral”, ou seja, aquela que destinava as levas de imigrantes a diferentes pontos do território brasileiro para que se miscigenassem com as populações nacionais, de modo que não ficassem isolados e localizados apenas na região sul do país. (O CENÁCULO, 1896, p. 5).

E conclui que:

[...] é necessário não alienarmos os direitos e a felicidade de nosso povo, na lizongeira e fallaz esperança de conquistarmos para o Brazil, em breve espaço de tempo, progressos fictícios que redundarão mais tarde no completo aniquilamento de nossa vitalidade ethnica. O *Cenáculo* está convencido, pelo estudo annalytico e comparativo dos factos históricos, de que é urgente e imprescindível aproveitar o elemento indígena em nossa civilização. (O CENÁCULO, 1896, p. 5).

Assim, o autor chama a atenção das autoridades para a possibilidade de a imigração não condizer ao que se esperava dela revelando-se uma “lizongeira e fallaz esperança”, implicando, portanto, num progresso fictício que levaria ao aniquilamento da “vitalidade ethnica” do povo brasileiro, temor que, como já discutimos anteriormente, também fora manifestado por Silvio Romero ao tratar das colônias eslavas do sul.

Se a unidade e integridade étnica do povo brasileiro encontravam-se ameaçadas com as ondas de imigrantes, a figura dos indígenas que habitavam o território nacional passa a ser defendida como representante do processo oposto, constituindo-se na peça-chave para a regeneração étnica nacional. É desse modo que o discurso a respeito da defesa da “causa aborígene” surge, primeiramente, na *Revista do Clube* e, posteriormente, em *O Cenáculo*, concebendo o elemento “autóctone” como a representação da brasilidade e da nacionalidade em oposição ao cosmopolitismo do imigrante. Por essa razão, é possível afirmar que o tema do indianismo que surgiu nas páginas dos periódicos analisados, no período posterior à Revolução Federalista, foi uma reação à política imigrantista fundamentada em um projeto de modernização do estado.

Para além do plano ideológico, a questão indígena encontrava suas motivações em um conflito ocorrido na região de Rio Negro, envolvendo imigrantes alemães da colônia Lucena e indígenas da etnia Xokleng pela disputa daquelas terras. (PINTO, 2007).

Os Xokleng também conhecidos como bugres, botocudos ou kaigangs habitavam, nessa época, três regiões distintas do sul do país: o centro do território catarinense, na altura do médio e alto vale do Itajaí; as cabeceiras do Rio Negro; e o terceiro localizava-se entre o sul de Santa Catarina e Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Integravam o grupo linguístico Jê ou Tapuia. Viviam da caça, da pesca e da coleta de víveres como raízes silvestres e pinhão. O território que ocupavam não era

bem definido, de modo que suas rotas alteravam-se de acordo com a procura por alimentos. (PINTO, 2007).

Em razão da política imigrantista, o grupo Xokleng, que ocupava a região de Rio Negro, entrou em contato direto com os imigrantes alemães que ali chegaram e que passaram a disputar aquele território com os indígenas, ocasionando mortes de ambos os lados, “tragédias sanguinolentas que já temos assistido”. (O CENÁCULO, 1896, p. 164). Assim, durante anos, os colonos apoiados por agentes do governo estadual procuraram erradicar o elemento indígena daquelas terras.

De acordo com as pesquisas, foi possível deduzir que o primeiro a chamar a atenção pública da elite letrada curitibana para o conflito entre imigrantes e indígenas no Rio Negro foi Dario Vellozo, proprietário da chácara Retiro Saudoso, localizada naquela região. Dario Vellozo estabelecera sua propriedade ali logo após a Revolução Federalista, em 1895. Teria sido esse escritor que, por meio de seus discursos na imprensa e no próprio púlpito, arregimentara parte de seus colegas – tanto da *Revista do Clube* como de *O Cenáculo* – a pugnar pela causa indígena, conferindo a essa luta um sentido mais amplo, a saber: o de questionamento da política imigrantista e da própria modernidade cosmopolita que se apresentava.

Assim, o embate travado por esse grupo de escritores em favor dos indígenas deu-se no plano ideológico, opondo-se às ações que objetivavam repelir o indígena da região, pois, conforme argumentavam, era o elemento autóctone o verdadeiro “dono” daquelas terras, o que fazia dos imigrantes os invasores que ameaçavam a integridade nacional, tanto do ponto de vista étnico como geográfico. Os escritores consideravam legítima a defesa dos indígenas por seu território, conduta que pensavam ser resultante do “amor instintivo do solo, eis o que sempre levou o selvagem brasileiro ao campo da lucta, onde se batia com extraordinario heroísmo.” (O CENÁCULO, maio 1896, p. 135).

O discurso daqueles escritores contra o cosmopolitismo representado pela figura do imigrante tornava-se explícito em passagens de defesa do elemento autóctone:

[...] nosso pobre Selvagem, violentado e zurzido pelos coripheus do cosmopolitismo que se não dignam, entretanto, lançar os olhos para as nossas florestas e procurar trazer para a civilização os preciosos destroços de altiva e sobranceira raça, dizimada cruelmente em pelejares heroicos, na defesa instintiva do solo que lhes foi berço e conserva os sagrados manes de suas gerações extinctas. (O CENÁCULO, 1896, p. 2).

Os “corifeus do cosmopolitismo” eram, justamente, aqueles que defendiam a imigração como condição para o desenvolvimento moral, racial e econômico do estado. A passagem também nos remete a uma visão profundamente romântica do indígena, que enfatiza seu aspecto heroico. São várias as passagens em que se aludia não apenas ao passado místico e lendário das diferentes etnias indígenas que habitavam o território nacional – antes e depois da chegada do europeu – mas entendiam que esse passado representava a verdadeira história nacional. O indígena era concebido como portador de uma tradição que não dizia respeito apenas à sua cultura, mas à cultura e à história da nação brasileira. Assim, além de assegurar a integridade étnica, o indígena era considerado importante para aquele contexto uma vez que era concebido como guardião das tradições ancestrais dos primeiros habitantes das terras que constituiriam o Brasil.

Essa orientação de enaltecimento do elemento indígena possui suas primeiras expressões nas obras literárias de acentuado tom nativista, datadas no período posterior à Independência do Brasil, quando se voltaram os olhos para as populações selvagens de forma a se recuperar o que havia de genuíno na cultura nacional. São desse contexto a obra de Gonçalves Dias em *O Brasil e a Oceania* (1867) e de Domingos de Magalhães em *Os Indígenas do Brasil perante a história* (1860), as quais chegam a elaborar uma visão de angelização do indígena por um processo, ao mesmo tempo, literário e político. (RABELLO, 1967). Era também o tempo da concepção da “bondade natural” do selvagem e dos excessos nacionalistas do romantismo – uma espécie de desabafo contra a antiga metrópole.

Nos discursos da *Revista do Clube* e, posteriormente, de *O Cenáculo* encontramos uma visão bastante próxima à romântica nativista. O indígena era concebido como um herói, expressão máxima da liberdade e, conforme preconizou Júlio Pernetta:

Por mais que alguns escriptores queiram fazer do sympathico e denodado Indio, um animal selvagem, elle se nos apresenta, atravez das paginas da Historia, como um protesto sublime em prol da liberdade, da autonomia das suas florestas. (O CENÁCULO, 1896, p. 135).

Se a imigração corresponderia à ideia de ameaça à unidade étnica do povo brasileiro e à sua dominação, o indígena passou a se constituir, para aqueles

escritores, no elemento de resistência a essa tendência *modernizante* e cosmopolita e, por essa razão, foi enaltecido como aquele que seria responsável pelo progresso nacional, garantindo a autonomia e integridade ao povo brasileiro. Dentro dessa perspectiva, Dario Vellozo afirmara categoricamente ser o indígena:

[...] incontestavelmente, necessário elemento á compleição do typo nacional, – fator preciosíssimo [...] representando corrente oposta a que nos avassala, enérgico elemento de reação contra o desmembrar de nossa autonomia [...]. (O CENÁCULO, 1896, p. 146).

Nessa passagem fica bastante clara a dicotomia estabelecida entre o indígena, “o enérgico elemento de reação contra o desmembrar de nossa autonomia” e o imigrante, “aquilo que nos avassala”. Assim como Dario Vellozo, Silveira Neto e Júlio Pernetta, além de outros, buscaram caracterizar o indígena como a representação da coragem, da honra, do instinto, da vitalidade e, sobretudo, da força. Silveira Neto afirmara em 1896 que o indígena se constituiria no reforço moral e material do caráter brasileiro. Em outras passagens depreende-se, até mesmo, que ao indígena seria delegado o papel de salvaguardar militarmente o território nacional já que, segundo Vellozo, o

elemento autochtone [...], tendo em alto grão a noção instinctiva de liberdade, de independência, [estaria] prompto sempre a defender o grande lar commum, – a Patria, – sem a qual não há liberdade, não há independência [...]. (O CENÁCULO, 1896, p. 146).

Passagens como essa nos remete ao contexto do auge do imperialismo europeu, quando Estados-Nação desenvolviam-se e se definiam por oposição uns aos outros. No Brasil, havia um temor entre os círculos que se mantinham a par das notícias advindas da Europa de que o país viesse a sofrer uma invasão das potências expansionistas, perdendo sua autonomia ou parte de seu território. Espantados com o ritmo com que tais potências ocupavam e partilhavam diferentes regiões e continentes, com as levas de imigrantes que chegavam ao Brasil, e com algumas áreas de baixíssima ocupação demográfica que assumiam a feição de terra de ninguém – disponível a qualquer conquista – tais escritores assumiam uma postura de alarme e defesa. Por essa razão, o indígena foi eleito, nos discursos em análise, como um elemento fundamental para o futuro do país. Primeiramente, por ser dotado, em tese, de um comportamento instintivo de defesa do seu território.

Além disso, era considerado forte, como aquele que resistia “vitoriosamente às influencias estiolantes do clima [...]” (O CENÁCULO, 1896, p. 146).

Por ser de reconhecida importância, passou-se a defender a ideia de “trazer o indígena para a civilização”, educando-o aos moldes de uma “educação civil”. (O CENÁCULO, 1896, p. 134). O grupo de *O Cenáculo* publicou uma série de artigos no ano 1896 em que se sustentava a importância de “aproveitar o selvagem”, ou de “trazê-lo para a civilização”, para utilizar as expressões da época. (O CENÁCULO, 1896, p. 5). Nesse sentido, a palavra “aproveitar” surge no sentido de “se utilizar” aquele contingente que permanecia à margem da “civilização” em benefício da pátria, tornando-o útil como agente cultural ou, ainda, como força militar contra uma suposta ameaça imigrante. O desafio era aproximá-lo da sociedade, por isso havia discursos que buscaram incitar práticas que promovessem o acultramento do elemento indígena. No entanto, as elucubrações a esse respeito não mencionam, de forma detalhada, de que modo isso se procederia, mas há certo consenso entre os escritores de *O Cenáculo* de que a educação viabilizaria tal processo. Por ser extremamente utópica, a ideia de integrar o indígena à civilização perde sua força já no final de 1896 e a “causa aborígene” acaba desaparecendo tanto das páginas de *O Cenáculo* como da *Revista do Clube*, com o final do século XIX.

Cabe a nós, sobretudo, analisar o significado desses discursos para além do que literalmente pretenderam dizer como uma reação à modernidade que se apresentava cosmopolita, imperialista e bélica. Com a imigração, acreditava-se que a unidade e integridade étnica do povo brasileiro encontrava-se ameaçada, levando o país a um cosmopolitismo e à perda de sua identidade, suas raízes e tradições. Nesse contexto, o indígena passa a se constituir na representação da brasilidade e torna-se o representante do processo oposto à *modernidade cosmopolita*, constituindo-se peça-chave para a regeneração étnica nacional.

Além do fato de garantir a unidade étnica do povo brasileiro e, além de salvaguardar as tradições e história nacionais, o terceiro aspecto que tornava o indígena relevante para aquele contexto era o fato dele representar a força que garantiria a proteção do solo pátrio contra as “invasões” de imigrantes ou que, supostamente, poderiam ser promovidas pelos exércitos imperialistas europeus.

### 4.3 Anticlericalismo e religiosidade

Além da questão imigrantista e a defesa dos indígenas no território paranaense, outra questão importante para os integrantes de *O Cenáculo* foi a luta anticlerical, movimento liderado por Dario Vellozo, Júlio Pernetta, entre outros, e considerado por Carlos Balhana um dos mais importante do país depois de São Paulo. O movimento anticlerical teve suas origens na França, em 1850, e se definiu por combater a expansão do poder dos papas e se opor às chamadas doutrinas ultramontanas de subordinação à autoridade eclesiástica. (BALHANA, 1990, p. 3).

O anticlericalismo chegou à capital paranaense por meio das ideias republicanas e positivistas, como expressão do livre-pensamento tanto em termos artísticos, estéticos, políticos e, sobretudo religiosos. Suas ideias ganharam maiores proporções com a instauração da República, quando a religião começou a se tornar um aspecto privado da vida do cidadão, processo arduamente defendido pelos positivistas e republicanos mais radicais, como se destacou em uma das passagens da *Revista do Clube*:

A separação da Igreja do Estado, a liberdade de cultos, são outros tantos passos agigantados do patriótico Governo Provisorio que, com esses importantíssimos feitos, libertou a consciencia individual da imposição dogmatica do catholicismo e collocou o Estado na esphera independente e soberana das suas attribuições temporaes. (REVISTA DO CLUBE, 1890, n. 21, p. 3).

O lado católico se organizou de modo a reagir a esse contexto liberal e ganhou força com a criação da Diocese de Curitiba, pela bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, do Papa Leão XVIII de 1892, mas efetivada em 1894. (WACHOWICZ, 1993, p. 66). Na mesma época, também houve a introdução de novas Ordens e Congregações e o estabelecimento do Seminário e de colégios confessionais. (BALHANA, 1990, p. 4). Cabe lembrar que, em âmbito internacional, o catolicismo passava por um processo de consolidação. Nessa mesma época, o papa Pio IX reforçara a autoridade do Papado, com a proclamação da infalibilidade pontifícia pelo Concilio Vaticano I. (BALHANA, 1990, p. 3).

Do outro lado, os anticlericais curitibanos também se mobilizavam, sobretudo por meio da imprensa. Nesse contexto, *O Cenáculo* surgira imbuído não

apenas de sua função literária, mas também anticlerical. Entre as principais críticas, estavam as relativas ao ensino religioso, à vida conventual, à frequência ao confessionário, à eucarística, ao casamento religioso e à presença de ordens religiosas no Brasil.

Dario Vellozo, líder do grupo de *O Cenáculo*, acusava o movimento clerical de atentar contra o livre-arbítrio e a livre consciência, disseminando superstições, aspectos que, a seu ver, representavam um retrocesso no processo da evolução intelectual da sociedade. Júlio Pernetta, ao lado de Vellozo, também esteve à frente da causa anticlerical em Curitiba. Sua obra *Monarquia e Clero* (1897) é um importante testemunho para aqueles que analisam esse embate. Nela, Pernetta condena a Igreja e a monarquia – representada, na obra, pela metáfora das trevas – e defende o Estado laico para o progresso da nação. De acordo com suas palavras “os padres não se podem reconciliar com o progresso, porque o progresso é a luz e elles vivem nas trevas, porque o progresso é a verdade scientifica e a egreja de Roma se mantem ainda na ignorância do povo”. (PERNETTA, 1897, p. 12).

Assim, no contexto linguístico em questão, não apenas Júlio Pernetta, mas o grupo de anticlericais reunido em torno de *O Cenáculo* vinculava o catolicismo ao antirrepublicanismo e, por isso mesmo, a luta assumia não apenas conotações religiosas, mas sobretudo político-ideológicas.

A resposta católica também foi expressa via imprensa, com o jornal *Estrella* que circulou em Curitiba, entre abril de 1898 e agosto de 1905.

Nesse embate, os periódicos anticlericais curitibanos se sucederam como o *Jerusalém*, que circulou entre setembro de 1898 a junho de 1902 e foi escrito por Júlio Pernetta e Dario Vellozo. Além desse, também foi criado o *Esphynges* (1899)<sup>49</sup> e, posteriormente, o *Electra*,<sup>50</sup> folha que representa o auge do anticlericalismo no Paraná, mantida pela Liga Anticlerical Paranaense, fundada em 1901. O *Electra*, em seu editorial, afirmava-se contra “os reacionários, ultra-montanos, o jesuitismo dissolvente, o clericalismo rasteiro, contra, enfim, todos os inimigos da Razão, da Ciência, do Progresso, da Justiça, da Caridade, da Liberdade, da Família, da Pátria e da Humanidade” (ELECTRA, 1901, n. 1, *apud* BALHANA, 1990, p. 63).

---

49 Órgão independente, dedicado ao ocultismo e à maçonaria.

50 Órgão da Liga Anticlerical Paranaense que circulou entre 1901 e 1903. De distribuição gratuita, tinha como redatores Generoso Borges, Ismael Martins, Euclides Bandeira e Leite Júnior.

Além da revista *Electra*, surgem outras com posturas literárias e anticlericais mais radicais, como a *Penna* e *Pallium*, porém sempre bastante efêmeras em razão da limitação de recursos.

Especificamente, no caso da *Revista Clube*, podemos dizer que, com exceção de alguns artigos, o embate entre clericais e anticlericais encontra-se implícito, sendo notado na segunda fase do periódico, isto é, a partir do ano de 1894. Antes disso, na primeira época da revista, todos os números apresentam, como destaques de primeira página, artigos assumidamente católicos cristãos<sup>51</sup>. Neles pregava-se às crianças a favor da família, da religião e da educação cristã.

As passagens em que se nota o discurso anticlerical de maneira mais explícita são as de autoria de Júlio Pernetta, marcadas ora pelo tom jocoso, ora áspero, com que trata as festividades católicas. Em uma das passagens sobre os festejos de Santo Antônio, o autor menciona o sincretismo religioso das festividades de junho. Ao mesmo tempo, afronta às doutrinas religiosas católica e kardecista. Sobre a festividade de Santo Benedito, Pernetta critica o fato de ela ter ocorrido em Curitiba e questiona:

Porque não procuraram Paranaguá que é uma cidade de hereges, onde o protestantismo tem avassalado todos os lares com o impeto de agoas represas? Tindiquera onde todos os sabbados em plena luz do sol, celebram com grande pompa a Missa Negra de Huysmans?  
O Ceo está em festa, o ceo está em festa, ardem constellações em candelabros de marfim e ouro.  
E a terra de luto, Coritiba mettida n´um pierrot de lama.  
(REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 17, p. 3).

Essa passagem datada do período pós-revolucionário revela que, para o artista, aquele era um momento inoportuno para as comemorações cristãs. Expressa a ideia do descaso da Igreja para os acontecimentos políticos na percepção do autor.

Para além da questão anticlerical, a segunda fase da revista, sensivelmente mais literária, também apresenta forte vaga espiritualista, que nos remete a uma espécie de “religiosidade heterodoxa”, para utilizar uma expressão de Eric Hobsbawm (2001).

---

<sup>51</sup> Apesar de não serem assinados, provavelmente foram escritos pelo padre Alberto Gonçalves, que integrava o corpo de redatores da *Revista* e, segundo Carlos Balhana (1990), posicionou-se a favor dos clericais.

Essa heterodoxia advém do fato de muitas passagens remeterem a credos diferenciados, ora espíritas kardecistas, ora místicos ou ocultistas. Conforme explica Hobsbawm, a religião permeou os ambientes letrados de muitos centros urbanos do mundo ocidental do século XIX. Nessa época, surgiu o interesse pelas ciências ocultas, pela magia e por várias versões do misticismo.

Esse retorno à religiosidade e ao mistério pode ser entendido a partir da própria orientação assumida por esses escritores no *fin-de-siècle*, simbolista e decadentista, extremamente melancólica, individualista e existencial, como já visto anteriormente. Na revista, fica bastante evidente a proximidade da orientação literária simbolista ao tema do misticismo e do ocultismo, especialmente, em passagens como esta, em que Dario Vellozo afirma que:

O Artista faz-se vidente e, como os Occultistas da Edade Media, tem os olhos volvidos para o [...] Mysterio... Sonha, compreende que é preciso sonhar; compreende que é preciso evolver a Humanidade para uma etherea região [...]. (REVISTA DO CLUBE, 1897, n. 12, p. 1).

Em outra passagem, uma carta a Domingos Nascimento publicada na *Revista do Clube*, Dario Vellozo prevê, entusiasticamente que “a arte de amanhã se acentuará no século XX, voltada para o Além e para o Mystério.” (REVISTA DO CLUBE, 1898, n. 6, p. 1).

Essa tônica religiosa e mística encontrada nas passagens da *Revista do Clube*, especialmente em sua segunda fase, permite-nos analisar seus redatores e colaboradores a partir do estudo de Antônio Cândido sobre o Romantismo brasileiro, concebendo-os como estando muito próximos à estética romântica o que justificaria a tônica religiosa de seus discursos. O próprio autor destaca que o Simbolismo seria uma vertente radical do romantismo ao afirmar que “nas manifestações que sucedem ao Romantismo – muitas delas continuando-o, quase todas andando na estrada por ele aberta –, essas tendências são levadas ao extremo, como no Simbolismo e várias correntes modernistas.” (CÂNDIDO, 1981, p. 25).

Conforme o mesmo autor, “todos os românticos, com poucas exceções, manifestam um ou outro avatar do sentimento religioso, desde a devoção caracterizada até um vago espiritualismo quase panteísta.” (CÂNDIDO, 1981, p. 25). No caso dos escritores aqui analisados como Júlio Pernetta, em seus escritos satanistas, Leôncio Correia, em seus poemas espiritualistas, Dario Vellozo, com

produções ligadas ao esoterismo e ao ocultismo, tal como Silveira Neto; todos esses conferiram à *Revista do Clube*, especialmente em sua segunda fase, certa religiosidade eclética e heterodoxa. Apesar de outros escritores, como Emiliano Pernetta, Ermelino de Leão e Azevedo de Macedo, se manterem isentos quanto a esse aspecto, a vaga religiosa que permeia as páginas da revista desde 1894 até 1900 é bastante intensa, ganhando destaque na linha editorial.

Para além do âmbito nacional, Franklin Baumer analisa o aspecto da religiosidade como uma das características do movimento romântico que surgiu na Alemanha setecentista e rapidamente irradiou-se pelas mais diversas regiões do Ocidente. Para o autor, esse movimento foi responsável por despertar uma “renovação religiosa” no pensamento ocidental moderno. Conforme explica, essa renovação assumiu muitas formas, uma das quais foi o misticismo religioso, praticado entre aqueles que “renunciaram à Igreja e inventaram novos deuses e novas mitologias. [...] No entanto, elas se inspiravam num profundo vazio metafísico ocasionado pelo Iluminismo e suas consequências revolucionárias” (BAUMER, 1990, p. 29-31).

A proposta da busca pela religiosidade, tão visível na segunda fase da *Revista do Clube*, expressa o vazio existencial sentido naquele período pós-revolução. A razão e o progresso industrial levaram tais escritores a acreditar que teriam acesso aos segredos do universo. Ao ter suas expectativas frustradas diante da experiência traumática da revolução e diante de notícias de guerras e conflitos que chegavam a todo tempo da Europa imperialista e de outras regiões do país, tais indivíduos viram-se sós em um mundo regido por forças as quais estavam além de seu controle. Nesse momento, a natureza humana começou a parecer menos racional, o conhecimento mais subjetivo e ilusório e a história menos previsível e compreensível.

Podemos identificar, portanto, um aspecto ambivalente, para não dizer, paradoxal da postura desses escritores. Ao assumirem a postura anticlerical, estavam, de um lado, defendendo ideais humanistas e ilustrados como o laicismo do Estado e da sociedade, bem como a liberdade dos dogmatismos católicos. Essa era a postura em torno da qual os escritores aqui considerados estavam reunidos e pela qual se identificavam.

No entanto, por outro lado, sustentavam diferentes atitudes em relação à religiosidade. No âmbito das letras e de suas produções artísticas, muitos deles assumiam declaradamente uma postura romântica, bastante vinculada à religiosidade concebida como posição afetiva, como uma abertura da sensibilidade para o mundo por meio de um espiritualismo mais ou menos definido.

Ciência e religião, nesses discursos, não se excluía mutuamente. No entanto, se tomarmos como exemplo o próprio diretor literário da *Revista do Clube*, Dario Vellozo, é possível identificar que não se sentia à vontade com a ciência acadêmica que “desde que ela rejeitou o método de ensinamento esotérico, [...] foram cerceadas as azas do sonho!... E sem sonho e sem Mysterio não há arte!” (REVISTA DO CLUBE, 1898, n. 6, p. 1).

Além de estar explícita para Vellozo a relação entre “arte” e “mistério”, ou, “literatura” e “misticismo”, nessa passagem também se revela de maneira bastante evidente o ressentimento do poeta no tocante à ciência pragmática e, podemos dizer, positivista que predominou no final do século XIX e início do XX no Brasil. Encontramos aí, então, uma definição da postura daquele poeta e escritor e a razão pela qual teria ele eleito a literatura como porta-voz de suas ideias. Afinal, ela possibilitava a expressão de uma linguagem esotérica e mística que, na sua concepção poderia ser, sim, científica, no entanto não era aceita pelo discurso acadêmico corrente. Dessa visão compactuaram alguns dos escritores da *Revista do Clube*, que apresentam estilos semelhantes ao de Vellozo, como Silveira Neto e, principalmente, Júlio Pernetta que em, suas obras, faz alusões a figuras místicas e, até mesmo, satânicas.

Em referência aos outros escritores, não encontramos uma atitude religiosa que se possa dizer única e válida para todos. Um debate bastante interessante que – não por acaso – inaugura a segunda fase da *Revista do Clube*, ajuda-nos a esclarecer quais os posicionamentos assumidos pelos colaboradores do periódico em relação à religião naquele contexto em que a morte lhes pareceu bastante próxima. O debate datado meses depois que a Revolução Federalista terminara no estado trata de um dos principais dogmas cristãos, o da existência da alma. A própria vivência em campanhas militares ou as notícias que chegavam sobre elas, além das mortes e da violência expressa pelos fuzilamentos, provocaram essa discussão, reproduzida na seção *Cartas Abertas*, publicada entre julho a dezembro

de 1894, e redigida por Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Silveira Neto, entre outros colaboradores da *Revista*. O debate assume o tom de um longo diálogo, presente em vários números da *Revista*, e teve início a partir de uma provocação de Júlio Pernetta. Esse escritor se utilizava da metáfora da flor e de seu perfume para indagar sobre o destino da alma (perfume) depois da morte do corpo físico (flor). Em suas palavras:

Dario

Morta a flor, que é feito do perfume?  
É esta a interrogação que, há dias, brinca nas minhas horas de insomnia. Vou espôr te francamente o que penso sobre esse grande problema: Pois sendo o perfume a alma da flor, e indo todas as almas, segundo as regras das cousas, habitar novos mundos, o perfume da flor, sendo a alma também, deve ter um mundo aonde va habitar; e, se attendermos mais ás theorias de Kardec, deve voltar de novo á Terra e encarnar se em outra flor; Absurdo completo para mim. [...]

Sou de opinião, meo poeta, que depois da morte não se opera em nós outra transformação alem da do esphacelamento dos orgãos, da decomposição completa da materia. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 9, p. 1-2).

Dario não hesita em responder por meio de vocábulos cientificistas, sua crença ao afirmar que:

Se é alma, se é animado de intelligente força, se é composto de certa e determinada especie de moleculas, – agremiação maravilhosa de atomos affinitivos, – reincarnar-se há em outra flor do genero, – a não ser que a alma da flor suba os efeitos da mentepsychose e se transmitta, ou possa transmittir, a outro ser de differente hierarchia animal... (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 10, p. 2-3).

Defendendo o espiritismo kardecista, pede ao colega para não ridicularizar aqueles que acreditam na existência da alma já que o:

Incognoscivel é eterno, e são apenas hypotheticas as mais acertadas opiniões dos demagogos criteriosos [...].

Porque Allan-Kardec seria asnatico burlista, e não sel-o há também Buchner, – que reconhece a existencia de força que movimenta os átomos? Se nos falta o confortativo balsamo da crença, – tenhamos o bom senso lógico de acceitar as hypotheses mais ou menos sensatas, ou de rejeital-as todas.

Se é riddicula a Metaphysica, – tanto o é a espiritualista, como qualquer outra. O materialismo também é metaphysico... [...]. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 10, p. 2-3).

Ainda que muitos desses escritores fossem adeptos das correntes científicas em voga na época, a maioria não abandonou sua religiosidade, do contrário, transformou-a, fato que possibilitou a efervescência de outras doutrinas. Especificamente, a espírita serviu de alento a alguns desses escritores, como Leôncio Correia que deixa transparecer em seus poemas e artigos a espiritualidade cristã e crença na vida após a morte. Sobre essa questão, escreveu uma das páginas da *Revista do Clube*:

[...] quando, Senhor, o meo corpo se ankylosar de todo, absolutamente, e inerte e frio, fôr apoderecer na escura e estreita retorta da revivescencia material, que minha alma se desdobre diante dos Vossos olhos, infinitamente misericordiosos. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 12, p. 7).

A discussão sobre a existência ou não da alma também fora compartilhada por Antônio Braga e Domingos Nascimento. Este último tece considerações sobre o debate, depois de Silveira Neto lhe pedir para se posicionar a respeito. Nascimento, num tom assumidamente cético e científico-experimental, escreve sobre a questão da alma “que, segundo a doutrina transformista, na natureza nada se perde, tudo se transforma; e o que não é natural não existe, porque não tem movimento; porque não é feito de força e matéria”. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 12, p. 1).

Além de Domingos Nascimento e Júlio Pernetta, Antônio Braga também se posiciona ao lado dos mais céticos, afirmando que depois da morte do corpo, isto é, *da flor*, “as moléculas odoríferas evoluem-se, perdem-se no ambiente logo que a flor começa a emurchecer e a seccar”. (REVISTA DO CLUBE, 1894, n. 14, p. 3).

Além desse debate, entre as páginas da *Revista do Clube* há várias passagens em alusão a Kardec, à existência da vida além-túmulo e a outros aspectos dessa nova religiosidade que passara a coexistir com o catolicismo. Os escritores, cada qual com suas crenças, não hesitaram em mencionar outras doutrinas e tecer considerações a esse respeito, sem, no entanto, afirmá-las como verdade absoluta, pois, como afirmara Dario Vellozo:

[...] entendo que só se pode criteriosamente ajuizar da superioridade de uma [...] doutrina quando as demais não nos são desconhecidas e faceis se tornam os estudos comparativos de umas e outras. Como livro de fé, todas as bíblias são boas. (REVISTA DO CLUBE, 1895, n. 4, p. 1).

À medida que se aproxima o final da década de 90 do século XIX, as passagens da revista em alusão ao catolicismo diminuem e ganham destaque notas e artigos sobre o ocultismo com várias alusões à obra de Papus<sup>52</sup>, Stanislas de Guaíta<sup>53</sup> entre outros célebres místicos. Tal aspecto decorre, principalmente, em razão do envolvimento do diretor literário da revista, Dario Vellozo, com os mestres do ocultismo europeu. Partícipe da maçonaria paranaense, Dario Vellozo passara a estudar as doutrinas esotéricas e ocultistas a partir de 1896 influenciado por Jean Itiberê. Em 1899, quando já praticava a maçonaria esotérica, Dario Vellozo entrara em contato com o Groupe Independente de Etudes Esotériques de Paris, dirigido por Papus.

Após sua incursão no ocultismo, Dario Vellozo escreveu uma série de artigos em defesa dessa prática na *Revista do Clube*, em *O Cenáculo* e em *A Esphyngue*. Posteriormente, a partir de meados da década de 90 do século XIX, passou a dedicar-se uma nova doutrina, chamada neopitagorismo. Pautada em um neoespiritualismo, defendia a liberdade de consciência, a justiça, a família e a fraternização humana. Tinha como missão realizar a tríade “liberdade, igualdade e fraternidade”, materializando “o sistema embasado no amor, fé e trabalho”. (CORDIOLLI, 2009, p. 33).

Carlos Balhana afirma que essa doutrina foi baseada nos padrões de sociedade e beleza da Grécia Clássica, o que justifica o fato de os neopitagóricos buscarem reproduzir esses padrões nas artes, nas ideias e no vestuário usado nas festividades. Uma das maiores expressões do neopitagorismo foi as “Festa da Primavera”, cerimônia realizada anualmente na cidade de Curitiba, no Passeio Público. Nela, estudantes “elegantemente vestidas à grega [...] ouviam Emiliano Pernetta recitar trechos da sua Pena de Talião”. (BALHANA, 1990, p. 87).

O auge do movimento neopitagórico deu-se com a criação de seu instituto, fundado em 1909 por Dario Vellozo e Eusébio Silveira da Motta. A ideia havia nascido a propósito de um grande anseio de Dario de reunir seus alunos do Ginásio

---

<sup>52</sup> Gérard Anacleto Vincent Encausse (Corunha, 1865 – França, 1916) mais conhecido como Papus foi um renomado médico ocultista. Formou-se médico na Universidade de Paris e, quando ainda estudante, dedicou-se longamente ao estudo do ocultismo. Dentre suas obras de mais sucesso está o Tratado Elementar de Ciência Oculta de 1883.

<sup>53</sup> Stanislas de Guaíta (1861-1897) foi um poeta e ocultista francês cofundador de uma seita conhecida como Ordem Cabalística da Rosa Cruz.

Paranaense em torno de alguns preceitos do pitagorismo. (LIVRO DE ATAS DO ARQUIVO DO INSTITUTO NEO-PITAGÓRICO, 1914, *apud* BALHANA, 1990, p. 89).

Outro momento importante foi o da transferência do Instituto Neopitagórico para o município de Rio Negro, estabelecendo-se na localidade por eles denominada Nova Krotona. Nela foi fundada a Escola Brasil Cívico, que, além de ofertar as disciplinas curriculares tradicionais, oferecia cursos profissionalizantes de agricultura, comércio, arte e indústria.

Dessa maneira, é possível afirmar que, entre as páginas da *Revista* encontramos impressões diversas de um contexto em que se questionou a existência humana e sua infalibilidade, voltando-se para a busca pelo sagrado como resposta aos anseios existenciais e às desilusões. Em razão de sua fluidez e de seu caráter onírico, a estética simbolista foi a vertente que possibilitou aos escritores da *Revista* exprimir essas questões, inspirada pelas diferentes nuances de religiosidade. Atrelado, muitas vezes, ao ímpeto anticlerical, o ceticismo experimental-científico também se encontra presente em certas passagens, mas já sem a força de outrora, uma vez que, até mesmo as promessas evolutivas da ciência haviam caído por terra diante da experiência do conflito armado.

É interessante notar que uma postura não anulava a outra, de modo que há passagens que, por vezes, nos remetem a uma postura assumidamente cética e anticlerical – como a de Júlio Pernetta –, outras, às vezes em um mesmo número, verificamos passagens em alusão a trechos da obra de Pápus; e, em outras ainda, encontramos a postura cristã-kardecista ou mesmo católica, evidenciando mesmo haver uma religiosidade heterodoxa entre os escritores e colaboradores da *Revista do Clube*. Todos estavam reunidos em torno da defesa do livre-pensamento e contra os dogmatismos. Como já destacamos, essa sensibilidade é mais pujante na segunda fase da *Revista*, em razão das transformações ocorridas na linha editorial, em decorrência do impacto provocado por eventos históricos importantes e o arrefecimento do embate entre clericais e anticlericais. Já na primeira fase do periódico, encontramos passagens predominantemente católicas escritas pelo Padre Alberto Gonçalves, que deixou a *Revista* em 1897. No entanto, mesmo nessa época já é possível encontrar um sincretismo religioso naquelas páginas, como se evidenciou em um artigo de 1893, no qual se afirma que a década de 90 do século

XIX foi um “período de fé”, caracterizado pela “necessidade de se acreditar”. Nesse artigo, lê-se:

[...] um periodo sceptico segue-se sempre um periodo de fé; a um excesso de analyse succede-se outro de synthese; depois de uma era de critica, vem outra de imaginação.

O fatalismo scientifico trouxe naturalmente uma idade de desalento [...]; esta sociedade, sem norte moral, batida pelo vento da sciencia que lhe dizia findar toda a vida quando a morte vinha, acha-se na necessidade de acreditar em uma existencia outra que dê a esta uma causa, uma explicação.

Daqui vem o estado em que todos mais ou menos se encontram querendo uns com Tolstoi achar a felicidade no trabalho manual e no christianismo evangelico, outros com Mme. Blavatsky no theosophismo thibetano, alguns, como Papus, no occultismo ocidental, e outros emfim na magia de Sar Peladan que pretende renovar na essencia e na forma ritual o velho catholicismo. (REVISTA DO CLUBE, 1893, n. 4, p. 2).

## 5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa, que tomou a *Revista do Clube Curitibano* como principal objeto, permitiu constatar, primeiramente, ser o periódico uma fonte bastante rica de indícios dos diferentes movimentos culturais que surgiram na capital paranaense na passagem do século XIX para o XX. Desse contexto, poucas foram as revistas que circularam por um período de uma década, aproximadamente, e que contaram com um corpo de redatores e colaboradores tão numeroso e heterogêneo como a *Revista do Clube*. Além disso, o periódico também apresenta informações históricas sobre uma instituição de importância acentuada para a sociedade curitibana da última década do século XIX, que foi responsável por fomentar parte da vida cultural da cidade, constituindo-se em palco para episódios, saraus e palestras.

A pesquisa acabou direcionando seu foco de análise para os discursos de um núcleo de escritores e sócios do Clube Curitibano que se encontram mais presentes nas publicações da revista. Escritores, jornalistas e professores de expressiva produção na imprensa diária, tais agentes ganharam notoriedade pública e buscaram se legitimar enquanto literatos angariando seu espaço e, também reuniram esforços no sentido de promover as artes e literatura locais propulsionando o desenvolvimento e consolidação do movimento literário conhecido como Simbolismo.

Nos anos iniciais de sua circulação, a revista destinou-se aos sócios e, particularmente, ao público feminino, apresentando artigos com narrativas românticas, notícias sobre os saraus, charadas e pensamentos, o que denota sua função de informar e entreter seus leitores. Também foram encontradas várias passagens sobre as comemorações do Partido Republicano Federal que ocorriam nas instalações do clube, evidenciando haver uma relação bastante próxima entre uma e outra instituição. Tais trechos são mais comuns no período inicial de circulação da revista e se tornam mais raros à medida que finda a década de 1890.

A revista iniciou sua circulação em 1890, em um momento de intensificação na vida urbana da capital paranaense. Desde a década anterior, com a construção da Estrada da Graciosa e da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba e com o crescimento da economia ervateira no Estado, a cidade atraiu artistas e outros

profissionais liberais como os tipógrafos e litógrafos, responsáveis por disseminar naquela capital os conhecimentos técnicos de produção de impressos, tanto em termos editoriais e jornalísticos, quanto gráficos. Contribuições significativas a esse meio foram trazidas pela família Vellozo, que chegou à Curitiba em 1885, vinda do Rio de Janeiro. Cyro Vellozo assumiu a presidência do Clube Curitibano a partir de 1889 e, em sua gestão, foi criada a *Revista do Clube*. Seu filho Dario Vellozo, conhecedor das artes gráficas desde a juventude, foi diretor literário do dito periódico, e conferiu à revista um caráter literário-artístico que possibilitou ao veículo difundir as produções literárias locais além de servir de porta-voz de diferentes discursos que circularam no Paraná no final do século XIX, como o republicanismo, o Simbolismo, entre outros.

Em razão de ter surgido em um contexto de intensas transformações urbanas e tecnológicas, a *Revista do Clube*, particularmente em sua primeira fase, traz à luz discursos pertinentes àquele momento em que se acreditava ter a modernidade chegado a Curitiba. Por essa razão, os discursos veiculados entre 1890 e 1893 apresentam uma ideia de progresso que, por ser tão marcante nos números desses anos, é possível considerá-la como expressão da primeira fase de circulação, posto que ufanista. O vocábulo *progresso* apresenta-se como estando vinculado à ideia da técnica e da tecnologia que impactaram no cotidiano da população local, a mesma que passou a ter contato direto com os automóveis, os gramofones, as litografias a vapor, a luz elétrica, entre outros artefatos considerados, na época, modernos e que se tornaram símbolos do progresso curitibano.

Nos discursos, a ideia de progresso também surge como sinônimo de evolução, razão e ciência, veiculadas pelos princípios positivistas que sustentavam a crença de que a humanidade e, mais especificamente, o Brasil estariam vivenciando um avanço no processo evolutivo rumo à civilização.

Por essa razão, o discurso republicano também aparece nos anos iniciais da revista como estando atrelado à ideia de progresso, uma vez que o novo regime passara a ser defendido por muitos escritores do período como sendo a solução para os diferentes males que assolavam o Brasil da época. Por sua vez, os diferentes sinônimos que o vocábulo “república” assumiu nas passagens da *Revista do Clube* também estiveram diretamente vinculados à ideia de que o país atravessava um período de progresso político. As concepções republicanas

veiculadas pelo periódico revelam sua afinidade profunda com as ideias econômicas, políticas e culturais que se irradiavam da Europa ao longo das três últimas décadas do século XIX. Pudemos detectar uma confluência de orientações filosóficas que ora tendem ao radicalismo, ora buscam no positivismo francês suas diretrizes. Delas são realizadas releituras que buscam explicar a sorte das experiências vivenciadas em solo nacional.

A ideia de república defendida no periódico também revela a adesão dos principais colaboradores e redatores da revista à luta política pela redefinição das estruturas fundamentais do país, buscando abertura à plena integração e participação dos grupos sociais que se mantiveram a estreira dos processos decisórios políticos nacionais.

Ao longo do último capítulo buscamos comprovar ter havido uma ruptura, ou melhor, uma transformação na linguagem e, por sua vez, nos discursos do periódico em análise, que data de 1894, ano em que a cidade de Curitiba foi invadida por tropas de Gumercindo Saraiva no contexto da Revolução Federalista. Tal como buscamos comprovar também, essa ruptura linguística significou a transformação da atitude desses intelectuais em relação à sua sociedade, ao mundo e aos tempos de modernidade.

O primeiro indício dessa ruptura linguística ocasionada pela Revolução foi a transformação de uma linguagem de caráter progressista e otimista no que se refere ao futuro – que marcou a primeira fase da revista – em outra, marcada por uma literatura de crise, cujo sentido encontra-se expresso tacitamente no tom melancólico e pessimista atrelado à estética literária simbolista.

Conseqüentemente, o periódico, após a Revolução, distanciou-se dos assuntos políticos partidários e da proposta editorial de de entreter os sócios com charadas, curiosidades e assuntos diversificados. Assim, a partir de 1894, os números já não mais se direcionam a senhoras da sociedade curitibana, mas aos artistas e àqueles cuja sensibilidade despertou para um tempo de mal-estar e angústias, revelando certa desilusão dos escritores locais quanto ao regime recém instaurado, uma vez que, em nome da nascente República, muitos deles encaminharam-se para a luta armada e, ao final desse conflito, foram surpreendidos com as notícias das execuções de pessoas importantes para o meio local, como no caso do Barão do Serro Azul.

Não é possível afirmar que o descontentamento com a República se encontrasse explícito na segunda fase de circulação. Tampouco, podemos encontrar nela críticas expressivas ao desenvolvimento tecnológico atingido pelo país à época, bem como um posicionamento explicitamente contrário à ciência. No entanto, o entusiasmo pelos artefatos que surgiram com a modernidade, assim como a crença no progresso que marcou a primeira fase da revista, atenuam-se, eclipsados pela dúvida pujante a respeito do futuro naqueles tempos posteriores à revolução, em que as conquistas republicanas ainda não se faziam visíveis, em que o restauracionismo e os conflitos armados em diferentes pontos do território nacional mantinham-se como uma ameaça à paz e à segurança nacionais. A Revolução no estado representou, portanto, um episódio que abalou as certezas tão longamente formuladas e defendidas.

Nesse período de profundos questionamentos políticos e, propriamente, existenciais, a literatura surge na segunda fase de circulação da *Revista do Clube* como a instância capaz de afastar a população dos retrocessos que impediam seu desenvolvimento moral e social, aspecto que não aparece nos discursos da fase anterior, ainda que esta contivesse algumas passagens e fragmentos literários. O que se apresenta na segunda fase da revista, aspecto até então inédito, são discursos que concedem à literatura uma missão social, política e educativa de esclarecimento da população brasileira, discurso que culminou no surgimento de outro periódico, *O Cenáculo*, diretamente vinculado ao Clube Curitibano.

Assim, o discurso que prevalece do contexto pós-revolucionário é a de que a literatura, como expressão genuína da cultura brasileira, permanecia como a instância imune à guerra e às paixões partidárias, e por isso, deveria ser defendida, preservada e cultivada. Era, ainda, um indicador de civilidade dos povos e que o Paraná não deveria permanecer alheio a isso. Ao buscarem a genuína expressão literária paranaense, os defensores dessa ideia passaram a defender suas origens, tradições e expressões artísticas, posicionando-se como intérpretes dessa mesma, além de defenderem a valorização do literato, pois, ele seria o agente responsável por guiar a população nesse processo de desenvolvimento intelectual e cultural. Esse foi mais um indício da ruptura operada no âmbito da linguagem instrumentalizada na *Revista do Clube* decorrente, propriamente, da Revolução de 1894.

A busca pela expressão genuína da cultura brasileira também levou muitos dos escritores da *Revista do Clube* e de *O Cenáculo* a defenderem, naquelas páginas, o indígena como o guardião das tradições ancestrais dos primeiros habitantes das terras que constituiriam o Brasil. Por outro lado, tais escritores se posicionaram contra a ocupação das terras paranaenses por imigrantes europeus, ocupação que teria ocasionado conflitos entre colonos e indígenas como o ocorrido na região de Rio Negro, em 1896, entre estrangeiros alemães e os indígenas da etnia Xokleng.

A partir dessa perspectiva, a *Revista* apresenta de maneira tácita uma crítica bastante aguda à modernidade imigrantista e cosmopolita vislumbrada pelas elites de outrora em seu projeto de implantar no país novas relações sociais de produção, revelando aos seus leitores uma ilusão que ganha força ao lado dos poemas simbolistas e decadentistas que exprimiam um mal-estar com relação ao tempo vindouro.

Entendemos que essa necessidade de busca e defesa das expressões genuinamente brasileiras é outra evidência da transformação linguística evidenciada no periódico do Clube Curitibano, cujos escritores, em um tempo de modernidade “cosmopolita” e imperialista, voltam seus interesses à própria população, tanto a indígena, como a cabocla, de modo a enaltecê-las e educá-las, no temor do esfacelamento da cultura nacional e da perda completa de suas raízes identitárias.

Outro aspecto que também marca a segunda fase de circulação do periódico é a presença da forte vaga espiritualista, entendida como expressão do vazio existencial sentido naquele período pós-revolução. A razão e o progresso industrial levaram os escritores da *Revista do Clube* a acreditar em uma visão otimista sobre o futuro do país. Ao ter suas expectativas frustradas diante da experiência traumática da Revolução – e diante de notícias de guerras e conflitos que chegavam a todo tempo da Europa imperialista e de outros pontos do território nacional – tais indivíduos viram-se sós em um mundo regido por forças as quais estavam aquém de seu controle. Assim, diferentemente da primeira fase da revista em que se tinham apenas artigos católicos, na segunda fase, veiculam-se, lado a lado, passagens kardecistas, místicas, ocultistas e, até, aquelas totalmente céticas, o que também denota ter havido uma mudança linguística no contexto em análise.

Assim, a questão religiosa, a busca pela legitimação do literato e o enaltecimento da importância da literatura desse período, atrelados à defesa da raça e da integridade étnica nacional são temáticas que vieram à tona no período pós-revolucionário, evidenciando ter havido uma mudança profunda na linguagem instrumentalizada pelos escritores e colaboradores da *Revista do Clube*, mudança que significou a transformação da atitude desses intelectuais no tocante à sua sociedade, ao mundo e ao seu próprio tempo.

Em razão de se constituir em um periódico relativamente estável, considerando seus onze anos de circulação, a *Revista do Clube* nos permitiu comprovar a hipótese de trabalho segundo a qual a Revolução Federalista no Paraná impactou profundamente sobre as produções literárias do período. A *Revista do Clube* constitui-se, portanto, em um importante indicador desse impacto, das modificações comportamentais e culturais ocorridas após o período revolucionário em Curitiba – sobretudo com relação aos literatos locais – revelando novos aspectos pertinentes à História social do estado cujo interesse recaia sobre as percepções individuais, os traumas e os silenciamentos expressos em uma perspectiva acentuadamente lírica e transfigurada dos episódios políticos desencadeados nesse contexto.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, A. **Ideias em Movimento**: a geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- AUSTIN, J. **How to Do Things with Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1962.
- BALHANA, A. P. et al. **Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná**. Curitiba: Livraria Editora do Chain/Banco do Estado do Paraná S.A., 1991.
- BALHANA, C. **Ideias em Confronto**. Curitiba: Grafipar, 1990.
- BARROS, R. S. M. **A Ilustração Brasileira e a Ideia de Universidade**. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1896.
- BAUMER, F. **O Pensamento Europeu Moderno**: séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70, 1990, v. II.
- BEGA, M. T. S. **Sonho e Invenção no Paraná**: geração simbolista e a construção de identidade regional. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BORIS, F. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2009.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1984.
- BOCK, K. Teorias do Progresso, Desenvolvimento e Evolução. In: BOTTOMORE, T; NISBET, R. (orgs.) **História da Análise Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, p. 66-117.
- BOURDÉ, G.; MARTIN, H. **As Escolas Históricas**. Porto: Publicações Europa-América, 1983.
- BULLOCK, A. A Dupla Imagem. In: BRADBURY, M.; MCFARLANE, J. **Modernismo**: Guia geral – 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CARVALHO, A. I. de. **Nestor de Vitor**: um intelectual e as ideias do seu tempo. (1890-1930). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

CARVALHO, J. M de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, D. P. **Max Nordau e a Comunicação Social**. Monografia. Bacharelado em Jornalismo. Brasília: UnB, 2005.

CORDIOLLI, M. **O Olhar de um Ponto Diverso**: as gênesis de um idílio – a trajetória de Dario Vellozo (1890-1909). Curitiba: A Casa Anterior, 2009.

CORRÊA, A. S. **Imprensa e Política no Paraná**: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

DE BONI, M. I. M. **O Espetáculo Visto do Alto**: vigilância e punição em Curitiba (1890 – 1920). Tese de doutorado em História, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1985.

DENIPOTI, C. **A Sedução da Leitura**: livros, leitores e história cultural (1880-1930). Tese de Doutorado em História. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1998.

DRABICK, E. **Nova Visão da Nossa História**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

GARDINER, P. **Teorias da História**. Nova York: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

GOMES, A. M. Jacobinos: abordagem conceitual e performática. **Revista Cantareira**. Ed. 13. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/index.php?option=com\\_content&view=article&id=45:jacobinos&catid=34:artigos&Itemid=73](http://www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/index.php?option=com_content&view=article&id=45:jacobinos&catid=34:artigos&Itemid=73)>. Acesso em 25 abril 2013.

GONÇALVES JR., E. B. **A Historia Magistra Vitae no Brasil no Século XIX**: Dario Vellozo e os ensinamentos. Anais do Congresso Internacional de História [online], p. 1002. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/351.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

HAWTHORN, G. **Iluminismo e Desespero**: uma história da sociologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOBSBAWM, E. J. **A Era dos Impérios**. 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Era do Capital**. 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KAMINSKI, R. **O Belo Efêmero, o Gosto Brejeiro**: imagens da vida fugidia nas revistas curitibanas (1900-1920). Disponível em: <[http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos/o\\_belo\\_efemero\\_o\\_gosto\\_brejeiro\\_ima](http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos/o_belo_efemero_o_gosto_brejeiro_ima)>

[gens da vida fugidia nas revistas curitibanas 1910-1920.pdf](#)>. Acesso em: 7 abril 2013.

LAMB, R. E. **Uma Jornada Civilizadora: imigração, conflito social e segurança pública na Província do Paraná (1867-1882)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

LEITE, R. L. O republicanismo na Independência do Brasil: a retórica cívico-humanista de Cipriano Barata. **Ayeres em Discusion: temas clave de historia contemporânea hoy**. Espanha: Universidad del Murcia, Servicio de Publicaciones, 2008.

\_\_\_\_\_. **Texto para a Discussão do Grupo de História Intelectual, História dos Intelectuais e Historiografia**. Inédito. 2012.

LOPES, M. A. L. (org.) **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

LOVEJOY, A. **The Great Chain of Being: a study of the history of an idea**. Cambridge: Harvard University Press, 1933.

MORAIS, F. **Panorama das Artes Plásticas Séculos XIX e XX**. São Paulo: Itaú Cultural, 1991.

NADALIN, S. O. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001.

NEUNDORF, A. **Intelectualidade, fronteiras e identidade**. O Paraná no século XX. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em História. Curitiba: UFPR, 2009.

ODAHARA, R. **A Imprensa Literária no Paraná. (1890-1920)**. Secretaria de Estado da Cultura/ Museu da Imagem do Som: Curitiba, 1997.

OLIVEIRA, L. L. **A Questão Nacional na Primeira República**. Brasiliense: São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, R. C. In: SÊGA, R. A. **Tempos Belicosos**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

PEREIRA, L. F. L. **O Espetáculo dos Maquinismos Modernos: Curitiba na virada do século XIX ao XX**. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Paranismo: o Paraná inventado**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

PEREIRA, M. R. M. **Semeando Iras Rumo ao Progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889)**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PINTO, D. O. **175 anos da Imigração Alemã no Rio Negro: os pioneiros no Paraná**. Mafra/SC: Editora Nosde, 2007.

POCOCK, J. G. A; MICELI, Sergio. (Org.) **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003.

PROSSER, E. S. **Páginas Escolhidas: 150 anos da criação política do paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.

QUELUZ, G. L. **Rocha Pombo: romantismo e utopias (1880-1905)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.

RABELLO, S. **O Itinerário de Sílvio Romero**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.

RIBEIRO, L. C. **Urbanização e Crise Social em Curitiba (1890-1920)**. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1985.

ROCHA, M. B. M. **Matrizes da Modernidade Republicana: cultura, política e pensamento educacional no brasil**. Distrito Federal: Plano, 2004.

RÜSEN, J. Como Dar Sentido ao Passado: questões relevantes de meta-história. **Revista História da Historiografia**, Mariana, n. 2, mar. 2009, p. 163 - 209.

SANTOS, A. C. A. Ideário do Progresso e Cidades: uma Curitiba das primeiras décadas do século xx. **Estudos Íbero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 1, p. 75-94, junho, 1998.

SÊGA, R. A. **Tempos belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

SEVCENKO, N. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 232-269.

SKINNER, Q. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Liberdade Antes do Liberalismo**. São Paulo: Unesp, 1999.

\_\_\_\_\_. **Visões da Política**. Questões Metodológicas. Algés: Difel, 2002.

SILVA, R. História intelectual e teoria política. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 301-318, out. 2009.

SILVA, H. **Nasce a República**. São Paulo: Editora Três Ltda., 1998. (Col. História da República Brasileira).

SUSSEKIND, F. **Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VENTURA, R. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIEIRA, C. E. O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetórias e ideias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar**, 2001, n. 18, p. 53-73.

\_\_\_\_\_. Intelectuais e Discurso da Modernidade na Primeira Conferência Nacional de Educação (Curitiba – 1927). In: BENCOSTA, M. L. (Org.). **História e Cultura Escolar**, 2007.

WACHOWICZ, R. C. **As Moradas da Senhora da Luz**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1993.

WINOCK, M. **O Século dos Intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

## FONTES E DOCUMENTOS

ATAS DA CONGREGAÇÃO da Escola Normal e do Gymnasio Paranaense referentes aos anos de 1900 a 1905; n. 12, Museu Guido Straube, no Colégio Estadual do Paraná.

BLAVASTSKI, H. P. **Glossário Teosófico**. São Paulo: Ground, s. ed.

CARNEIRO, D. **Galeria de Ontem e Hoje**. Curitiba: Vanguarda, 1963.

\_\_\_\_\_. **O Cerco da Lapa e seus Heróis: antecedentes da Revolução Federalista no Paraná**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, [1991] 1904.

CARNEIRO, N. **O Paraná e a Caricatura**. Curitiba: Editora da UFPR/Fundação Teatro Guaíra, 1975.

COELHO, M. **O Paraná Mental: estudo literário**. Curitiba: Livraria Econômica, 1908.

COMTE, A. **Cours de Philophie Positive**. Paris: Bachelier, 1894.

\_\_\_\_\_. **Appel aux Conservateurs**. Paris: chez l'Auteur et chez Victor Dalmont, 1855.

CORREIA, L. **Perfis**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

\_\_\_\_\_. **Barão do Sêrro Azul**. Curitiba: Edição Dr. Dicesar Plaisant, 1942.

\_\_\_\_\_. **Meu Paraná**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1954.

DARWIN, C. **The Origin of Species by Means of Natural Selection**: or, the preservation of favoured races in the struggle for existence. New York: Dover, [2006] 1859.

DECHAND, D. **Voltaire e os anticlericais do Paraná**. Curitiba: Typographia do Der Kompass, 1906.

DIAS, G. O Brasil e a Oceania. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo XXX, p. 7-9.

LEÃO, E. A. **Contestado Norte Paraná-São Paulo**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1903.

\_\_\_\_\_. **Boletim do IHGEP**, v. VLVIII, 1993, p. 27.

\_\_\_\_\_. **A Escola**, Curitiba, n. 1-3, jan./mar., 1910.

\_\_\_\_\_. **A Escola**, Curitiba, n. 7-12, jul./dez., 1910.

\_\_\_\_\_. Subsídios para o estudo dos kaingangues do Paraná. **Congresso Brasileiro de Geografia**. Curitiba: Livraria Econômica, 1910.

\_\_\_\_\_. **História Política do Estado do Paraná**. São Paulo: Capri & Olivero, 1923.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná**. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1926. v. 5.

MAGALHÃES, D. J. G. Os indígenas do Brasil perante a História. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 23, 1860, p. 3-66.

MARTINS, R. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

\_\_\_\_\_. **Terra e Gente do Paraná**. Curitiba: Clichepar, 1995. (Coleção Farol do Saber).

\_\_\_\_\_. **O Paraná Antigo e Moderno**. Curitiba: A Rocha, 1900.

MOREIRA, J. S. **Dicionário Bibliográfico do Paraná**. Curitiba: Museu Paranaense e Imprensa Oficial do Estado, 1957.

MURICY, J. C. A. **Emiliano Pernetta**: subsídios para a história da poesia brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: América Latina, 1919.

NEGRÃO, F. **Genealogia Paranaense**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1926-1950. 8 v.

NICOLAS, M. **100 anos de Vida Parlamentar**: deputados provinciais e estaduais do Paraná – Assembléias Legislativas e Constituintes (1854-1954). Curitiba: [s.n.], 1954.

\_\_\_\_\_. **Vultos Paranaenses**. Curitiba: [s.n.], 1948.

NORDAU, Max. **Paradoxos**. Ed. São Paulo: Cultura Moderna, [1896] 1935.

PARANÁ, S. **Galeria Paranaense**: notas biographicas. Edição comemorativa do 1º centenário da independência do Brasil. Curitiba: Livraria Mundial, 1922.

PERNETTA, J. D. **Edade Moderna**: estudos sociais. Curitiba: [s.n.], 1903.

\_\_\_\_\_. **O Clero e a Monarchia**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1897.

\_\_\_\_\_. **À Pátria**. Curitiba: [s.n.], 1898.

PILOTTO, E. **Emiliano**. Curitiba: Gerpa, 1945.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas** (Org. de Erasmo Pillotto). 4 v. Curitiba: Gerpa, 1945.

\_\_\_\_\_. **Dario Vellozo**: Cronologia. Curitiba: Imprimax, 1969.

\_\_\_\_\_. **Mallarmé**. Tomo II. Curitiba: Imprimax, 1976.

PLAISANT, A. C. **Scenário Paranaense**: descrição geográfica, política e histórica do estado do Paraná. Curitiba: Typographia d'A República, 1908.

POMBO, J. F. R. **O Paraná no Centenário**. (1500-1900). Rio de Janeiro: José Olympio. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, [1980] 1900.

A REPÚBLICA. Curitiba, jan. 1900, n. 9.

REVISTA DO CLUBE. Curitiba: Typografia e Impressora Paranaense , 1890-1912. (Coleção completa).

ROCHA, A. F. **Paraná Intellectual**. Ponta Grossa: Marques, 1919.

RODRIGO Jr. **Paisagem Modernista**. Curitiba: Escola de Artífices, 1941.

ROMERO, S. **Etnologia Selvagem**: estudo sobre a memória, região e raças selvagens do Brasil do Dr. Couto de Magalhães. Recife: Typographia da Província, 1875.

SILVEIRA, T. A. **Tendências do Pensamento Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

\_\_\_\_\_. **Dario Vellozo**: perfil espiritual. Rio de Janeiro: [s.n.], 1921.

SILVEIRA NETO. O Paraná e o Simbolismo. In: \_\_\_\_\_. **Conferências**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1940.

VELLOZO, D. **Obras**. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969.

\_\_\_\_\_. Pátria e República. Conferência realizada em 29 de 1904. In: **Da Tribuna à Imprensa**. Curitiba: Myrto e Acácia, 1915. Publicada em opúsculo.

\_\_\_\_\_. **Da Tribuna à Imprensa**. Curitiba: Myrto e Acácia, 1915.

\_\_\_\_\_. O Habitat e a Integridade Nacional. **IV Congresso de Geografia de Belo Horizonte**. Curitiba: [s.n.], 1920.